

Estudo Histórico e Proposta de Reabilitação da Quinta de Valflores, Loures

Maria Inês Furtado Raimundo de Oliveira Atanásio

Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura Paisagista

Orientadores: Professora Doutora Sónia Maria Loução Martins Talhé Azambuja
Professor Doutor Luís Miguel Cotrim Mateus

Júri:

Presidente: Doutora Ana Luísa Brito dos Santos de Sousa Soares, Professora Auxiliar
do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa.

Vogais: Doutora Maria Cabral Matos Silva Aires Pereira, Professora Auxiliar do Instituto
Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa;
Doutora Sónia Maria Loução Martins Talhé Azambuja, Professora Auxiliar Convidada do
Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa.

Agradecimentos

Aos meus orientadores, Professora Doutora Sónia Talhé Azambuja e Professor Doutor Luís Mateus, por terem aceitado este desafio, pelo apoio no desenvolvimento desta dissertação, pela disponibilidade e pela partilha de conhecimento.

À Câmara Municipal de Loures, por me ter recebido no estágio de três meses (junho a setembro de 2021), no Departamento de Ambiente. À Arquitecta Paisagista Madalena Neves, à Arquitecta Paisagista Sofia Santos e à Doutora Ana Raquel Silva, pela disponibilidade em agendar visitas à Quinta de Valflores e por todos os documentos disponibilizados que permitiram o desenvolvimento desta dissertação.

Ao Arqueólogo Fábio, pela disponibilidade ao mostrar-me e explicar-me cada descoberta feita através das sondagens arqueológicas.

À Presidente da Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria da Azóia, Doutora Cristina Mendes, pela simpatia, ajuda, troca de conhecimentos e disponibilidade demonstrada.

À minha família, principalmente aos meus pais, pela educação, compreensão, carinho e apoio incondicional ao longo destes anos e ao meu irmão, o melhor que eu podia ter, por todo o apoio e pela paciência que (quase) sempre tem comigo.

Aos amigos que a faculdade me deu, em especial à Mafalda Barros e ao Manuel Lopes, essenciais neste longo percurso.

Aos meus amigos de sempre: Beatriz, Diogo, Eduardo, Gonçalo, Marta, Pedro e Ricardo, pelo apoio nos momentos menos bons, mas principalmente por terem repleto a minha vida de momentos incríveis.

Ao Gui, pela muita paciência nos momentos de desespero, pela compreensão, por todo o carinho e por acreditar que é sempre possível (eu) superar todos os desafios.

Resumo

O concelho de Loures, localizado entre Lisboa e Vila Franca de Xira, apresenta um conjunto de características que, juntamente com a proximidade com o rio Tejo, promovem, desde épocas longínquas, condições ideais para a fixação de população. Como tal, desde o século XVI, que esta região constituiu uma das áreas eleitas para o estabelecimento de quintas nos arredores de Lisboa como local de lazer e recreio.

É o caso da Quinta de Valflores, uma quinta de recreio renascentista edificada a mando de Jorge de Barros (?-1562) em meados do século XVI, na povoação de Santa Iria da Azóia. Com mais de quatro séculos de história, esta propriedade que experienciou períodos de construção, transformação e de muita degradação, conseguiu chegar até nós e mantém o seu carácter patrimonial.

Apesar de reduzida a uma área de aproximadamente 4,5 hectares, devido à pressão urbanística na sua envolvente, e abandonada durante anos, esta quinta preserva os elementos mais característicos das quintas de recreio em Portugal, a casa nobre/palácio, o sistema hidráulico e o terreno em socacos, onde se desenvolvia o jardim.

Adquirida, em 2005, pela Câmara Municipal de Loures, num estado avançado de degradação, apenas em 2018 se deu início ao Projecto de Reabilitação do Palácio, dividido em três fases. As duas últimas fases estão em curso e dizem respeito ao restauro das coberturas e resolução da drenagem de água da quinta e ao restauro completo de cada divisão da casa senhorial, respectivamente.

A presente dissertação tem como principal objectivo o estudo da história deste património e a elaboração de um Plano Director de Reabilitação, de acordo com os princípios e normas de intervenção em jardins históricos, e promover a ligação entre a Quinta de Valflores e a frente ribeirinha, de modo a valorizar e dinamizar este local de elevado valor patrimonial.

Palavras-chave: Quinta de Valflores, Quinta de Recreio, Reabilitação, Património, Salvaguarda

Abstract

The Loures municipality, located between Lisbon and Vila Franca de Xira, presents a set of characteristics, that when they are combined with the proximity to the Tejo river, has served to promote ideal conditions for the fixation of population since ancient times. As such, since the 16th century, this region constitutes one of the areas that are elected for the establishment of farms as place of leisure and recreation in the outskirts of Lisbon.

This is the case of the Quinta de Valflores, a renaissance ornamental farm built due to an order by Jorge de Barros (? – 1562) in the mid of the 16th century, in Santa Iria da Azóia village. With over four centuries of history, this property experienced periods of construction, transformation, and a lot of degradation, has managed to reach the present times and maintain its patrimonial character.

Although its area was reduced to approximately 4.5 hectares, due to the urbanistic pressure surrounding it, and the fact that it was abandoned for various years, the Quinta de Valflores maintains the most characteristic elements of ornamental farm in Portugal, such as the noble/palace house, the hydraulic system and the terraced terrain, where the garden was developed.

Bought in 2005, by the Town Hall of Loures, in an advanced state of degradation, the Project to Rehabilitate the Palace only started in 2018 and was divided in three phases. The last two phases are in progress and concern the restoration of the coverages, resolution of the water drainage of the farm and the complete restoration of each division of the manor house, respectively.

The main objective of this dissertation is the study of the history of the heritage and the elaboration of a master rehabilitation plan, in accordance to the principles and norms of the interventions in historical gardens, to promote the connection between the Quinta de Valflores and the riverfront, in order to value and dynamize the great patrimonial value that this place has.

Key Words: Quinta de Valflores, Ornamental Farm, Rehabilitation, Heritage, Safeguarding

Índice

Lista de Figuras.....	vi
Lista de Quadros.....	viii
Lista de Peças Desenhadas.....	ix
Introdução	1
Objectivos.....	1
Metodologia	2
Revisão Bibliográfica sobre o Restauro em Quintas de Recreio.....	3
1. Quintas de Recreio.....	7
1.1. Enquadramento Histórico.....	7
1.2. Estrutura	13
1.2.1. Edificado.....	14
1.2.2. Jardim.....	14
2. Caracterização da Quinta de Valflores	21
2.1. Enquadramento Geográfico	21
2.2. Análise Biofísica.....	27
2.3. História da Quinta	32
2.4. O Proprietário.....	39
3. Estudo da Quinta de Valflores	42
3.1. Estrutura Geral Actual.....	42
3.2. Levantamentos dos Elementos Existentes	45
3.2.1. Edificado.....	45
3.2.2. Pavimentos.....	51
3.2.3. Sistema Murário.....	53
3.2.4. Sistema Hidráulico.....	55
3.2.5. Estrutura Verde	61
4. Análise e Diagnóstico	65
5. Proposta.....	69
5.1. Objectivos e Estratégias.....	69

5.2. Plano Director de Reabilitação da Quinta de Valflores.....	70
5.2.1. Percursos Interpretativos	75
Conclusões	79
Referências Bibliográficas	80
Anexos	85

Lista de Figuras

Figura 1: Villa Médici, Fiesole (Fonte: tuscanplanet.com)	9
Figura 2: Villa d'Este, Tivoli (Fonte: europeanhistoricgardens.eu)	9
Figura 3: Serliana - Capela da Quinta dos Marquês de Fronteira (Fonte: besisluxe.com).10	
Figura 4: Serliana - Quinta das Torres (Fonte: vivehotels.com)	10
Figura 5: Villa Capra (Fonte: stock.adobe.com)	11
Figura 6: Planta Quinta da Bacalhoa, Azeitão (Extraído: Carita, 1999, p.54)	13
Figura 7: Planta da Quinta da Ribafria (Extraído: Carita, 1999, p.46)	13
Figura 8: Ilustração de um jardim egípcio (Fonte: jardinsdaalmahumana.wordpress.com) ...	15
Figura 9: Cópia do século XIX, de uma ilustração de um jardim egípcio do 14000.a.C. (Fonte: gardenhistorymatters.com)	15
Figura 10: Quintas em redor da Quinta de Valflores em 1821 (Fonte: Adaptada da Carta Orográfica de Lisboa a Setúbal, 1821)	23
Figura 11: Castelo de Pirescoxe, 2018. (Fonte: Câmara Municipal de Loures)	24
Figura 12: Quintas em redor da Quinta de Valflores em 1902 (Fonte: Adaptada da Carta de Reconhecimento Militar Compreendendo o Terreno desde Vila Franca até ao Arco da Cruz da Pedra Pello Major Engenheiro. Governador de Sacavém Lourenço Hom da Cunha/ d'Eça, 1902)	24
Figura 13: Localização da Quinta de Valflores e das Marinhas em Santa Iria da Azóia (Fonte: Adaptada de Planta de Cadastro, 1951)	25
Figura 14: Localização da Quinta de Valflores no traçado da estrada romana Olissipo-Scallabis (Fonte: Pimenta, J. (Coord.), 2012. p.8 e Google Earth)	27
Figura 15: Mapa Hipsométrico (Fonte: Autora, a partir de dados disponíveis em: EPIC WebGIS)	28
Figura 16: Mapa de Declives (Fonte: Autora, a partir de dados disponíveis em: EPIC WebGIS)	28
Figura 17: Mapa de Exposições (Fonte: Autora, a partir de dados disponíveis em: EPIC WebGIS)	29
Figura 18: Mapa Hidrográfico (Fonte: Autora, a partir de dados disponíveis em: EPIC WebGIS)	30
Figura 19: Geologia de Valflores (Fonte: Carta Geológica de Portugal, 1996, folha 34-B, 1:50 000)	30
Figura 20: Percorso Quinta de Valflores – Igreja de Santa Iria da Azóia (Fonte: Arquivo ADPAC e Google Earth)	35
Figura 21: A Rua Nova dos Ferros (ou dos Mercadores), Lisboa. Segunda metade do século XVI, Mestre Desconhecido. Pintura a óleo sobre madeira. Londres, Kelmscott Manor	

Collection – Society of Antiquaries of London. © Kelmscott Manor Collection – Society of Antiquaries of London. (Extraído: Azambuja, 2021, p. 431)	39
Figura 22: Escadaria perto do portal, Quinta de Valflores © Autora, 2021	42
Figura 23: Ornamentos na face poente do aqueduto da Quinta de Valflores © Autora, 2021	43
Figura 24: Motivos decorativos na abóboda de um torreão do Castelo de Pirescoxe (Fonte: facebook.com/QuintaDeValeDeFlores)	43
Figura 25: Aqueduto de cima. Quinta de Valflores © Autora, 2021	44
Figura 26: Aqueduto de cima. Quinta de Valflores. Anos 60, do século XX © Miguel Ramalho (Fonte: facebook.com/QuintaDeValeDeFlores)	44
Figura 27: Local de encaixe das traves no aqueduto, Quinta de Valflores © Autora, 2021 ..	44
Figura 28: Muro adjacente ao tanque recente, Quinta de Valflores (Fonte: Arquivo ADPAC)	45
Figura 29: Vestígios da presença de latada, Quinta de Valflores (Fonte: Arquivo ADPAC) ..	45
Figura 30: Casa de Valflores © Henrique José, 1978 (Fonte: facebook.com/QuintaDeValeFlores)	46
Figura 31: Loggia destruída, início do século XXI, Quinta de Valflores (Fonte: adaloures.pt)	47
Figura 32: Planta de uma habitação projectada por Sebastiano Serlio (Fonte: Serlio, 1547-1550. p.14)	48
Figura 33: Planta da Casa de Valflores (Fonte: Pereira, 2020)	48
Figura 34: Castelo de Leiria (Fonte: regiaodeleiria.pt/)	48
Figura 35: Abóbodas da Capela dos Barros- Igreja de Santa Iria da Azóia © Autora, 2021 ..	49
Figura 36: Abóbodas da capela da Quinta de Valflores (Fonte: Arquivo ADPAC, 2011)	49
Figura 37: Painel de Azulejos na capela funerária da Igreja Matriz de Santa Iria da Azóia (Fonte: facebook.com/QuintaDeValeDeFlores, 2011)	49
Figura 38: Azulejos da capela da Quinta de Valflores (Fonte: facebook.com/QuintaDeValeDeFlores, 2012)	49
Figura 39: Vão da janela com uma concha (Fonte: facebook.com/QuintaDeValeDeFlores, 2011)	50
Figura 40: Dependência de apoio da Quinta de Valflores © Autora, 2021	50
Figura 41: Pavimento em tijoleira, Quinta de Valflores © Autora, 2021	51
Figura 42: Pavimento em calçada de seixo rolado, Quinta de Valflores © Autora, 2021	51
Figura 43: Poço (P1) e Aqueduto de Cima (A1), Quinta de Valflores © Autora, 2021	55
Figura 44: Caleira da galeria subterrânea, Quinta de Valflores © Autora, 2021	56
Figura 45: Último troço da galeria subterrânea, Quinta de Valflores © Autora, 2021	56

Figura 46: Vestígios dos tanques (T1 e T2), Quinta de Valflores © Autora, 2021	57
Figura 47: Vestígios bica do tanque T1, Quinta de Valflores © Autora, 2021.....	57
Figura 48: Aqueduto de Baixo (A2), Quinta de Valflores (Fonte: facebook.com/QuintaDeValeDeFlores/)	57
Figura 49: Tanque (T3), Quinta de Valflores © Autora, 2021	58
Figura 50: Bica do Tanque (T3), Quinta de Valflores © Autora, 2021	58
Figura 51: Antigo tanque - espelho de água, Quinta de Valflores (Fonte: Arquivo ADPAC) ..	58
Figura 52: Bica do antigo tanque, Quinta de Valflores (Fonte: Arquivo ADPAC)	58
Figura 53: Tanque recente (T4) © Autora, 2021	59
Figura 54: Diagrama interpretativo da estrutura verde da Quinta de Valflores ao longo do tempo (Fonte: Autora, 2022).....	64
Figura 55: Delimitação das áreas de intervenção (Fonte: Autora, 2022)	70

Lista de Quadros

Quadro 1: Levantamento dos muros existentes na Quinta de Valflores em 2021 (Fonte: Autora)	53
Quadro 2: Levantamento da Vegetação mais significativa da Quinta de Valflores em 2021 (Fonte: Autora)	61
Quadro 3: Análise SWOT da Quinta de Valflores em 2021 (Fonte: Autora).....	65

Lista de Peças Desenhadas

Peça Desenhada 01- Planta de Localização	22
Peça Desenhada 02- Desenvolvimento Urbano de Santa Iria da Azóia e Evolução da área da Quinta de Valflores	38
Peça Desenhada 03- Elementos Construídos, Pavimentos Existentes e Circulações Preferenciais.	52
Peça Desenhada 04- Levantamento da Estrutura Murária e Interpretação da Estrutura Murária Original	54
Peça Desenhada 05- Levantamento do Sistema Hidráulico e Interpretação do Sistema Hidráulico Original	60
Peça Desenhada 06- Levantamento Botânico Existente	62
Peça Desenhada 07- Plano Diagnóstico e Análise SWOT	68
Peça Desenhada 08- Plano Director de Reabilitação da Quinta de Valflores.....	76
Peça Desenhada 09- Plano de Percursos da Quinta de Valflores	77
Peça Desenhada 10- Plano de Percurso Parque Urbano de Santa Iria da Azóia - Quinta de Valflores – Frente Ribeirinha	78
Peça Desenhada 11- Hidrografia na área envolvente da Quinta de Valflores.....	87
Peça Desenhada 12- Sistema de Vistas	88
Peça Desenhada 13- Cortes do Existente	89
Peça Desenhada 14- Plano de Plantação de Árvores e Arbustos	90
Peça Desenhada 14b- Plano de Plantação de Árvores e Arbustos (canteiros).....	91
Peça Desenhada 15- Plano de Plantação de Herbáceas e Sementeiras	92
Peça Desenhada 16- Simulações I	94
Peça Desenhada 17- Simulações II	95
Peça Desenhada 18- Simulações III.....	96

Introdução

A presente dissertação estuda a Quinta de Valflores, uma quinta de recreio do século XVI, localizada no concelho de Loures, na povoação de Santa Iria da Azóia. Primeiramente através de um enquadramento geral das quintas de recreio e seguidamente pela caracterização detalhada do local, constituída pela sua história e pelo levantamento dos seus constituintes, de modo a realizar uma proposta que vise a sua valorização.

A Quinta de Valflores obedece a todas as características presentes nas quintas de recreio da época, inspiradas pelo modelo das *villae suburbanas*: sistema de vistas, casa nobre com características intrinsecamente ligadas ao renascimento italiano, dependências, recursos hídricos, hortas e pomares e horto de recreio (que neste caso não se sabe ao certo se chegou a existir). Porém, foi um espaço que deixou de ter o seu uso inicial, residencial e de recreio, na segunda metade do século XX, entrando num acentuado estado de abandono e decadência.

A escolha deste local surgiu da oportunidade de estagiar, durante três meses (junho a setembro de 2021), no Departamento de Ambiente, na Câmara Municipal de Loures, proprietária da Quinta de Valflores desde o ano de 2005, no âmbito da reabilitação da mesma. A autarquia, através do cofinanciamento do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), conseguiu obter verbas que permitirão uma reabilitação total da casa e do aqueduto principal, que está prevista terminar no próximo ano. No entanto, os espaços exteriores à residência nobre, isto é, o jardim, não está contemplado no projecto.

Esta dissertação surge da necessidade de se intervir nesta quinta de recreio de modo a preservar as características originais e recuperar os usos primordiais, respeitando o seu valor patrimonial e concretizar-se-á com a proposta de um Plano Director de Reabilitação, seguindo os princípios que visam a valorização e dinamização deste património. À presente data, a proposta sobre os espaços não edificáveis deve ser flexível de modo a acolher o que venha a ser o programa final da Quinta de Valflores.

Objectivos

O estudo desta quinta tem como objectivo a elaboração de um Plano Director de Reabilitação, que restaure os seus valores e características originais. Este, será desenvolvido através de uma cuidadosa análise e seguindo os princípios enunciados nas cartas sobre o restauro de Jardins Históricos, de modo a respeitar o carácter patrimonial da Quinta de Valflores. Pretende-se, ainda, adaptar funcionalmente a quinta ao seu território e promover a ligação desta com o estuário do Tejo.

Dever-se-ão determinar algumas questões que auxiliem a partida para o desenvolvimento deste trabalho. Essas perguntas são:

- Qual a importância da Quinta de Valflores e porque será importante reabilitá-la?
- Como intervir nesta quinta de recreio do século XVI, dando-lhe uma nova vida, mas preservando a sua memória?

As respostas a estas questões resultarão no Plano Director de Reabilitação da Quinta de Valflores, para que este espaço, com mais de quatro séculos de história, seja conhecido, por quem ainda não o conhece, reconhecido por quem conhece e que venha a ser de novo vivido por todos os que o visitem.

Metodologia

No presente trabalho optámos por uma metodologia de investigação qualitativa, utilizando o método científico estudo de caso, de modo a aprofundar os nossos conhecimentos sobre o objecto de estudo para atingirmos o objectivo desta dissertação, a elaboração de um Plano Director de Reabilitação. As principais fases e processos em que se desenvolveu foram as seguintes:

1. Estudo – É realizada uma revisão bibliográfica sobre o restauro em quintas de recreio com recurso a fontes primárias e secundárias. De seguida e utilizando o mesmo recurso é realizado um estudo referente às quintas de recreio, de forma compreender esta tipologia de quinta onde se insere a Quinta de Valflores. É, também, necessário fazer uma caracterização detalhada da Quinta, esta é feita com apoio de documentos cedidos pela Câmara Municipal de Loures, bases cartográficas e complementarmente com a utilização da ferramenta ArcGis para a elaboração de diferentes cartogramas, de modo a compreender a paisagem onde se insere. Com recurso a testemunhos, fotografias e documentação antiga conhecemos a história da quinta. Por último é feito um estudo do estado actual da quinta, sustentado por visitas de campo e por levantamentos realizados, mas também já existentes (levantamento topográfico cedido pela Câmara Municipal de Loures e levantamento por varrimento laser 3D realizado pela Faculdade de Arquitectura de Lisboa).

2. Diagnóstico – Nesta fase, com base em toda a informação recolhida, é realizada uma Análise SWOT, que visa conduzir às estratégias de intervenção do Plano Director de Reabilitação.

3. Proposta – É elaborado o Plano Director de Reabilitação, sustentado por todo o trabalho realizado, segundo os princípios enunciados pelas Cartas de Convenções Internacionais sobre património paisagístico e com a utilização de desenhos assistidos por computador, tanto em 2D como 3D.

Relativamente à estrutura encontra-se organizado em cinco capítulos sequenciais. No primeiro capítulo é feito um enquadramento histórico e é analisada a estrutura das quintas de recreio. No segundo capítulo é realizada a caracterização da Quinta de Valflores, nomeadamente a nível do seu enquadramento geográfico, da análise biofísica do local onde se insere, da análise histórica, desde a sua construção até aos nossos dias, de forma a compreender a evolução deste património ao longo dos tempos. É, ainda, realizado um pequeno estudo sobre o seu fundador, com o intuito de perceber o que o levou a mandar edificar esta Quinta de Recreio. No terceiro é feita uma descrição detalhada do espaço, nomeadamente dos edifícios e elementos naturais que a constituem, bem como as funções e utilizações actuais. No quarto capítulo, com base nos estudos realizados anteriormente, surge a análise crítica, de modo a identificar os pontos fortes e os pontos fracos internos, assim como as oportunidades e ameaças externas existentes. O último capítulo apresenta o Plano Director de Reabilitação, com propostas de restauro, recuperação, reconstrução e valorização, plano de percursos propostos, plano de plantação de árvores e arbustos, plano de plantação de herbáceas e sementeiras e simulações.

Revisão Bibliográfica sobre o Restauro em Quintas de Recreio

“Um jardim histórico é uma composição arquitectónica e vegetal que do ponto de vista histórico ou artístico apresenta um interesse público. Como tal, deve ser considerado como sendo um monumento.”² Dada a importância histórico-cultural dos jardins históricos é essencial que haja normas que os salvaguardem, das antigas formas de conservação realizadas pelos nossos antepassados, donos e gestores de jardins privados que os conservavam de diferentes formas e os alteravam conforme queriam.³

O primeiro documento internacional elaborado com diretrizes gerais de orientação ao restauro foi a Carta de Atenas, em 1931.⁴ Apesar de ser relativa aos princípios básicos para a preservação e restauro de edifícios antigos, já refere, no artigo 3º, a necessidade de se conservar os jardins que fazem parte dos monumentos: “Há também a necessidade de estudar as plantações e ornamentações vegetais adequadas a certos monumentos ou conjuntos de monumentos para que lhes conservar o seu carácter antigo.”⁵

Anos mais tarde, em 1964, é elaborada a Carta de Veneza, ICOMOS, que integra os

¹ Carmen Añón, «El Jardín Histórico: Notas para una Metodología Previa al Proyecto de Recuperación», *In ICOMOS. Madrid: Journal Scientifique*, 1993, 312–24.

² «Carta de Florença», 1982.

³ Ana Pessoa, Douglas Fasolato, e Rubens de Andrade, *Jardins Históricos - Gestão e Preservação do Património Paisagístico* (Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015).

⁴ Everaldo Batista da Costa, «Património e território urbano em cartas patrimoniais do século XX», *Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia*, n. 93 (2012): 5–28.

⁵ Carta de Atenas, 1931, <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeAtenas.pdf>.

princípios orientadores da conservação e do restauro. Apesar do seu indiscutível valor, a carta não menciona jardins históricos, e, segundo Rute Matos, “Para que fosse possível a sua aplicação aos jardins históricos era necessário introduzir modificações, uma vez que as paisagens históricas aí consideradas eram definidas segundo o conceito de monumentos históricos, nomeadamente obras de arquitectura no espaço rural ou urbano, onde se encontravam evidências de uma cultura particular, de um desenvolvimento especial, ou de um acontecimento histórico.”⁶

Só em 1981 é que surge a carta sobre a salvaguarda dos jardins históricos, a Carta de Florença, apresentada pelo ICOMOS-IFLA. Esta carta foca-se na necessidade de haver uma listagem de jardins históricos e dá instruções filosóficas para a sua gestão, conservação, restauro e reconstrução. O Artigo 2.º desta Carta define o jardim histórico como “uma composição arquitetónica cujos constituintes são principalmente vegetais e, portanto, vivos, o que significa que eles são perecíveis e renováveis”.⁷

A Carta de Burra (Carta Australiana do ICOMOS para conservação de Lugares de Significância Cultural de 1979) foi elaborada com base nos princípios da Carta de Veneza, adaptada aos requisitos australianos.⁸ Esta carta contém uma lista de definições, que inclui conservação, manutenção, gestão, preservação, restauro, reconstrução, adaptação e uso compatível do local.

Em 1980, depois de diversos contactos do ICOMOS-Internacional com vista a se formar no nosso país uma comissão nacional, foi criada em Portugal a Comissão Nacional Portuguesa (ICOMOS-Portugal). Esta comissão tem como missão promover a conservação, a protecção, a utilização e valorização dos monumentos, conjuntos e sítios.⁹

No âmbito da recuperação de jardins históricos são muitos os termos usados, como restauro, reconstrução, conservação, reabilitação, entre outros. Assim sendo, é importante que seja feita uma clarificação destes conceitos para evitar que se confundam.

Restauro, segundo a Carta de Burra é o procedimento de retorno do material (inerte e vegetal) “existente de um sítio, a um estado anterior conhecido, pela remoção de acrescentos ou por reunião dos componentes existentes, sem a introdução de material novo”¹⁰ ou segundo o Artigo 9.º da Carta de Veneza é a “(...) operação altamente especializada que deve ter um carácter excecional. Destina-se a preservar e a revelar os valores estéticos e históricos dos monumentos e baseia-se no respeito pelos materiais originais e por documentos autênticos.”¹¹

⁶ Rita Gomes, «Directrizes fundamentais para processos de adaptação em jardins históricos. Proposta para a Quinta de São Lourenço» (Relatório do Trabalho de Fim de Curso da Licenciatura em Arquitetura Paisagista, Lisboa, Universidade de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, 1997). p.17

⁷ «Carta de Florença».

⁸ Kristīne Dreija, «Historic Gardens and Parks: Challenges of Development in the Context of Relevant Regulations, Definitions and Terminology», *Mokslas - Lietuvos ateitis* 4 (2012): 167–75, <https://doi.org/10.3846/mla.2012.30>.

⁹ «História», ICOMOS - Portugal, acedido 27 de Março de 2022, <https://www.icomos.pt/o-que-e-o-icomos/historia>.

¹⁰ Austrália ICOMOS, «Carta de Burra», 1999, <https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf>

¹¹ «Carta de Veneza», 1964.

Reconstrução é “a reversão de um sítio a um estado anterior conhecido e distingue-se do restauro pela introdução de material novo na fábrica”.¹² No mesmo artigo, a Carta de Burra menciona ainda que “o material novo pode incluir materiais reciclados recuperados de outros sítios” e que esta ação não deve prejudicar qualquer outro local com significado cultural.

Recuperação é a “atuação que visa impedir a extinção de um local ou momento ou jardim, devolvendo-lhes a sua integridade e funcionalidade, não sendo obrigatoriamente uma operação de retorno ao que, em tempos, existiu: inclui operações de reabilitação.”¹³

Reabilitação diz respeito ao conjunto de ações que devolvam a um determinado local, a(s) aptidão(ões) perdidas ou atribuam novas aptidões. Inclui operações de restauro e reconstrução.¹⁴

Conservação, de acordo com o Artigo 1.4 da Carta de Burra, diz respeito aos “processos de: retenção ou reintrodução de um uso; retenção de associações e de significados; manutenção, preservação, restauro, reconstrução, adaptação e interpretação; e costuma incluir, habitualmente, uma combinação de mais do que um deles”¹⁵ por forma a que o sítio retenha o seu significado cultural. Segundo John Sales a conservação não é uma solução rápida, mas sim um processo a longo prazo. Este processo está relacionado com a avaliação do valor total e o significado do existente, e o objetivo é a transferência de máxima significância, das características e qualidades mais importantes, na transição do passado para o futuro.¹⁶

Preservação também segundo a Carta de Burra, Artigo 1.6 “significa manter-se a *fábrica* de um *sítio* no seu estado existente e retardar-se a sua deterioração.”¹⁷

A manutenção consiste no conjunto de medidas indispensáveis à conservação do jardim: “A manutenção e a evolução de um jardim estão intrinsecamente aliadas. (...) A implementação de um plano de recuperação só é possível se existir conjuntamente uma manutenção que explicita a conciliação de interesses”.¹⁸

As metodologias integram estratégias e técnicas que facilitam a proposta de restauro. “À utilização de uma metodologia deverá estar sempre associada uma técnica rigorosa e uma definição de critérios de intervenção que não se baseiem apenas em factores intuitivos.”¹⁹

A Arquitecta Paisagista, especialista em jardins históricos, Carmem Añón, desenvolveu uma metodologia de restauro, que ainda nos dias de hoje influencia outras

¹² Austrália ICOMOS, «Carta de Burra».

¹³ Gomes, «Directrizes fundamentais para processos de adaptação em jardins históricos. Proposta para a Quinta de São Lourenço».

¹⁴ Idem

¹⁵ Austrália ICOMOS, «Carta de Burra».

¹⁶ John Sales, «Conserving Historic Gardens», *Journal of Architectural Conservation* 6, n. 2 (2000): 72–84, <https://doi.org/10.1080/13556207.2000.10785271>.

¹⁷ Austrália ICOMOS, «Carta de Burra».

¹⁸ Rute Sousa Matos, «Recuperação de Jardins Históricos em Portugal - Algumas Reflexões» (Évora, Universidade de Évora, 1999). p. 95-96

¹⁹ Sousa Matos. p.99

metodologias de restauro.²⁰

Esta metodologia, intitulada de “*El jardín Histórico: Notas para una Metodología Previa al Proyecto de Recuperación*”, está assente em importantes princípios de recuperação de jardins históricos: a fidelidade à origem do jardim, respeitar o tempo, valorizar as contribuições e evitar dissonâncias.²¹ Carmén Añón propõe quatro fases de desenvolvimento:²²

I- Análise e Documentação (análise histórica, com recurso a material gráfico histórico assim como a arquivos, planos de restauro das épocas mais representativas do jardim, quanto mais informação, mais facilidade existe em fazer algo com mais rigor, estudo do estado atual e estudo paisagístico do jardim);

II- Critérios (linhas gerais de atuação);

III- Projecto (definição de trabalhos e fase de trabalho);

IV- Acções complementares (políticas de manutenção).

²⁰ Marianna Gomes Pimentel Cardoso, «Da Preservação à Restauração: Políticas e Métodos Aplicados aos Jardins Históricos», *Paisagem e Ambiente*, n. 38 (2016): 147–63, <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i38p147-163>.

²¹ Añón, «El Jardín Histórico: Notas para una Metodología Previa al Proyecto de Recuperación». p.314

²² *Ibid.*, p.315

1. Quintas de Recreio

1.1. Enquadramento Histórico

Na Idade Média, em Portugal, as quintas caracterizavam-se como espaços exclusivamente agrícolas, no *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, quinta significa: propriedade rústica com casa de habitação, terra de sementeira, fazenda.²³

O termo arcaico do vocábulo quinta (*quintã* ou *quintãa*), correspondia a grandes unidades de território primitivamente sob a posse de um senhor, com características domaniais, não pagando imposto à coroa pelo facto de serem honradas. Este privilégio estendia-se a toda a propriedade do senhor (*dominicum*), mesmo quando estas unidades se separavam e ficavam a pertencer a vários proprietários.²⁴

Estas unidades nem sempre se restringiam a funções de produção e, por vezes, eram simultaneamente utilizadas como espaços de recreio. Segundo Ribeiro, esta dupla utilização das unidades de exploração agrícola, já é descrita desde a Antiguidade Clássica.²⁵

A componente recreativa sempre esteve presente nas diferentes unidades de organização do território, no entanto, com a renovação cultural originada pelo humanismo, esta passa a assumir maior importância, surgindo assim, o conceito de Quintas de Recreio.²⁶ Segundo Aurora Carapinha, a Quinta de Recreio “(...) responde, não tanto a uma necessidade material, mas psicológica – do recreio, do lazer – o que lhe determina uma organização, tanto dos componentes edificados como no espaço de produção, mais complexa, podendo mesmo resultar da imaginação de um arquiteto, e transformando-se em exemplos de grande modernidade.”²⁷

Foi então, a partir do século XVI, século em que se consolida em Portugal a arte renascentista, que as Quintas de Recreio tiveram uma grande expansão, devido à riqueza gerada pelos Descobrimentos e pelo desenvolvimento cultural proveniente do contacto com outros povos e culturas.

Durante o Renascimento, em Itália, o conceito de *villa* foi recuperado da cultura romana da Antiguidade Clássica, onde se distinguiam dois tipos de *villae*: “a suburbana, de modesta escala e onde o seu detentor se deslocava por algumas horas para alcançar o devido repouso,

²³ Luís Paulo Almeida Faria Ribeiro, «Quintas do Concelho de Lisboa, Inventário, Caracterização e Salvaguarda.» (Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Lisboa, Universidade de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, 1992). p.4

²⁴ *Ibid.*, pp.4-5

²⁵ *Ibid.*, p.6

²⁶ Aurora Carapinha, «Da Essência do Jardim Português Vol.I» (Dissertação para a obtenção do grau de Doutor em Artes e Técnicas da Paisagem, Évora, Universidade de Évora, 1995). p.194

²⁷ *Ibid.*, p.203

e a rústica, que fazia parte de uma propriedade agrícola e acomodava a família e o pessoal doméstico durante largos períodos.”²⁸

As *villae* renascentistas, que nasceram à volta das grandes cidades italianas, mantiveram a mesma diferenciação, as rústicas correspondentes a *villae* exclusivamente para produção agrícola e as suburbanas, espaços onde o lazer e prazer se encontram aliados à produção agrícola. Era nestes espaços de *vilegiature* que, as classes dominantes e com grande poder financeiro, ostentavam a sua posição social e económica e onde passavam grandes temporadas, para deleite e lazer.²⁹

O tratado de arquitetura de Vitruvius (por volta de 80–15 a.C.), *De Architectura Libri Decem* (Dez livros sobre Architectura) de 27 a.C., consistiu numa importante fonte para a recuperação da *villa* antiga, no entanto este tratado debruçava-se fundamentalmente sobre os espaços internos da casa, não sendo o jardim objecto de estudo.³⁰

A falta de informação nos textos da Antiguidade e de vestígios das ruínas de importantes *villae* romanas, levou a que Leon Battista Alberti (1404-1472)³¹ atribuísse uma relevância especial aos jardins existentes, provenientes da cultura medieval, “em que o jardim é fechado em relação ao exterior e localizado preferencialmente atrás do edifício ou mesmo destacado deste, sendo espacialmente independente.”³²

No seu tratado, *De Re Aedificatoria*, sobre a arte de construir, concluído por volta de 1452 e constituído por dez livros, assim como o tratado de Vitruvius, Alberti faz menção “às proporções dos vários elementos arquitectónicos existentes na *villa* e à correspondência das partes no todo, já no sentido de procura de harmonia renascentista.”³³

A primeira *villa* tipicamente renascentista corresponde à *Villa Médici* em Fiesole (Figura 1), pertencente à família Médici, senhores de Florença durante quase três séculos.³⁴ Construída de 1458 a 1461 pelo arquitecto Michelozzo Michelozzi, nos arredores de Florença, esta villa, que se estabeleceu ao longo de uma encosta, tem o seu “jardim construído em patamares e aberto à paisagem de Florença (...).”³⁵

Segundo Geoffrey e Susan Jellicoe, embora Michelozzo Michelozzi já tivesse sido o criador, em 1451, de uma outra *villa* para esta família, a *Villa Médici di Cafaggiolo*, situada a vinte e cinco quilómetros de Florença, esta correspondia a uma casa medieval fortificada com

²⁸ Marieta Dá Mesquita in Amílcar Gil Pires, *A Villa Renascentista - Arquitectura, Jardins e Paisagem* (Caleidoscópio, 2016). p.30

²⁹ Amílcar Gil Pires, *A Quinta de Recreio em Portugal. Vilegiatura, Lugar e Arquitectura* (Caleidoscópio, 2013). p.40

³⁰ *Ibid.*, p.25

³¹ Vasco Nuno Figueiro de Medeiros, «A Ciência Pictórica na Europa: 1430 – 1530. Iconopoiese e Ensino, Confluência e Singularidade. Vol. I» (Tese para obtenção do Grau de Doutor no ramo de História, na especialidade de História da Arte, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2020).

³² Amílcar Gil Pires, *A Quinta de Recreio em Portugal. Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*. p.28

³³ *Ibid.*, p.28

³⁴ «Discovering the Medici Villas: UNESCO sites | Visit Tuscany», acedido 2 de Outubro de 2021, <https://www.visituscany.com/en/ideas/discovering-the-medici-villas-unesco-sites/>.

³⁵ Sónia Talhê Azambuja, *Plantas, Animais e Paisagem - Da Iconografia à Iconologia na Pintura dos Séculos XV e XVI em Portugal* (Lisboa: Scribe, 2021). p.446

jardim compartimentado.³⁶ Foi com a *villa* em Fiesole que, segundo Sónia Talhé Azambuja “(...) a arquitectura, o jardim e a paisagem envolvente passam a ser pensados pelo projectista como uma só entidade.”³⁷ Esta e outras onze *villae* pertencentes à família Médici foram classificadas em junho de 2013 como Património Mundial pela UNESCO.³⁸



Figura 1: Villa Médici, Fiesole (Fonte: tuscanplanet.com)

A Villa d'Este, situada em Tivoli e construída em 1550, projectada por Pirro Ligorio (1500-1583), é para Geoffrey e Susan Jellicoe o mais espetacular e sumptuoso jardim do alto renascimento italiano. Segundo a UNESCO, este conjunto composto pelo palácio e jardins, que cobre uma área com cerca de 4,5 hectares, é considerado dos mais notáveis e abrangentes da cultura renascentista pelo seu desenho inovador e pela criatividade e engenhosidade dos componentes arquitectónicos que integram o jardim.³⁹ Atribui-se a esta *villa* um dos primeiros *giardini delle meraviglie*, constituindo desta forma um modelo para muitos jardins no resto da Europa.⁴⁰



Figura 2: Villa d'Este, Tivoli (Fonte: europeanhistoricgardens.eu)

³⁶ Geoffrey Jellicoe e Susan Jellicoe, *The Landscape of Man: Shaping the Environment from Prehistory to the Present Day* (New York: Viking Press, 1975). p.156

³⁷ Sónia Talhé Azambuja, *Plantas, Animais e Paisagem - Da Iconografia à Iconologia na Pintura dos Séculos XV e XVI em Portugal*. p.446

³⁸ UNESCO World Heritage Centre, «Medici Villas and Gardens in Tuscany», UNESCO World Heritage Centre, acedido 2 de Outubro de 2021, <http://whc.unesco.org/en/list/175/>.

³⁹ UNESCO World Heritage Centre, «Villa d'Este, Tivoli», UNESCO World Heritage Centre, acedido 2 de Outubro de 2021, <http://whc.unesco.org/en/list/1025/>.

⁴⁰Idem

De acordo com o livro *The Landscape for Men*, de Geoffrey e Susan Jellicoe, os ideais clássicos da composição do espaço atingiram o auge na arquitectura com Andrea Palladio (1508-1580). Segundo Sousa, foi Palladio um dos arquitectos que de algum modo mais influenciou a arquitectura portuguesa assim como Sebastian Serlio (1475-1554).⁴¹

Sebastian Serlio, nascido em Bolonha, foi em 1514 para Roma, onde estudou arquitectura com Baldassarre Peruzzi, um importante pintor e arquitecto maneirista. Em 1541 trabalhou em França, em Fontainebleau e em Lyon. Foi a convite do rei D. Francisco I que integrou a equipa de construção do *Château de Fontainebleau*.⁴² Apesar da importância das obras, em que esteve envolvido, para o progresso da arquitectura francesa, foi com o tratado de arquitectura que publicou, *I Sette Libri dell'Architettura* (Os Sete Livros de Arquitectura), constituído por escritos teóricos e modelos desenhados, que influenciou toda a Europa, nomeadamente Portugal.⁴³

Serlio criou uma composição arquitectónica, à qual deu o seu nome, composta “por uma sequência de intercolúnios em lintel associada a arcadas, em particular a combinação alternada de um vão central em arco maior ladeado por dois segmentos rectos, que constitui a chamada «serliana»” (Pereira, 1995, pp. 351-352).⁴⁴ Na arquitectura portuguesa são muitos os exemplos onde o elemento serliano marca as entradas quer de igrejas, quer de quintas de recreio, nomeadamente na capela da Quinta dos Marquês de Fronteira (Figura 3), em Lisboa e na Quinta das Torres (Figura 4), em Azeitão.



Figura 3: Serliana - Capela da Quinta dos Marquês de Fronteira (Fonte: besisluxe.com)



Figura 4: Serliana - Quinta das Torres (Fonte: vivehotels.com)

⁴¹ Ana Sousa, «As quintas de recreio do século XVI em Portugal: a relação entre arquitectura, espaços verdes e recursos hídricos» (Dissertação de Mestrado, Lisboa, Universidade Lusíada de Lisboa, 2015). p.43

⁴² «Sebastiano Serlio | Biography, Architecture, & Facts», Encyclopedia Britannica, acedido 5 de Outubro de 2021, <https://www.britannica.com/biography/Sebastiano-Serlio>.

⁴³ «Sexto Livro sobre Arquitetura: Sobre as habitações dentro e fora das cidades», Biblioteca Digital Mundial, acedido 5 de Outubro de 2021, <https://www.wdl.org/pt/item/8968/>.

⁴⁴ Ana Sousa, «As quintas de recreio do século XVI em Portugal: a relação entre arquitectura, espaços verdes e recursos hídricos». p.43

Andrea Palladio também publicou um tratado pioneiro, em 1570, *I Quattro Libri dell'Architettura* (Os Quatro Livros da Arquitectura), em que “escreve acerca das funções práticas dos seus edifícios, como pretendia ele simbolizar essas funções, e sobre o modo como fazia a adaptação dos seus projectos ao sítio.”⁴⁵ Exactamente por isso todas as *villae* que projectou se diferenciavam tanto pela sua forma como pela relação com o lugar.

Palladio esteve envolvido em 143 projectos, incluindo estudos e obras edificadas, mas a grande maioria das suas obras correspondem a *villae*.⁴⁶ A *villa* mais notável dos ideais palladianos é a Villa Capra (1566), também conhecida como La Rotonda, em Vicenza (Figura 5).



Figura 5: Villa Capra (Fonte: stock.adobe.com)

Segundo Tavares, Palladio, demonstrava na sua arquitectura “rigor, simplicidade de meios e geometrismo elementar das suas concepções, pelo recurso à memória dos imaginados monumentos romanos.”⁴⁷

No nosso país é possível encontrar a aplicação de elementos que seguem as directrizes arquitectónicas de Palladio nomeadamente, a câmara de janelas sobre a *loggia*, duplo frontão, plateresca e pórtico-nártex.⁴⁸

Francisco de Holanda (1517-1584), pintor e arquitecto, filho de António de Holanda, dos mais apreciados iluminadores em Portugal, foi “uma das referências do Renascimento e primeiro Maneirismo em Portugal”⁴⁹. Enviado para Itália por D. João III para se formar em

⁴⁵ Amílcar Pires, *A Quinta de Recreio em Portugal. Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*. p.47

⁴⁶ Monika Stumpp, «A Simetria Modular e as Villas de Andrea Palladio» (Tese para obtenção do Grau de Doutor em Arquitectura, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Faculdade de Arquitectura e Urbanismo, 2013). p.78

⁴⁷ Domingos Tavares in Nuno Maia da Silva, «Claustros Serlianos em Portugal» (Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arquitectura, Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2012). p.30

⁴⁸ Ana Sousa, «As quintas de recreio do século XVI em Portugal: a relação entre arquitectura, espaços verdes e recursos hídricos». p.44

⁴⁹ Sónia Talhé Azambuja, *Plantas, Animais e Paisagem - Da Iconografia à Iconologia na Pintura dos Séculos XV e XVI em Portugal*. pp.87-88

arquitectura, trouxe para Portugal o conhecimento absorvido da arte italiana. Foi autor do primeiro tratado de pintura português, *Da Pintura Antiga* (1548). Segundo Sónia Talhé Azambuja, Francisco de Holanda foi dos primeiros a utilizar o termo *paisagem* em Portugal, numa obra datada de 1538.⁵⁰

Em Portugal, as Quintas de Recreio poderão ter tido a sua origem ainda durante a presença muçulmana em Portugal, como demonstram as quintas da Sempre Noiva, Água de Peixes, Vila Viçosa e Valverde, no Alentejo ou a Penha Longa em Sintra.⁵¹ No entanto foi desde o século XVI, através do Renascimento e inspiradas pelo modelo das *villae suburbanas* da Toscana, que tiveram um grande crescimento. “É porém, a partir do séc. XVI que a arte das quintas de recreio adquire grande incremento em Portugal. As tapadas de caça de Salvaterra e de Vila Viçosa, as cercas conventuais da Pena e da Penha Longa, os ermitérios dos frades Capuchos nas serras de Sintra e da Arrábida, as quintas da Penha Verde, de Ribafria, do Fontelo, da Bacalhoa, do Prado, de Santa Cruz da Maia, e de S. Martinho de Bencanta, são as que nesse século ganharam maior notoriedade”⁵².

Construídas ou adaptadas, das quintas exclusivamente agrícolas, por reis, nobreza e clero, as Quintas de Recreio estabeleciam-se nas proximidades das grandes cidades ou nas imediações rurais das residências da Corte ou do Paço Real, como Lisboa, Sintra, Évora, Tomar e Vale do Tejo, Coimbra e Porto⁵³, sendo implantadas consoante a diversidade e riqueza paisagística, clima, recursos hídricos, solos, vistas panorâmicas⁵⁴ e junto a boas vias de comunicação. A proximidade com a cidade tinha grande importância na medida em que facilitava a exportação dos produtos e a deslocação dos proprietários.

Segundo Pires é neste período que “começam a surgir em Portugal residências de carácter mais erudito que se libertam duma concepção fechada sobre si próprias, herdada na Idade Média, e passam a abrir-se para o exterior e a procurar uma relação intencional sobre a Natureza.”⁵⁵

As casas tornam-se mais permeáveis ao exterior, na procura de uma maior ligação com a natureza, que passa a desempenhar um “papel cada vez mais importante na concepção da casa, pelo que não é de surpreender que se tenha desenvolvido a partir de então a arte dos jardins.”⁵⁶ Aumentam em número e dimensão as aberturas das fachadas e incorporam-se varandas e *loggias*, privilegiando a relação visual interior-exterior. Os primeiros exemplos conhecidos em Portugal foram a Quinta da Penha Verde, Quinta da Penha Longa, Quinta da

⁵⁰ Sónia Talhé Azambuja. p.86

⁵¹ Ilídio Alves de Araújo, *Quintas de Recreio (Breve introdução ao seu estudo, com especial consideração das que em Portugal foram ordenadas durante o século XVIII)* (Braga, 1974). p.7

⁵² *Ibid.*, p.7

⁵³ Amílcar Gil Pires, *A Villa Renascentista - Arquitectura, Jardins e Paisagem*. pp.41 e 43

⁵⁴ *Ibid.*, p.33-35

⁵⁵ Amílcar Gil Pires, *A Quinta de Recreio em Portugal. Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*. p.264

⁵⁶ Carlos de Azevedo, *Solares Portugueses*, 2º (Mem-Martins: Livros Horizonte, 1988). p.53

Ribafria, Quinta do Vale do Grou, Quinta da Bacalhoa, a Quinta das Torres e a Quinta de Valflores.



Figura 6: Planta Quinta da Bacalhoa, Azeitão (Extraído: Carita, 1999, p.54)

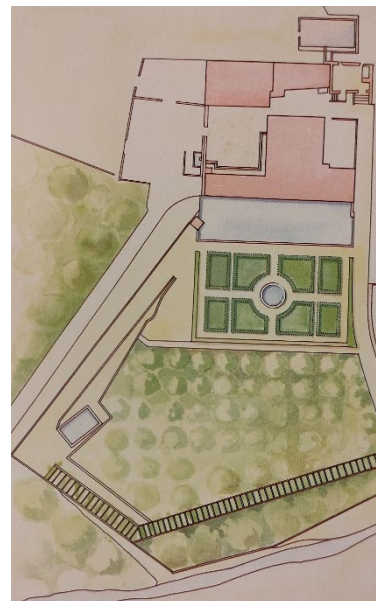


Figura 7: Planta da Quinta da Ribafria (Extraído: Carita, 1999, p.46)

De modo a permitir uma maior vivência no exterior nascem jardins como prolongamento da casa, criados com a intenção de usufruto directo com a natureza. Surgem estruturas arquitectónicas, com o objectivo de contemplação e de fruição da natureza, nomeadamente casas de fresco. São construídos lagos, espelhos de água, fontes, que apesar de manterem a função de tanque se afirmam como elementos arquitectónicos. A paisagem passa a ser um elemento fundamental na composição das quintas de recreio.

1.2. Estrutura

A quinta de recreio é uma “propriedade rústica que, independentemente da dimensão, inclui terrenos de cultivo, hortas e pomares, edifícios de apoio à exploração agrícola e pecuária, habitações de trabalhadores rurais e, junto à residência do proprietário, zonas de lazer, designadamente jardins, pavilhões, fontes, lagos, pombais e matas, variando em função do estatuto social dos moradores.”⁵⁷

Distinguindo estes elementos, presentes na estrutura das quintas de recreio, em dois tipos, podemos afirmar que existem elementos construídos, o edificado, e elementos naturais, aqueles que compõem o jardim.

⁵⁷ Marieta Dá Mesquita, «História e Arquitectura. Uma proposta de investigação. O palácio dos Marqueses de Fronteira como situação exemplar da arquitectura residencial erudita em Portugal» (Tese de Doutoramento, Lisboa, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 1992). p.241

O ordenamento das quintas de recreio, principalmente naquelas onde predomina a exploração agrícola, como é o caso da quinta em estudo, era obtido através da harmonia da disposição e concepção das variadas áreas agrícolas, de recreio e edifícios por que eram constituídas.⁵⁸ Sendo o clima mediterrânico composto por verões secos, geralmente, estas quintas, eram construídas em socacos, de modo que fosse possível regar, distribuindo a água por gravidade pelos terraços existentes.

1.2.1. Edificado

A casa ou palácio, edifício mais importante da quinta de recreio, corresponde ao centro do Lugar. Associado a este espaço de habitação surge, geralmente, um pátio de entrada ou terreiro e uma capela ou uma pequena igreja, que era incorporada na volumetria da casa ou localizada muito próximo desta. Por este espaço de culto e o seu recinto (adro ou terreiro) serem normalmente acessíveis à população, costumavam estar localizados perto de alguma entrada ou estrada.⁵⁹

Existe ainda, no interior da casa, espaços estruturantes, como a Sala de Entrada e a Cozinha. Os restantes elementos edificados existentes estão relacionados com a actividade agrícola da quinta, nomeadamente adegas, lagares de azeite, lagares de vinho, abegoarias, estábulos, pombais.

1.2.2. Jardim

O vocábulo jardim, variação do francês “jardin” e do latim “hortus gardinus”, local cercado onde se plantavam flores, verduras e legumes, é hoje entendido como “todo o espaço verde em volta da casa”⁶⁰. Este espaço é constituído por três zonas: a mata, o pomar e/ou horta e o horto de recreio, que se organizam “formalmente criando um todo num espaço fechado.”⁶¹ Segundo Aurora Carapinha, estes são os constituintes básicos da propriedade de todas as casas de campo, também presentes nas *villae* renascentistas italianas.

A mata surge pelo interesse económico, produção de madeira, lenha ou coelhos, mas também pelas suas vantagens de impedir a erosão dos solos, favorecer a infiltração da água e ainda climatizar o espaço, de modo a proteger a quinta dos ventos mais frios e oferecer alguma frescura nos dias mais quentes.⁶²

⁵⁸ Ilídio Alves de Araújo, *Quintas de Recreio (Breve introdução ao seu estudo, com especial consideração das que em Portugal foram ordenadas durante o século XVIII)*. p.9

⁵⁹ Amílcar Gil Pires, «O Lugar da Quinta de Recreio na Periferia de Lisboa», *“Tritão - Revista de História, Arte e Património de Sintra”* n. 1, Dezembro de 2012. p.7

⁶⁰ Amílcar Gil Pires, *A Quinta de Recreio em Portugal. Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*. p.276

⁶¹ *Ibid.*, p.276

⁶² Aurora Carapinha, «Da Essência do Jardim Português Vol.I». p.208

O pomar e/ou horta são o suporte económico destas quintas. Os produtos produzidos para além de servirem a casa, são comercializados na cidade, normalmente na mais próxima, ou exportados, já que os produtos frutícolas e hortícolas são os principais produtos metropolitanos de exportação.⁶³

O horto de recreio, tem como funcionalidade o recreio do proprietário e das suas visitas ou de ser o cenário de festas esporádicas.

A utilização da água na criação de jardins remonta a épocas longínquas. Através de ilustrações, sabe-se que já na antiga civilização egípcia, a água estava presente em grandes tanques. Estes tanques, de forma rectangular, surgem envolvidos em vegetação, e não só com função de rega, mas também para criação de patos e peixes, como demonstram as Figura 8 e 9.

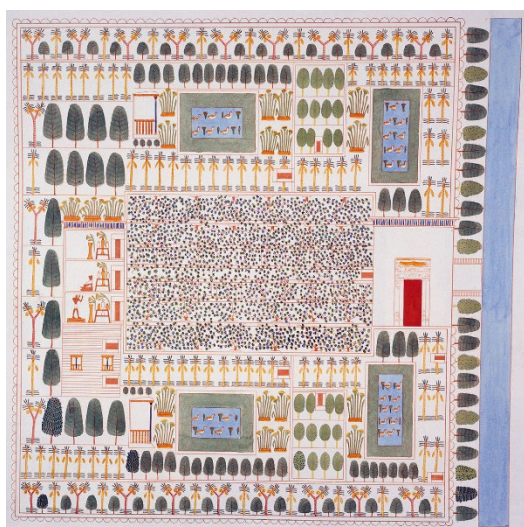


Figura 8: Ilustração de um jardim egípcio (Fonte: jardinsdaalmahumana.wordpress.com)



Figura 9: Cópia do século XIX, de uma ilustração de um jardim egípcio do 14000.a.C. (Fonte: gardenhistorymatters.com)

Segundo Cristina Castel-Branco, “quando os persas invadiram o Egipto em 525 a.C, os jardins cercados e geométricos que ali encontraram inspiraram os fundamentos da arte de jardins na Pérsia, património exuberante que se manteve vivo e se expandiu para outras culturas durante muitos séculos: o jardim persa em que a água tem um papel primordial.”⁶⁴ A cultura persa e, consequentemente os jardins islâmicos, difundiram-se pelas margens Norte e Sul do Mediterrâneo e é possível depararmo-nos com exemplares desta influência, na Península Ibérica, especialmente na Andaluzia, no Alentejo e no Algarve, e para nascente até à Índia, em Udaipur, em Agra e em Caxemira, nas margens do lago Dal.⁶⁵

⁶³ *Ibid.*, pp.269-270

⁶⁴ Cristina Castel-Branco, *A Água nos Jardins Portugueses* (Lisboa: Scribe, 2010). p.9

⁶⁵ *Ibid.*, p.9

Na antiguidade clássica (Grécia e Roma) a água esteve sempre presente nos espaços públicos e privados, combinando juntamente evocações simbólicas, características funcionais e aspectos estéticos.⁶⁶ A civilização romana deixou conhecimentos importantes ao nível hidráulico e da capacidade de domínio da água, sendo, talvez, o mais importante o aqueduto.

Nas *villae* romanas a água é o elemento central e privilegia o jardim, surgindo ou em superfícies serenas com qualidades reflectoras e/ou associadas a diversos sistemas de repuxos. É também utilizada a estratégia da construção de jardins em patamares, de forma a vencer os desníveis e consequentemente distribuir a água por todas as áreas indispensáveis.

Mais tarde, durante o período renascentista, esta forma de utilização de água foi recuperada, nomeadamente nas Quintas de Recreio, mas de uma forma mais impactante, quer pela dimensão, quer pelos efeitos visuais.⁶⁷

1.2.2.1. Mata

A mata, geralmente presente nas encostas com maior declive, é a área da quinta de recreio menos intervencionada pelo Homem. A vegetação, disposta de forma natural, forma uma massa densa, constituída predominantemente por árvores de grande porte e arbustos, das espécies mais adequadas às condições edafoclimáticas do local.⁶⁸ A circulação no seu interior é feita através de caminhos orgânicos que seguem a topografia natural do terreno e contrariamente ao pomar e horta, dispensa disponibilidade de água.

Segundo Aurora Carapinha as matas a norte são ocupadas por carvalhal da zona temperada húmida e carvalhal da zona continental seca e fria, como o carvalho alvarinho e o negral, e por pinheiros mansos, bordos, vidoeiros, cerdeiras, azereiros, catapereiros, ademos, aveleiras, abrunheiros bravos, pilriteiros, giesteiras, azevinhos, arnieiros negros, folhados, teixos, arandos, dentes de cão, roseiras bravas e zimbros comuns. A sul predomina o carvalhal da zona húmida e quente e da zona continental seca e quente, nomeadamente, a azinheira, sobreiro, carvalho cerquinho e carrasco e também o zambujeiro, o catapereiro, o pinheiro manso, o medronheiro, do loureiro, o sanguinho das sebes, a zelha, o pilriteiro, o abrunheiro-bravo, a gilbardeira, a aroeira, a murta, a urze branca, a urze das vassouras, o lentisco bastardo, o folhado, a roseira branca, a madressilva, a giesteira branca, o piomo amarelo, a cornalheira, do lentisco, o jasmineiro do monte, o loendro e a bela-luz.⁶⁹

⁶⁶ Luís Paulo Almeida Faria Ribeiro, «Sistemas de Água em Composição Paisagística» (Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Lisboa, Universidade de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, 1992). p.5

⁶⁷ *Ibid.*, p.8

⁶⁸ Aurora Carapinha, «Da Essência do Jardim Português Vol.I». p.291

⁶⁹ *Ibid.*, pp.285 e 286

1.2.2.2. Pomar e/ou Horta

O pomar e/ou horta localizam-se preferencialmente em encostas suaves, entre o edifício e a mata ou entre o edifício e o fim da propriedade, viradas a nascente e a organização do espaço destas produções hortofrutícolas é obtida segundo uma estrutura em forma de rede geométrica e ortogonal, definida pelos caminhos.⁷⁰

De acordo com Aurora Carapinha, a horta era constituída por plantas alimentares, como couves, cebolas, alhos, cenouras, batatas, feijões, tomate, pimento, abóbora, milho grosso, por plantas aromáticas, como o tomilho, manjerona, alecrim, orégãos e por plantas com interesse medicinal, entre as quais a malva, madressilva, azedas, urtigas, tabaco.⁷¹

A principal árvore de fruto utilizada no pomar e que prevalece assim até aos dias comuns é a laranjeira. A produção desta espécie, levada da China para Goa e depois trazida para Lisboa⁷², assume, no século XVI e XVII um grande crescimento, “sempre que as condições edafoclimáticas o permitiam, instalava-se um pomar de laranjeiras.”⁷³ Segundo Hélder Carita, a laranjeira tem “um significado mítico e sagrado, como símbolo de árvore do paraíso e eleita no jardim islâmico como um dos seus elementos fundamentais”.⁷⁴ Outras árvores frutícolas também utilizadas eram o limoeiro, a cidreira, romãzeira, cerejeira, ameixeira, amendoeiras, pessegueiros, alpercheiros, macieiras, marmeleiros, pereiras, aveleiras, nespereiras e figueiras.⁷⁵

Sendo a água essencial para a produção agrícola é necessário que estas zonas tenham uma boa disponibilidade de água, o que implica um cuidado acrescido com o nivelamento do solo, levando à construção de socalcos que não só contribuem para a distribuição da água por gravidade, como facilitam o cultivo e colheita.⁷⁶

1.2.2.3. Horto de Recreio

Na Idade Média, os hortos, tanto de palácios como de herdades, eram pequenos espaços, de preferência rectangulares, isolados da envolvente por altos muros (*hortus conclusus*) que fechavam a vista reprimindo qualquer ligação com o exterior. Estes espaços destinavam-se fundamentalmente ao cultivo de hortícolas, plantas aromáticas e medicinais,

⁷⁰ *Ibid.*, p.207

⁷¹ *Ibid.*, p. 273

⁷² Cristina Castel-Branco, *A Índia nos Jardins Portugueses* (Lisboa: Babel, 2017). p.323

⁷³ Aurora Carapinha, «Da Essência do Jardim Português Vol.I». p.277

⁷⁴ Hélder Carita, *Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal ou da Originalidade e Desaires Desta Arte* (Lisboa: Círculo dos Leitores, 1990). p.27

⁷⁵ Aurora Carapinha, «Da Essência do Jardim Português Vol.I». p.275

⁷⁶ Amílcar Gil Pires, *A Quinta de Recreio em Portugal. Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*. p.278

geralmente enriquecidos com um elemento de água, como um tanque ou um poço e só secundariamente eram utilizados como locais de recreio.

A partir do século XVI, com o movimento renascentista, surge um interesse pelas colecções botânicas, especialmente pelas plantas exóticas, trazidas para Portugal através das viagens a África, Ásia e América. Segundo Ilídio de Araújo, muitas foram as hortas que se converteram em verdadeiros hortos botânicos, aliados a cuidados especiais de ornamento e cultivo, depois de afastadas as hortaliças e legumes para um sítio recôndito do pomar.⁷⁷ O século XVI fica então marcado pelo ressurgimento da arte paisagista, sobretudo nas quintas de recreio dos grandes senhores e nas cercas de alguns conventos. A arte paisagista renascentista em Portugal, aparece profundamente enraizada a uma tradição mediterrânico-islâmica, onde ressurge a arte dos antigos *topiarii* romanos e se adopta o grande tanque-espelho de água da tradição islâmica.⁷⁸

O horto de recreio é preferencialmente situado “na proximidade da casa e de cujas varandas pode ser desfrutado”⁷⁹. Por vezes, os eixos das fachadas do edifício podem definir a simetria e desenho do horto de recreio.⁸⁰ Geralmente de forma quadrada, mas quando não é possível, retangular, é implantado em áreas planas.

A organização deste espaço é conseguida através da plantação, que define os caminhos e consequentemente o traçado, geralmente ortogonal, deste lugar. A regularidade deste horto, imposta pelo traçado, é atenuada pela vegetação, pela sua forma, perenidade, cor, crescimento. Esta é escolhida essencialmente pela cor e pelo aroma, que fazem deste espaço, um lugar sensível e prazeroso.⁸¹

Os canteiros criados a partir desta estrutura ortogonal, eram bordejados de plantas vivazes, tomilho, erva cidreira, alecrim, cipreste, guarda-roupa, violetas, amores-perfeitos, ou por caniçadas, onde se entrelaçavam roseiras, cravos e heras. O seu interior era preenchido por flores e as ervas aromáticas como as violetas, margaridas, cravinas, açucenas, lírios, goivos, loios-do-jardim, esporas, junquinhos, jacintos, cravos, maravilhas, colóquintidas, hipericão, papoilas, bocas-de-lobo, celidónia, mercuriais, narcisos, coronária, leite-de-galinha, peónia, erva-pombinha, arruda, hissopo, primaveras, sanamunda, erva da fortuna, manjerona, alecrim, orégãos, poejo, salva, o funcho, hortelã e muitas outras. Quanto às espécies arbóreas, mais raramente introduzidas, seriam as laranjeiras, cidreiras, limeiras, macieiras, marmeleiros, murta, palmeiras, loureiros, ciprestes, olaias, físcos, uvas espinha, mela, oleandro, noveleiros, senes bastardos, plátanos, agnóstos, giestas, lírios e oliveiras.⁸²

⁷⁷ Ilídio Alves de Araújo, *Arte paisagista e Arte dos Jardins em Portugal*, vol. I (Ministério das Obras Públicas, 1962), p.60

⁷⁸ *Ibid.*, p.68

⁷⁹ Aurora Carapinha, «Da Essência do Jardim Português Vol.I». p.212

⁸⁰ *Ibid.*, p.255

⁸¹ *Ibid.*, p.217

⁸² *Ibid.*, pp.219-220

Segundo Aurora Carapinha é de destacar que alguns jardins podiam ainda apresentar um labirinto desenhado por arbustos e árvores, nomeadamente laranjeiras, murtas ou jasmim, entrelaçados em canas.⁸³

A água, essencial para a existência de um jardim, quer produtivo, quer de recreio, para além da função utilitária detém ainda a função estética, aparecendo em fontes, pequenos tanques ou grandes espelhos de água situados em localização privilegiada devido às suas características refletivas e pela frescura que conferia ao ambiente. Podiam ainda ser adicionados elementos decorativos e de estadia nestes hortos, como esculturas, pégulas, latadas, bancos, alegretes, casas de fresco, grutas, que se organizavam-se de “forma poética”⁸⁴, envolvendo-se com as plantações e com os elementos de armazenamento de água e não de forma rigorosa, como nas *villae* renascentistas italianas.⁸⁵

Apesar do horto de recreio ocupar apenas uma pequena área das quintas de recreio, em comparação com o resto da Europa,⁸⁶ segundo Aurora Carapinha isso não significa uma menor manifestação da arte dos jardins em Portugal. Aliás, o jardim português diferencia-se por não existir limite na fruição do ambiente de jardim em todos os espaços que o constitui, incluindo hortas e pomares, concedendo um carácter predominantemente agrícola a estes lugares.⁸⁷

Segundo Caldeira Cabral, o jardim português tem traços característicos que o distinguem dos jardins de outras culturas.⁸⁸ De acordo com Cristina Castel-Branco são quatro os seus traços próprios: a diversidade de árvores e arbustos de flor, as vistas profundas, a presença de azulejos e a água em grandes tanques.⁸⁹

Em relação à diversidade de árvores e arbustos de flor, Castel-Branco afirma que é devido à história e clima do nosso país. O povo português, que desbravou o mundo e chegou a outros continentes, trouxe uma grande variedade de árvores e arbustos que se foram adaptando ao clima português, um clima que possibilita que tanto as plantas de regiões temperadas como as das zonas subtropicais consigam desenvolver-se perfeitamente. A cameleira e a nespereira do Japão, a laranjeira e a glicínia da China, a extremosa, a cana e a amargoseira da Índia, o jacarandá, o piri-piri, a lúcia-lima do Brasil, entre tantas outras, “passam a tornar-se plantas habituais nos quintais, nos jardins e nas quintas em Portugal.”⁹⁰

⁸³ *Ibid.*, p.220

⁸⁴ Amílcar Gil Pires, *A Quinta de Recreio em Portugal. Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*. p.277

⁸⁵ *Ibid.*, p.277

⁸⁶ Ilídio Alves de Araújo, *Quintas de Recreio (Breve introdução ao seu estudo, com especial consideração das que em Portugal foram ordenadas durante o século XVIII)*. p.13

⁸⁷ Amílcar Gil Pires, *A Quinta de Recreio em Portugal. Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*. p.277

⁸⁸ Francisco Caldeira Cabral, *Fundamentos da Arquitectura Paisagista* (Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza, 1993).

⁸⁹ Cristina Castel-Branco, *A Água nos Jardins Portugueses*. p.7

⁹⁰ *Ibid.*, p.7

As vistas profundas resultam da topografia acidentada e da tradição de se fundar cidades em locais mais elevados, ocupando as colinas de cima para baixo, beneficiando as vistas, geralmente abertas sobre o mar ou sobre os vales. Os jardins seguiram esta prática e as vistas profundas são quase um princípio do jardim português.⁹¹

Por fim, a presença de azulejos e de grandes tanques nos jardins portugueses deve-se à herança deixada pela cultura islâmica, que durante cinco séculos ocupou o território português. Nos jardins, os azulejos, adornam todo o tipo de elementos construídos: fontes, nichos, bancos, escadarias, casas de fresco, muros, muretes e alegretes, e até podem estar presentes em faixas discretas nas paredes que se reflectem nos lagos. Estas peças de cerâmica com grande longevidade e de cores garridas, dispostas segundo sistemas geométricos de repetição, “são parte integrante dos jardins portugueses, de forma original em relação à tradição islâmica, e criaram novas expressões artísticas que permitem distingui-los dos outros jardins do mundo.”⁹²

A sabedoria árabe do uso da água na agricultura, herdada pelos portugueses, evidencia-se no armazenamento da água em grandes tanques ou cisternas, que assegurava a rega das plantas durante o período mais seco, o verão. Com a ida dos portugueses à Índia e com o contacto com a cultura mongol, uma cultura de raízes islâmicas, o uso da água vai ampliar-se, deixando de existir nos espaços exteriores só de forma utilitária. A água passa a servir a arte, criando-se jardins mais elegantes. A cultura mongol, que exibia jardins com grandes superfícies de água, lagos, fontes e casas de fresco, influenciou os portugueses na forma de entender o jardim, “um espaço de permanente vivência, de noite e de dia”⁹³ e nos vários usos que podiam ser dados à água, antes de esta cumprir a sua função, regar.

Estas influências biofísicas e culturais levaram a que os jardins portugueses, a partir do século XVI, adquirissem, quer pela diversidade de árvores e arbustos de flor, pelas vistas profundas, pela presença de azulejos e pela presença de água em grandes tanques, particularidades que lhe concedem uma identidade própria.

⁹¹ *Ibid.*, p.7

⁹² *Ibid.*, p.8

⁹³ *Ibid.*, p.8

2. Caracterização da Quinta de Valflores

A Quinta de Valflores ou Quinta de Vale Flores ou até Quinta das Abóboras, como foi conhecida outrora pela população local, em virtude de um rendeiro colocar abóboras a secar no parapeito da varanda, é uma quinta murada, com cerca de 4,5 hectares de área. Constituída pela casa e jardim, modelado em patamares, foi mandada construir em meados do século XVI por Jorge de Barros, nos arredores da cidade de Lisboa.

Esta propriedade que consistia na quinta de recreio da família, tendo, ao longos dos anos, passado por diversos donos, sofreu bastantes transformações, mas ainda apresenta os elementos mais característicos das quintas de recreio em Portugal.

Presentemente, propriedade da Câmara Municipal de Loures, a casa senhorial e outros elementos construídos estão a ser intervencionados no âmbito das obras de Requalificação do Palácio de Valflores. Associadas a estas obras, várias são as sondagens arqueológicas que estão a ser executadas e que têm resultado em descobertas essenciais para a compreensão deste património.

2.1. Enquadramento Geográfico

A Quinta de Valflores encontra-se na margem direita do rio Tejo, entre Lisboa e Vila Franca de Xira, situada numa encosta paralela ao estuário, em Santa Iria de Azóia, concelho de Loures. Outrora pertencente ao termo de Lisboa, Santa Iria da Azóia ficou integrada no concelho de Alverca desde 1836, devido a uma remodelação administrativa, até ao ano em que este foi extinto, em 1855, passando a pertencer ao concelho de Vila Franca de Xira.⁹⁴ Quando se deu a criação do concelho de Loures, em 1886, a vila de Santa Iria da Azóia passou a integrá-lo.

Construída voltada para o vale da ribeira de Valflores e para o Tejo, a quinta encontra-se no meridiano 9°05' Oeste, sobre o paralelo 38°50' Norte. A propriedade confronta a norte e nascente com construções habitacionais, respectivamente na Rua Pedro Soares e Rua Esperança, a sul com o IC 2 e a poente com o nó da autoestrada A1. O acesso à quinta, tanto pedonal como para veículos, faz-se a nascente, pela Rua da Esperança.

⁹⁴ João Maria Baptista, *Chorographia Moderna do Reino de Portugal* (Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1876), <http://archive.org/details/chorographiamod02baptgoog>. p.814



LEGENDA

LIMITE DA QUINTA/ ÁREA DE INTERVENÇÃO

ENTRADA

Fonte: Fotografia aérea Google Earth, 2022

PLANTA	LOCALIZAÇÃO	QUINTA DE VALFLORES, SANTA IRIA DA AZÓIA	
	ESCALA	1:1500	PEÇA 01
	PLANTA DE LOCALIZAÇÃO		

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM
ARQUITECTURA PAISAGISTA
UNIVERSIDADE DE LISBOA - INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA

U

LISBOA

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO
SUPERIOR DE
AGRONOMIA

ANÁLISE HISTÓRICA E PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA QUINTA DE VALFLORES, LOURES

AUTORA: MARIA INÊS FURTADO RAIMUNDO DE OLIVEIRA ATANÁSIO
ORIENTADORES: PROFESSORA DOUTORA SÓNIA MARIA LOUÇÃO MARTINS TALHÉ AZAMBUJA E PROFESSOR DOUTOR
LUÍS MIGUEL COTRIM MATEUS

LISBOA, 31 DE MARÇO DE 2022

Já na pré-história, esta localização, junto ao Tejo, foi determinante para a crescente fixação de povos e desde o aparecimento das quintas de recreio que esta região foi eleita, por muitos nobres e monarcas, para a implantação das suas quintas, devido ao enquadramento paisagístico excepcional, à boa qualidade dos solos e às características geográficas e hidrográficas favoráveis.

Na Carta Orográfica de Lisboa a Setúbal, de 1821, apesar de não estar identificada a Quinta de Valflores, é possível observar outras quintas nesta zona, como a Quinta do Marques de Abrantes, a Quinta do Lagar, a Quinta do Farol, a Quinta do Castelo e a Quinta da Maçaroca.



Figura 10: Quintas em redor da Quinta de Valflores em 1821 (Fonte: Adaptada da Carta Orográfica de Lisboa a Setúbal, 1821)

Das quintas mencionadas anteriormente, apenas temos conhecimento que a Quinta do Castelo e a Quinta da Maçaroca continuam a existir. Através da visualização da Quinta da Maçaroca pelo Google Earth⁹⁵, é possível observar que a quinta se encontra muito degradada e que está à venda. A Quinta do Castelo ou Castelo de Pirescoxe, como é hoje conhecido, depois de ficar desabitada, no século XVIII, entrou gradualmente em ruínas e actualmente, a

⁹⁵ Imagens de fevereiro de 2021

área pertencente à casa, é um equipamento cultural municipal, contendo um auditório ao ar livre, cafetaria, galeria de artes plásticas e uma sala multiusos, disponíveis ao público.⁹⁶



Figura 11: Castelo de Pirescoxe, 2018. (Fonte: Câmara Municipal de Loures)

Na Carta de Reconhecimento Militar desde Vila Franca de Xira até ao Arco da Cruz da Pedra, de 1902, já consta a localização da Quinta de Valflores e de outras quintas posicionadas no terreno de forma semelhante à quinta em estudo, que aproveitaram também uma meia encosta para se estabelecerem.

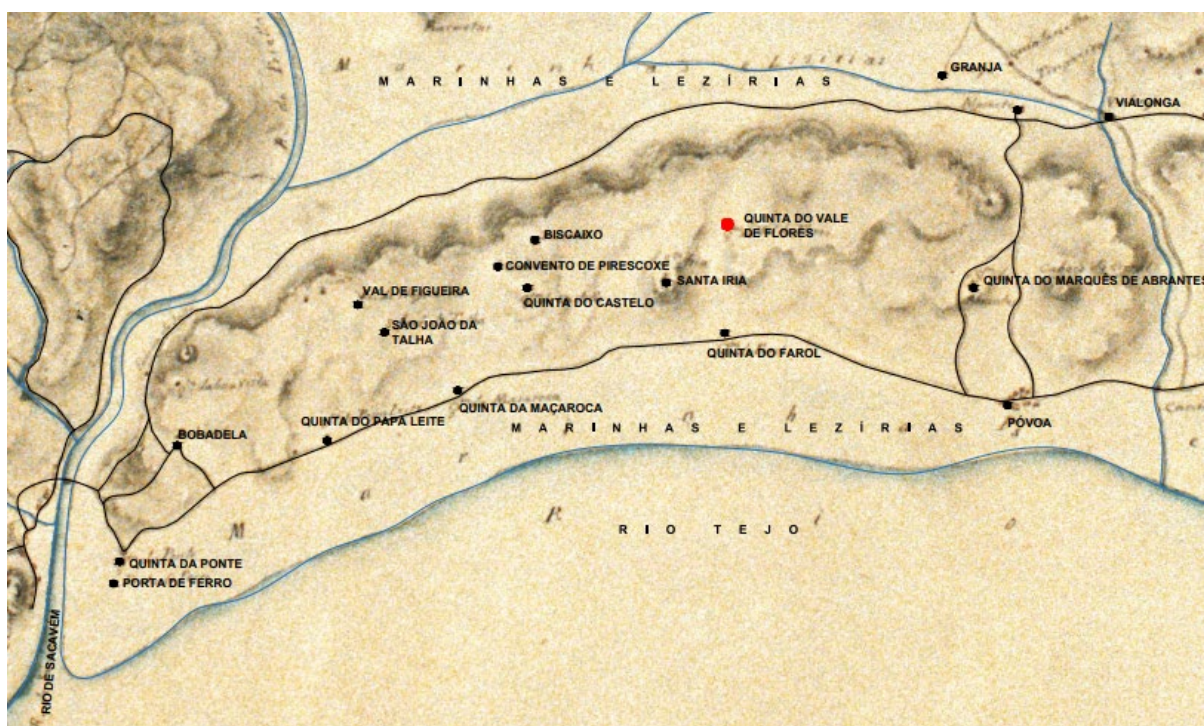


Figura 12: Quintas em redor da Quinta de Valflores em 1902 (Fonte: Adaptada da Carta de Reconhecimento Militar Compreendendo o Terreno desde Vila Franca até ao Arco da Cruz da Pedra Pello Major Engenheiro. Governador de Sacavém Lourenço Hom da Cunha/ d'Eça, 1902)

⁹⁶ «C.M.Loures: Arquivo Municipal», acedido 27 de Março de 2022, <https://app.cm-loures.pt/portalarquivo/agenda.aspx?displayid=791>.

A proximidade com o rio Tejo, faz com que este lugar reúna condições paisagísticas ímpares, com amplas vistas para o estuário e os seus mouchões.

Entre o Tejo e terra firme, desenvolvem-se salinas desde Frielas a Vila Franca de Xira. Embora não se saiba ao certo quando se iniciou a produção de sal em Santa Iria da Azóia, sabe-se que as marinhas⁹⁷ em Santo Antão do Tojal, existem muito antes do ano de 1412, época em que reinava o Rei D. João I, e que existiam em tanta quantidade que não só produziam sal para o consumo em Lisboa, como também era exportado para fora do reino.⁹⁸

O inquérito à indústria do sal em Portugal, de 1935, dá-nos conta que eram vinte as marinhas existentes no norte do Tejo e que se localizavam nas freguesias de Alverca, Póvoa e Santa Iria (Concelhos de Vila Franca de Xira e de Loures), sendo que só na freguesia de Santa Iria se localizam treze: Marinha da Prata, Pequena, Grande, Marco, D. Ana, Quebrados de Cima, Quebrados de Baixo, Judia, Pequena, Nova, Singéis, D. Pedro e Maçaroca.⁹⁹ Estas marinhas produziam anualmente cerca de 7350 moios.¹⁰⁰

Na Planta de Cadastro de Santa Iria da Azóia, de 1951, é observável parte das salinas indicadas no inquérito, nomeadamente: Marinha do Marco, Marinha Grande, Marinha Pequena, Marinha da Prata e ainda a Marinha do Charco, que não está incluída neste inquérito.

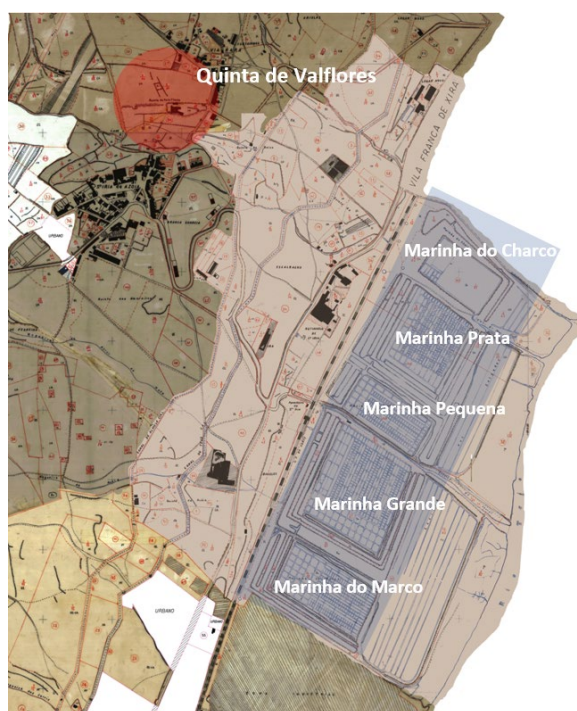


Figura 13: Localização da Quinta de Valflores e das Marinhas em Santa Iria da Azóia (Fonte: Adaptada de Planta de Cadastro, 1951)

⁹⁷ Termo antigo para designar salinas

⁹⁸ Academia Real das Sciencias de Lisboa, *Memorias de Litteratura Portugueza*, vol. V (Lisboa, 1793). p.282-283

⁹⁹ Charles Lepierre, *Inquérito: A Indústria do Sal em Portugal* (Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 1935), <https://almamater.uc.pt/romulo/item/86001>.

¹⁰⁰ Antiga medida equivalente a 8,7 até 9,2 litros

A utilização deste produto remonta ao período Neolítico e foi sempre um produto presente no quotidiano, seja para conservar e preparar alimentos, para ser usado em trocas comerciais, por acrescentar valor à propriedade ou por ser transportado em embarcações ao longo e além da costa portuguesa.¹⁰¹

A partir de finais do século XIX esta localização, próxima a Lisboa e ao rio Tejo, com esteiros e cais, essenciais para a saída de produtos, foi decisiva para a crescente instalação de indústrias em Santa Iria de Azóia. Primeiro com indústrias de extração de sal e de moagem, seguidamente com o estabelecimento de indústrias de refinação de açúcar e mais tarde com a indústria vidreira entre muitas outras. Estas últimas, atraídas pela proximidade à linha férrea, construída em 1856 e que ligava Lisboa ao Carregado, e posteriormente pela autoestrada.¹⁰²

A industrialização alterou por completo a paisagem rural desta região, não só pelo aparecimento de fábricas e armazéns, como também pelo acentuado crescimento urbanístico provocado pelo grande número de pessoas que para aqui se mudaram para trabalhar. Segundo os dados dos Censos, Santa Iria da Azóia tinha, em 1930, 1.560 habitantes e passados cinquenta e um anos, aumentou para 13.000.¹⁰³

A qualidade dos solos nesta região é inegável, permitindo a exploração agrícola dos terrenos, um factor essencial para garantir o rendimento das quintas de recreio. Os produtos mais produzidos nesta zona correspondiam a fruta, batata, vinho e azeite.

A proximidade física com a cidade de Lisboa era imprescindível devido a compromissos políticos, económicos e sociais da classe nobre. A ligação desta região a Lisboa era realizada de duas formas, através da via terrestre ou pela via fluvial.

Desde há muitos séculos, muito antes da chegada dos primeiros romanos, que o Vale do Tejo já era caminho privilegiado, tanto terrestre como aquático. Após a conquista romana, a região ganhou a atenção deste povo, como demonstra a existência, antes do final do século I a.C., de duas cidades distintas, *Scallabis* (Santarém) e *Olissipo* (Lisboa). Identificando a importância do Tejo como via de comunicação entre estes dois centros urbanos, os romanos construíram uma estrada ligando estas duas cidades.¹⁰⁴

Esta estrada, séculos mais tarde transformada na Estrada Real, pelo impulso de D. Maria I,¹⁰⁵ poderia ser a via terrestre preferencial utilizada para as deslocações de Santa Iria

¹⁰¹ Cristina Micael, «O Sal no Estuário do Tejo. Plataformas de Transporte e Estrutura Comercial (séculos XIV-XVI)» (Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em História Marítima, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011). p.3

¹⁰² «C.M.Loures: Arquivo Municipal», Arquivo Municipal de Loures | Santa Iria de Azoia - Indústria, acedido 27 de Março de 2022, <https://app.cm-loures.pt/portalarquivo/agenda.aspx?displayid=795>.

¹⁰³ Câmara Municipal de Loures, «Em Loures o Passado tem Futuro», acedido 26 de Outubro de 2021, <https://indd.adobe.com/view/4e0c71df-c28e-4bf3-b9fc-e6427d9c18a7>.

¹⁰⁴ João (Coord.) Pimenta, «CIRA Arqueologia - Atas Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga», n. 1 (2012), https://www.academia.edu/12289890/PIMENTA_J_Coord_2012_Atas_mesa_redonda_de_Olisipo_a_Ierabriga_CIRA_Arqueologia_N_o_1_Museu_Municipal_de_Vila_Franca_de_Xira. pp.7 e 8

¹⁰⁵ Orlando Raimundo, «Marco da VI Léguas», *Vila Franca de Xira - Saber Mais Sobre ... Património de Castanheira do Ribatejo e Vila Franca de Xira*, 2011, <https://www.cm-vfxira.pt/cmvmxira/uploads/document/file/771/6.pdf>.

da Azóia, nomeadamente da Quinta de Valflores, até Lisboa, tendo em conta a sua proximidade (Figura 14).

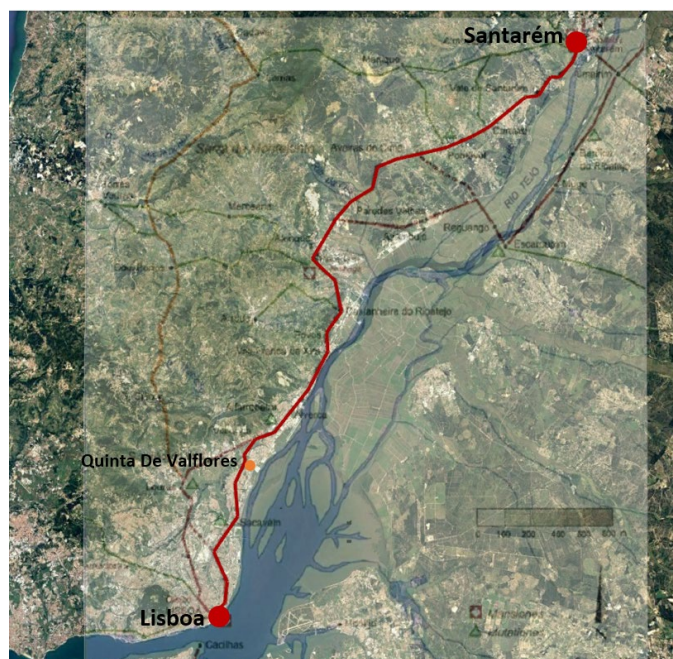


Figura 14: Localização da Quinta de Valflores no traçado da estrada romana Olissipo-Scallabis (Fonte: Pimenta, J. (Coord.), 2012. p.8 e Google Earth)

Através da via fluvial, o trajecto podia ser feito directamente pelo Tejo ou pela ribeira de Alpriate até ao rio Trancão e seguidamente pelo Tejo, tendo em conta que no século XVI, as ribeiras e rios tinham um leito mais largo possibilitando, assim, a navegação de embarcações.¹⁰⁶ Esta via constituía a forma mais rápida e segura de viajar até à capital. Sendo provável que a Quinta de Valflores nos seus primórdios se estendesse até ao rio Tejo e dada a sua maior proximidade com este rio, o acesso de Valflores a Lisboa, pela via fluvial, com certeza se faria directamente pelo Tejo.

As características hidrográficas favoráveis são indispensáveis na escolha do local e esta região evidencia-se pela abundância de águas. As quintas encontram-se localizadas sobretudo ao longo dos cursos de água, e a Quinta de Valflores não é excepção.

2.2. Análise Biofísica

A Quinta de Valflores, caracterizada por um relevo de vertente, encontra-se compreendida entre a cota 82 e 45. Integra-se no reverso da costeira que se desenvolve paralela e virada ao Tejo e se estende de Bobadela a Santa Iria de Azóia.¹⁰⁷

¹⁰⁶ Inês Pires Fernandes, «A Quinta de Recreio no Concelho de Vila Franca de Xira» (IV Seminário Internacional A Casa Nobre: Um Património para o Futuro, Arcos de Valdevez, 2014), <https://doi.org/10.13140/RG.2.1.3754.4400>.

¹⁰⁷ Câmara Municipal de Loures, «Programa - Quinta e Palácio de Valflores», 2020.

O Mapa Hipsométrico (Figura 15), obtido a partir de dados retirados da plataforma EPIC WebGIS, da freguesia onde se localiza a Quinta de Valflores, foi elaborado sobre as curvas de nível e apresenta 6 classes de altitude entre 0 e 120 metros, cada uma com uma amplitude de 30 metros.

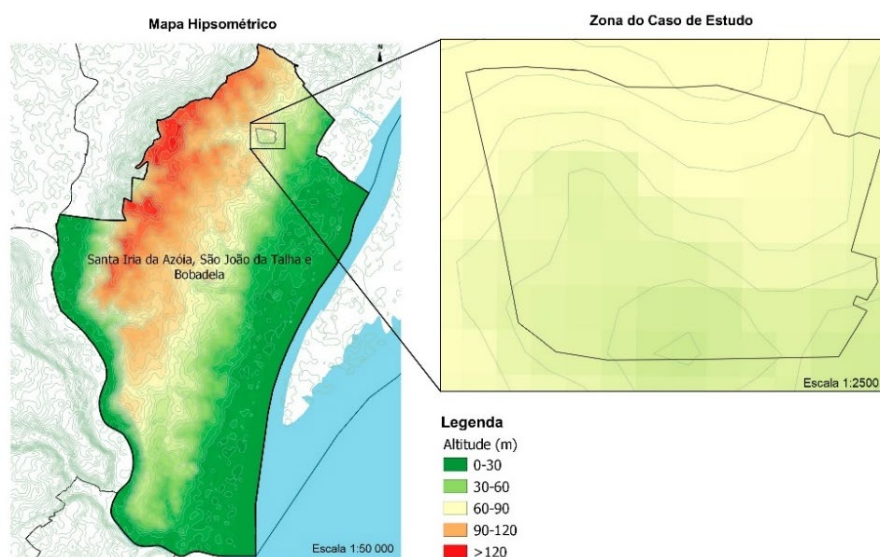


Figura 15: Mapa Hipsométrico (Fonte: Autora, a partir de dados disponíveis em: EPIC WebGIS)

Os declives, nesta freguesia, são maioritariamente suaves, associados às linhas de água, e moderados (8-12% e 12-16%), associados a um relevo ondulado, onde os cumes alternam com vales encaixados. Os declives superiores a 25% estão sobretudo presentes a este da freguesia, e correspondem à vertente da Ribeira de Alpriate.

A área do caso de estudo apresenta alternância entre zonas de declive moderado alto (12-16%) e zonas de declive mais acentuado (16-25%).

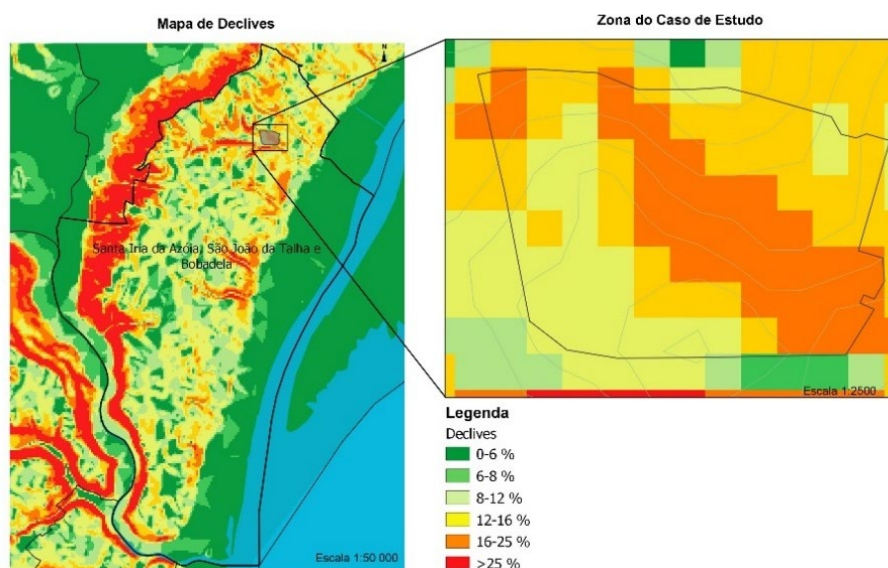


Figura 16: Mapa de Declives (Fonte: Autora, a partir de dados disponíveis em: EPIC WebGIS)

A orientação de vertentes afecta o microclima local e está amplamente relacionada com a orientação do relevo em relação à trajectória do sol. As orientações a sul e oeste são aquelas que recebem uma maior quantidade de radiação, portanto correspondem a áreas mais secas e quentes, enquanto as orientações a norte e este apresentam uma maior quantidade de ensombramento e consequentemente temperaturas mais baixas e maior nível de humidade.

A encosta de implantação da Quinta de Valflores, é maioritariamente exposta a sul, garantindo uma maior quantidade de radiação ao longo do ano, favorável tanto para a edificação como para o desenvolvimento de determinadas culturas agrícolas.

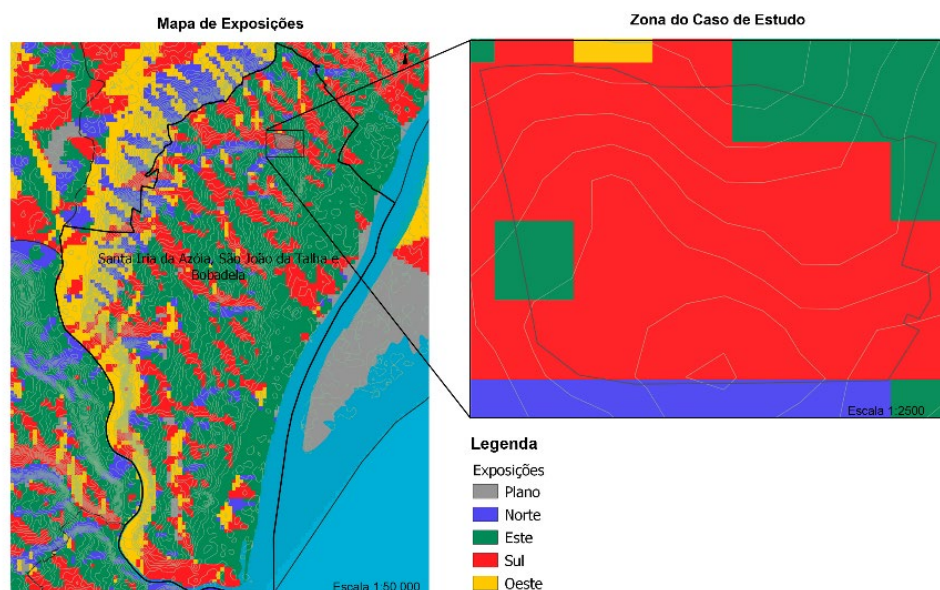


Figura 17: Mapa de Exposições (Fonte: Autora, a partir de dados disponíveis em: EPIC WebGIS)

A bacia hidrográfica onde a área de estudo está inserida, drena directamente para o rio Tejo. As linhas de água são de curta extensão e desenvolvem-se perpendicularmente ao rio, desde as vertentes até ao sapal. Na cabeceira apresentam inclinação acentuada, o que se verifica até à Estrada Nacional 10, aplanando deste ponto até ao Tejo. As linhas encontram-se quase sempre canalizadas quando atravessam vias ou áreas densamente industrializadas. A quinta é apenas atravessada por uma linha de água, a sul, denominada por Ribeira de Valflores, que está integrada na REN.¹⁰⁸

¹⁰⁸ Câmara Municipal de Loures.

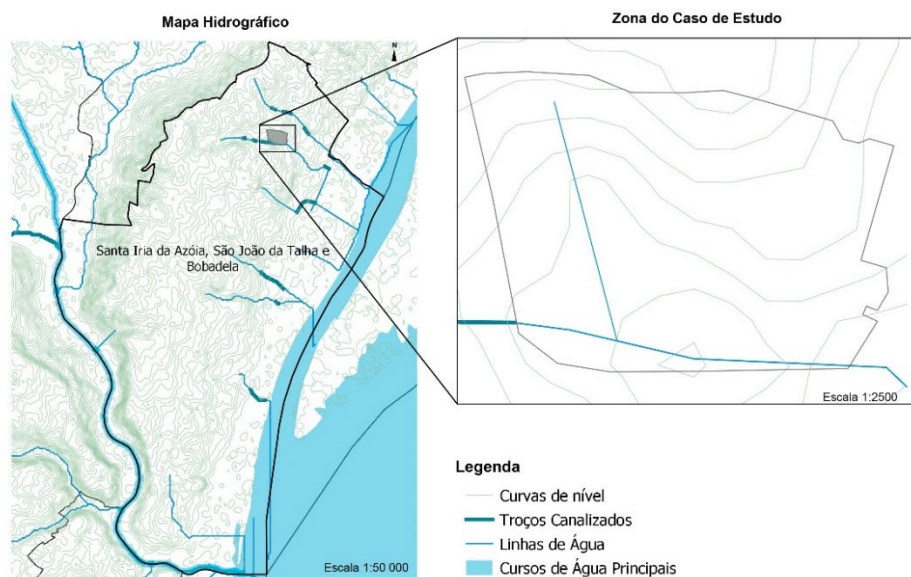


Figura 18: Mapa Hidrográfico (Fonte: Autora, a partir de dados disponíveis em: EPIC WebGIS)

O concelho de Loures, bem como toda a região a norte de Lisboa, integra-se na Orla Mesocenoica Ocidental Portuguesa. Segundo a Notícia Explicativa da folha 34-B da Carta Geológica de Portugal, as formações existentes na área da quinta são datadas do Miocénico e correspondem aos Calcários da Quinta das Conchas (MQC), constituídos por biocalcarenitos conglomeráticos com concentrações de valvas de ostras, seguidos de calcarenitos alternando com argilitos siltosos, e as Argilas de Xabregas (MXa), conjunto silto-argiloso, às vezes com areias finas, de cor cinzento-azulada.



Figura 19: Geologia de Valflores (Fonte: Carta Geológica de Portugal, 1996, folha 34-B, 1:50 000)

O clima da região em estudo pertence ao tipo climático do sul e ao subtipo marítimo de transição. Segundo a Câmara Municipal de Loures, em média a temperatura mínima é

inferior a 5°C 15 dias por ano e a temperatura máxima é superior a 25°C 30 dias. No inverno a temperatura mínima média do mês mais frio é 4°C, sendo que 10 a 15 dias têm uma temperatura mínima inferior a 0°C, enquanto no verão a temperatura máxima média do mês mais quente é de 32°C e 120 dias têm a máxima superior a 25°C.

Loures apresenta valores de insolação entre 2900 e 3000 horas anuais¹⁰⁹ e de radiação solar entre 155 e 160 Kcal/cm².¹¹⁰ A precipitação, segundo os dados de 1931-1960 disponibilizados pela Câmara Municipal de Loures, dá-se 50 a 75 dias por ano e a quantidade total de precipitação ronda os 600 e 700 mm. A humidade relativa do ar é de 70-75%¹¹¹ e o vento, nesta região, faz-se sentir com maior intensidade na Primavera e no Outono.

A Quinta de Valflores, pela proximidade física e implantação, estabelece visualmente uma ligação muito directa com o Estuário do Tejo. Este estuário, que é um dos maiores da Europa ocidental, corresponde a uma Área Estruturante Primária da Rede Ecológica Metropolitana, elemento central da AML e área húmida da maior importância a nível Nacional e Europeu.¹¹²

Esta propriedade, compreende uma Área Vital da Rede Ecológica Metropolitana e integra e relaciona-se com a Rede Fundamental de Conservação da Natureza (RFCN) que incorpora, os sítios da lista nacional de sítios e as zonas de proteção especial integrados na Rede Natura 2000, a Reserva Ecológica Nacional (REN) e o Domínio Público Hídrico (DPH).¹¹³

No concelho de Loures, a Rede Natura 2000, inclui uma área abrangida nas Diretivas Aves e Habitats – a Zona de Proteção Especial do Estuário do Tejo (código PTZPE0010) e o Sítio de Importância Comunitária estuário do Tejo (código PTCCON0009), que correspondem a 1% e 0,6% da área do concelho respetivamente. Esta área envolve a sul a Reserva Natural do Estuário do Tejo, constituindo no conjunto uma vasta área integrada no Sistema Nacional de Áreas Classificadas e na Rede Fundamental de Conservação da Natureza. Coincide com a área estruturante primária – estuário do Tejo da Rede Ecológica Metropolitana do PROT-AML. Apresenta uma muito elevada biodiversidade, sendo de destacar o sapal, a ocorrência de diversas aves, em particular aquando da sua migração entre o Norte de Europa e África, e a sua beleza única em termos de paisagem.¹¹⁴

¹⁰⁹ «Cartografia Insolação - Período de 1931-1960», acedido 10 de Junho de 2021, <https://www.cm-loures.pt/media/atlas/pdf/PDF20170719174108277.pdf>.

¹¹⁰ «Cartografia Radiação Solar - Período de 1931-1960», acedido 10 de Junho de 2021, <https://www.cm-loures.pt/media/atlas/pdf/PDF20170719174108320.pdf>.

¹¹¹ «Cartografia Humidade - Período de 1931-1960», acedido 10 de Junho de 2021, <https://www.cm-loures.pt/media/atlas/pdf/PDF20170719174604480.pdf>.

¹¹² Câmara Municipal de Loures, «Programa - Quinta e Palácio de Valflores».

¹¹³ *Ibid.*

¹¹⁴ *Ibid.*

2.3. História da Quinta

A Quinta de Valflores, que remonta ao século XVI, tem como fundador Jorge de Barros (?-1562), feitor de D. João III (1502-1557), que fez a sua fortuna em Flandres, importante centro comercial e cultural da época.¹¹⁵

Apesar de ter a sua residência principal em Lisboa, Jorge de Barros constrói, em meados do século XVI, um paço rural em Santa Iria da Azóia, “dos maiores que neste Reyno se ajuntou, que passava de trezentos mil cruzados”¹¹⁶. A propriedade era constituída por uma parte murada e outra não murada que se estendia, para nascente, até ao rio Tejo, e para sudoeste. Segundo a Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria da Azóia, a parte murada correspondia ao paço e a outra parte seria, possivelmente, uma unidade de exploração agrícola.¹¹⁷

Em 1558 este mercador e a sua mulher, D. Filipa de Melo, mandam construir a capela da Soledade ou, como também é conhecida, dos Barros, integrada na Igreja Matriz de Santa Iria da Azóia, facto comprovado pelos brasões e inscrição nas suas sepulturas ali presentes: “Aqui jaz Jorge de Barros, fidalgo da casa de El Rei Dom João o III deste nome e Dona Filipa de Melo sua mulher fundadores e dotadores desta capela no ano de 1558.”

Anos mais tarde, em 1562, morre Jorge de Barros e D. Filipa de Melo torna-se a primeira administradora do morgadio, fundado pelo casal a 16 de maio de 1556, composto não só pela propriedade de Valflores, cabeça de Morgadio, como também pela capela da Soledade e outras propriedades noutras zonas do país.

Após a sua morte, a sua única filha, D. Luísa de Barros, herda o morgadio e terá realizado obras na quinta, segundo indica o seu testamento: “declaro e lembro aos meus testamenteiros que da minha fazenda se devem as benfeitorias nas casas de (...), assim na Quinta de Santa Iria.”¹¹⁸ Casada com Jorge da Silva, 7º senhor de Vagos, desaparecido na Batalha de Alcácer Quibir e sem filhos, a propriedade, depois da sua morte, passa para um primo seu, Jorge de Barros e Vasconcelos.

Através de um auto de vistoria, de 1798, durante a administração de Dionizio Andrónico de Barros e Vasconcelos, sabe-se que a propriedade já se encontrava bastante degradada. No referido auto consta uma descrição da quinta, que é dividida entre a parte norte e a sul do núcleo urbano.

¹¹⁵ «Monumentos», Palácio e Quinta de Valflores, acedido 27 de Março de 2022, http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6316.

¹¹⁶ Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da sala de Sintra*, 2ª edição, vol. 1º, 3 vols. (Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921). p.65

¹¹⁷ Cristina Mendes, «Cronologia de Valflores» (Rascunho não editado ADPAC, 2009).

¹¹⁸ *Ibid.*

Do lado norte do núcleo encontravam-se as cavalariças, um palheiro e uma casa em pardieiro. Adjacente a esta última deu-se conta de uma almácea com uma bica. É, ainda, dito que existiam mais três casas neste lado norte, uma “que servia de casa de caldeiras de destilar aguardente, (...) outra que servia de ermida de dizer missa, muito arruinada e sem porta e outra casa de ladrilho, que por umas escadas no seu interior, davam acesso a uma casa de sobrados por cima”.¹¹⁹

Do lado sul, uma casa em pardieiro “sem porta, somente com parte do madeiramento e sem telha, muito arruinada e mística a esta outra casa com seu forno em pardieiro, em pardieiro sem madeiramento nem telhado”.¹²⁰

Na casa residencial, no mesmo plano, existiam ainda mais seis casas de habitação, entre elas uma cozinha, “a qual está com o madeiramento muito arruinado e sem telha (...) e uma habitação que dá para uma grande varanda coberta com suas colunas de pedra de Itália e toda ladrilhada e muito arruinada”.¹²¹ No piso térreo da casa principal são sete as dependências existentes, “sete casas térreas fixadas de abóbodas que serviam de adega, lagar de fazer vinho, casa de recolher azeites, com sete talhas enterradas na terra, tendo para um lado seu pátio que dá serventia à casa de adega e toda a referida propriedade.”¹²² O auto de vistoria menciona a existência de duas colunas de pedra encostadas à parede da porta principal da casa residencial que serviam para segurar um alpendre que outrora ali existiu.

Em relação à parte rústica da propriedade constavam vinhas, árvores de fruta de pevide e caroço, pomar de espinho, parreiras, tudo murado e ainda “dois poços, um com engenho de nora e outro sem ele, três tanques e água nativa de uma mina”¹²³. Muitos muros e socalcos da quinta já estavam caídos, o pomar de espinho destruído por falta de manutenção e rega e a necessitar de plantação muitas árvores, assim como as vinhas “porque lhe semearam trigo em várias partes”¹²⁴. O auto refere ainda que a quinta carece de grandes reparos para a sua conservação e que no estado em se apresenta não pode produzir rendimento algum.

O último proprietário pertencente a esta família foi Pedro Clímaco de Alcântara de Barros e Vasconcelos que, na segunda metade do século XIX, em 1899, perdeu a quinta para credores, ficando a quinta na posse de um negociante.¹²⁵

Pouco tempo depois, o paço rural é comprado pela família inglesa Reynolds, que a arrenda aos Mendonça, uma família de Santa Iria. A quinta deixa de ser habitada, passa a ser

¹¹⁹ «Arquivo Nacional da Torre do Tombo - DigitArq», Processo de Joana Inácia, acedido 27 de Março de 2022, <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4168710>. p.31

¹²⁰ *Ibid.*, p.31

¹²¹ *Ibid.*, p.32

¹²² *Ibid.*, p.32

¹²³ *Ibid.*, p.33

¹²⁴ *Ibid.*, p.34

¹²⁵ Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da sala de Sintra*. p.394

usada somente como exploração agrícola e a casa residencial “converte-se” em armazém de apoio à exploração.

Segundo Luís Mateus, a partir dos anos sessenta do século passado, “os pisos inferiores [da casa] foram transformados em pocilgas, estábulos, vacarias, capoeiras, e outros de uso relacionado com a exploração agrícola”¹²⁶, este talvez tenha sido o ponto de partida para a degradação intensa que hoje se observa.

Apesar de sempre ter existido produção agrícola na quinta, nomeadamente vinha, árvores de fruta de pevide e caroço, pomar de espinho e parreiras, como indica o auto de vistoria de 1789, os produtos cultivados foram modificados, o pomar foi substituído por produtos hortícolas e a vinha por trigo.¹²⁷

Segundo Cristina Mendes a nível estrutural a quinta também sofreu alterações, desapareceu uma escadaria existente no lado poente da casa senhorial, que o ligava ao patamar da fachada a sul, bem como o caminho que se estruturava entre o aqueduto e esteios de pedra, o tanque existente perto da casa, que recebia água deste aqueduto foi destruído e adaptado para instalar gado suíno e, como já referido anteriormente, o interior da casa teve outra função que não a de habitar. Este uso da quinta, exclusivamente agrícola, manteve-se durante mais de 100 anos.¹²⁸

Nos anos 50, parte da área sul foi retirada à quinta para viabilizar a construção da Estrada Nacional 115. Foi então destruída a entrada sul da quinta, e respectiva escadaria, que a ligava diretamente ao centro de Santa Iria da Azóia (cerca de 400 metros) onde se localiza a igreja onde Jorge de Barros mandou construir a capela.



Figura 20: Percurso Quinta de Valflores – Igreja de Santa Iria da Azóia (Fonte: Arquivo ADPAC e Google Earth)

¹²⁶ Luís Mateus in Amílcar Gil Pires *A Villa Renascentista - Arquitectura, Jardins e Paisagem*. p.269

¹²⁷ Cristina Mendes, «Cronologia de Valflores».

¹²⁸ *Ibid.*

Esta entrada é referida no volume XX da revista periódica do Museu Nacional de Arqueologia: “(...) embora [a Quinta de Valflores] não conserve brasão algum na própria habitação, o tem num portal por onde da mesma quinta se vinha rapidamente ao povo de Santa Iria.”¹²⁹ Ainda é visível o muro limitante da quinta, rebaixado, e vestígios da destruição da referida escadaria, naquele local.

Em 1982, a Quinta de Valflores é classificada como Imóvel de Interesse Público, pelo Decreto n.º 28/82 DR, 1.ª série, n.º 47 de 26 fevereiro 1982, e é publicada a sua Zona Especial de Protecção (DR nº 213/1982, série I, de 14 de setembro de 1982).

Em 1998 é construída uma acessibilidade ao IC2 que corta parte do terreno a sul pertencente à quinta. Para que isso pudesse acontecer parte da quinta foi desclassificada perdendo-se o último terraço desta propriedade que continha pelo menos dois tanques, um grande e um pequeno, e respectivo sistema hidráulico, a entrada de uma mina de água e muros de suporte de socacos.

A família Reynolds, no final do século XX, decide transferir a propriedade para a Casa Agrícola Reynolds e a firma Jodipe mas, devido a razões burocráticas, o processo arrasta-se e não havendo nesse período um legítimo proprietário do imóvel a quinta deixa de ter qualquer tipo de ocupação durante uns anos e a degradação acelera. As coberturas da casa senhorial foram ruindo e parte dos colunelos e arcadas da loggia existente na fachada virada a sul abateram em 2001.¹³⁰

Finalmente, em 2005, a Câmara Municipal de Loures, exerce o seu direito de preferência na compra da propriedade e compra o imóvel por 500 mil euros. A decisão de adquirir o imóvel foi tomada numa reunião de câmara, com o objetivo de não deixar que a casa caísse em ruínas.

Entre 2006 e 2008 foram realizadas intervenções com a finalidade de interditar o acesso de terceiros à propriedade e à casa. Foi também alvo de uma limpeza intrusiva na parte rural da propriedade que resultou, devido à utilização de maquinaria pesada, na destruição de alguns socacos e foram provocados movimentos de terra, sobretudo junto da casa, a poente.

Em 2015, a notável casa da quinta é integrada na lista dos quatorze monumentos mais ameaçados da Europa pela Europa Nostra, lembrando a importância de o salvar.¹³¹

¹²⁹ Museu Nacional de Arqueologia, «Azulejos Datados - A igreja de Santa Iria», *O Archeologo Português*, 1915. p.198

¹³⁰ «Monumentos», acedido 7 de junho de 2021, http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6316.

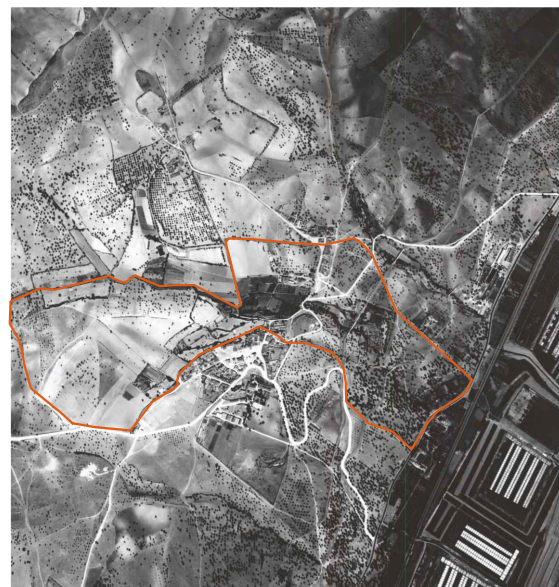
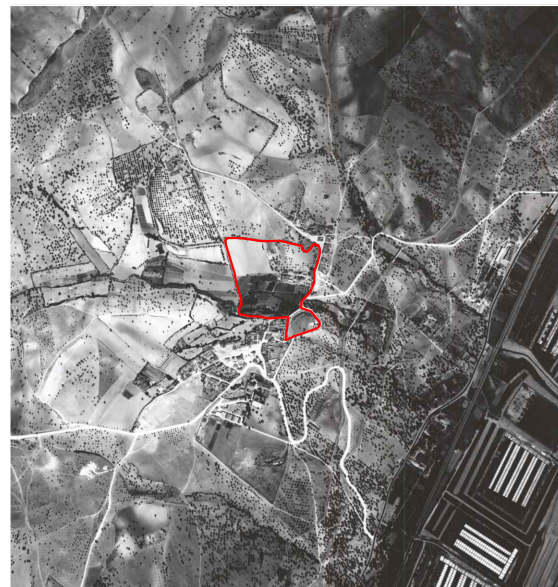
¹³¹ Europa Nostra, 14 European heritage sites shortlisted for «The 7 Most Endangered» programme 2016, 10 de Dezembro de 2015, <https://www.europanostra.org/14-european-heritage-sites-shortlisted-7-endangered-programme-2016/>.

É então, no ano seguinte, que a Câmara Municipal de Loures submete duas candidaturas a fundos comunitários, que foram aceites, permitindo reabilitar a Casa de Valflores. Com o financiamento de 50% do Fundo de Coesão e Fundo Social Europeu (FEDER), no âmbito do Programa Operacional Regional de Lisboa 2014-2020, Portugal 2020, e em parceria com a Associação de Defesa do Ambiente de Loures (ADAL), a Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azoia (ADPAC), a União de Freguesias de Santa Iria de Azóia, São João da Talha e Bobadela, o Agrupamento de Escolas de Santa Iria de Azóia, a Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa e o arquitecto João Vieira Caldas, deu-se início à primeira fase da obra, em 2018. Esta contemplou a consolidação estrutural, restauro e protecção dos elementos arquitetónicos, nomeadamente na casa senhorial e no aqueduto principal e ficou concluída em janeiro de 2020. Actualmente, estão em cursos as duas últimas fases, a segunda que diz respeito ao restauro das coberturas e resolução da drenagem de água da quinta e a terceira que incidiu no restauro completo de cada divisão da casa senhorial.¹³²

Durante os anos de 2018 e 2019 foram realizados vários levantamentos parcelares, através de varrimento laser (VL3D) e pontualmente através da fotogrametria digital (FD), tanto na casa como na área envolvente. A georreferenciação foi feita com base no levantamento topográfico elaborado pela Câmara Municipal de Loures em 2008. Estes levantamentos tiveram como objectivo a produção de dados em áreas onde não existia informação, nomeadamente no socalco inferior, assim como o registo da evolução dos trabalhos de demolição/construção na zona da cozinha. “Destes levantamentos produziu-se informação para complementar os levantamentos existentes, quer sob a forma de imagens quer sob a forma de nuvens de pontos, para uso da equipa de projecto bem como de apoio à leitura estratigráfica”.¹³³

¹³² Luís Mateus et al., «The Role of 3D Documentation for Restoration Interventions. The Case Study of Valflores in Loures, Portugal», *The International Archives of the Photogrammetry, Remote Sensing and Spatial Information Sciences* XLIV-M-1-2020 (2020): 381–88, <https://doi.org/10.5194/isprs-archives-XLIV-M-1-2020-381-2020>.

¹³³ Pedro Pacheco, José Aguiar, e José Gomes da Silva, «Levantamento e Documentação da Quinta de Vale de Flores» (Câmara Municipal de Loures, 2020).



Meados do séc. XVI

1944

1958

1970

1987

2022

Área da Quinta (aprox.): 35 ha

Área da Quinta (aprox.): 6,3 ha

Área da Quinta (aprox.): 6,3 ha

Área da Quinta (aprox.): 5,7 ha

Área da Quinta (aprox.): 5,4 ha

Área da Quinta (aprox.): 4,5 ha

LEGENDA

- LIMITE HIPOTÉTICO DA QUINTA DE VALFLORES
- LIMITE DA QUINTA DE VALFLORES

Fonte: Fotografias aéreas 1944, 1958, 1970, 1987, IGEOE/Arquivo ADPAC
Fotografia aérea 2022, Google Earth

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM
ARQUITECTURA PAISAGISTA
UNIVERSIDADE DE LISBOA - INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA



INSTITUTO
SUPERIOR DE
AGRONOMIA

ANÁLISE HISTÓRICA E PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA QUINTA DE VALFLORES, LOURES

AUTORA: MARIA INÊS FURTADO RAIMUNDO DE OLIVEIRA ATANÁSIO
ORIENTADORES: PROFESSORA DOUTORA SÓNIA MARIA LOUÇÃO MARTINS TALHÉ AZAMBUJA E PROFESSOR DOUTOR
LUÍS MIGUEL COTRIM MATEUS

LISBOA, 31 DE MARÇO DE 2022

LOCALIZAÇÃO	QUINTA DE VALFLORES, SANTA IRIA DA AZÓIA	
ESCALA	1:20000	PEÇA 02
PLANTA	DESENVOLVIMENTO URBANO DE SANTA IRIA DA AZÓIA E EVOLUÇÃO DA ÁREA DA QUINTA DE VALFLORES	

2.4. O Proprietário

Jorge de Barros (?-1562), nascido provavelmente nos finais do século XV ou no início do século XVI e falecido a 17 de dezembro de 1562, foi um “mercador muito honrado”¹³⁴, que possuiu uma das maiores fortunas do reino.

Filho de André de Barros, fidalgo do rei D. Afonso V, e de Constança Rodrigues Campos, pertencia à pequena nobreza. Casou-se com Filipa de Melo e apenas teve uma filha, Luísa de Barros.

Segundo Cristina Mendes, apesar de Jorge de Barros se ter dedicado sempre ao comércio de especiarias, nos últimos anos de vida foi dono de uma botica, sediada na Rua Nova dos Ferros (ou dos Mercadores)¹³⁵, uma das ruas mais ricas de Lisboa no século XVI.



Figura 21: A Rua Nova dos Ferros (ou dos Mercadores), Lisboa. Segunda metade do século XVI, Mestre Desconhecido. Pintura a óleo sobre madeira. Londres, Kelmscott Manor Collection – Society of Antiquaries of London. © Kelmscott Manor Collection – Society of Antiquaries of London. (Extraído: Azambuja, 2021, p. 431)

De acordo com Sónia Talhé Azambuja esta rua, que comercializava produtos vindos da Ásia, África e América, especialmente plantas e animais exóticos, acolhia algumas boticas¹³⁶, onde se vendiam medicamentos “preparados nomadamente à base de plantas medicinais e extratos de animais”.¹³⁷

Embora seja geralmente referido que Jorge de Barros foi feitor em Flandres, no reino de D. João III, de 1532 a 1537¹³⁸, Mendes afirma que existem referências que o colocam na feitoria portuguesa em 1528, provavelmente como escrivão ou cônsul.¹³⁹

¹³⁴ Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da sala de Sintra*, 2ª edição, vol. 1. (Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921). p.65

¹³⁵ Cristina Mendes, «Cronologia de Valflores».

¹³⁶ Antigas farmácias

¹³⁷ Sónia Talhé Azambuja, *Plantas, Animais e Paisagem - Da Iconografia à Iconologia na Pintura dos Séculos XV e XVI em Portugal*. p.431

¹³⁸ «Despacho 7829/2001 (2.ª série)», Diário da República Eletrónico, acedido 9 de Agosto de 2021, <https://dre.pt/home/-/dre/2633416/details/maximized>.

¹³⁹ Cristina Mendes, «Cronologia de Valflores».

Ao serviço de D. João III, este mercador, esteve envolvido em várias missões, no entanto apenas temos conhecimento de duas delas. Em 1532, durante as suas funções na Flandres, foi enviado com Damião de Góis para as negociações de libertação do mercador cristão-novo Diogo Mendes. Estes, junto de Maria da Hungria e Carlos V, expuseram e defenderam pessoalmente os interesses de D. João III.¹⁴⁰ A outra, entre 1540 e 1542, uma vez que era um homem da confiança de D. João III, foi para Roma, para impedir, junto do Santo Padre, que Miguel da Silva, bispo de Viseu desde 1526 e um dos grandes nomes ligados ao renascimento português, fosse elevado a cardeal.¹⁴¹

No início do século XVI, a cidade de Antuérpia, era o grande polo artístico da Europa.¹⁴² A pintura flamenga, em que a paisagem era retratada com maior realismo e que não era idealizada nem fantasiada, era reconhecida e admirada por todos naquela época. Na vertente do naturalismo destacam-se pintores flamengos como Joachim Patinir e Pieter Brueghel. Patinir elaborou diversas pinturas de paisagem relacionadas a motivos bíblicos.¹⁴³ A obra de Patinir é descrita como “(...) o protagonista narrativo tradicional do primeiro plano prolonga-se para o fundo, onde a natureza e os profundos horizontes ganham uma nova importância”, tal como acontecia nas projeções das *villae* italianas, com a combinação e harmonia existente entre os patamares ajardinados e a paisagem envolvente.¹⁴⁴

Os Livros de Horas, produzidos maioritariamente em Flandres, a par com França¹⁴⁵, muito utilizados durante os séculos XV e XVI, eram sumptuosos objectos, que continham o calendário litúrgico e orações, ricamente ornamentadas com iluminuras. De acordo com Sónia Talhé Azambuja “durante os séculos XV e XVI, a representação de elementos de flora e de fauna atingiu o seu apogeu na iluminura. As bordaduras na iluminura flamenga dos livros de horas e breviários são ricamente decoradas com flores, insectos, borboletas, caracóis, utilizando técnicas de *trompe-l'oeil* para dar a ilusão de que a natureza está viva. Algumas das flores mais representadas nos livros de horas e breviários são extremamente simbólicas

¹⁴⁰ Damião de Góis et al., *O livro de Eclesiastes: reprodução em fac-símile da edição de Stevão Sabio (Veneza, 1538)* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação e Bolsas, 2002).

¹⁴¹ Luiz Augusto Rebello da Silva, *Corpo Diplomático Português contendo os Actos e Relações Políticas e Diplomáticas de Portugal*, vol. 4 (Academia das Ciências de Lisboa, 1862), <http://archive.org/details/corpodiplomatico11lisbgoog>. p.392-395

¹⁴² Maria das Mercês de Carvalho Daun e Lorena Taquenho, «Pintura flamenga em Portugal. Os retábulos de Metsys, Morrison e Ancede; estudo técnico e material» (Tese para obtenção do Grau de Doutor em História de Arte Especialidade: Pintura, Évora, Universidade de Évora, 2013).

¹⁴³ Cristiane Maria Magalhães, «O Desenho da História no Traço da Paisagem: Património Paisagístico e Jardins Históricos no Brasil - Memória, Inventário e Salvaguarda» (Tese para obtenção do Grau de Doutora em História, na área de concentração Política, Memória e Cidades, Campinas, Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), 2015).

¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 25

¹⁴⁵ Delmira Custódio, «Relações artísticas entre Portugal e a Flandres através dos livros de horas existentes em Portugal» (Tese de Doutoramento em História da Arte Medieval, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2017).

e ligadas à iconografia de Cristo e da Virgem: açucenas, lírios, rosas, cravos, verónicas, boninas, borragem, amores-perfeitos.”¹⁴⁶

Jorge de Barros como feitor em Flandres, pelo menos durante cinco anos, teve com certeza contacto com a pintura de paisagens. Damião de Góis (1502-1574), que o acompanhou numa das missões que se conhece, foi nomeado por D. João III, em 1523, como escrivão da feitoria portuguesa de Flandres, em Antuérpia e “conviveu e desenvolveu laços de amizade com alguns dos mais relevantes humanistas europeus.”¹⁴⁷ Segundo Sónia Talhé Azambuja, Damião de Góis como colecionador de obras de pintura e amigo de Albercht Dürer (1471-1528), um dos melhores pintores do Renascimento, muito provavelmente teve contacto com os desenhos do artista, nomeadamente de pintura de paisagens.¹⁴⁸

A pintura de paisagens exerceu um importante papel na “determinação do gosto pela paisagem e pelos jardins.”¹⁴⁹ Sónia Talhé Azambuja afirma que “existe um paralelismo entre a pintura de paisagem e o papel que os jardins e paisagens assumem na sociedade europeia no século XV e XVI.”¹⁵⁰ De acordo com Aurora Carapinha é desde o renascimento que o jardim “liberta-se, para sempre, dos preconceitos hortícolas, autonomiza-se, ordenando-se de acordo com os princípios teoréticos imanentes dos tratados de arquitectura, que emergem da cultura humanista.”¹⁵¹

Decerto que Jorge de Barros, relacionando-se com Damião de Góis e certamente com outros nomes reconhecidos do humanismo, tendo contacto com a arte flamenga, experienciando o ambiente cultural vivido em Roma naquela época, em pleno período renascentista, e sendo um dos homens mais ricos do reino, quando volta a Portugal traz consigo todas estas influências e conhecimentos que o instigaram a construir a Quinta de Valflores, uma quinta de recreio que aproveita uma pequena encosta aberta à paisagem para se estabelecer. Tal como Cristina Castel-Branco refere a propósito da construção da Quinta das Torres: “Este tipo de novidades nunca acontece sem a força e o gosto de um mecenas com dinheiro.”¹⁵²

¹⁴⁶ Sónia Talhé Azambuja, *Plantas, Animais e Paisagem - Da Iconografia à Iconologia na Pintura dos Séculos XV e XVI em Portugal*. p.7

¹⁴⁷ *Ibid.*, p.87

¹⁴⁸ *Ibid.*

¹⁴⁹ Cristiane Maria Magalhães, «O Desenho da História no Traço da Paisagem: Património Paisagístico e Jardins Históricos no Brasil - Memória, Inventário e Salvaguarda». p.27

¹⁵⁰ Sónia Talhé Azambuja, *Plantas, Animais e Paisagem - Da Iconografia à Iconologia na Pintura dos Séculos XV e XVI em Portugal*. p.446

¹⁵¹ Aurora Carapinha, «Da Essência do Jardim Português Vol.I». p.4

¹⁵² Cristina Castel-Branco, *Jardins de Portugal* (S.l.: CTT Correios de Portugal, 2014). p.220

3. Estudo da Quinta de Valflores

3.1. Estrutura Geral Actual

Implantada num terreno com pendente para sul, a modelação de terreno, conseguida a partir de um sistema murário foi determinante na organização do espaço. A entrada faz-se a nascente por um portão improvisado, preso a muros já em estado de ruína. Ao passar os portões é possível vislumbrar a casa nobre que se ergue para sul quase no mesmo eixo da entrada.

O caminho, em direcção a este, faz-se por terra batida, a norte encontram-se vestígios de dois tanques confinantes, descobertos após a demolição de construções recentes realizadas no âmbito das obras de reabilitação, a sul, surge um muro em ruína alinhado com o muro do tanque e uns metros à frente, uma escadaria, adjacente ao anexo da cozinha, coberta por um arco, que não só dá acesso ao piso térreo da casa como também ao terraço seguinte.

Continuando o percurso de nascente para poente, uma escadaria com quatro degraus conduz-nos ao que seria, possivelmente, o terreiro de entrada da casa. Para sul, desenvolve-se a residência, presentemente a ser alvo de obras de restauro e para norte uma estrutura que, segundo as sondagens arqueológicas, poderá ser uma construção anterior à casa senhorial.

A capela encontra-se confinante com a fachada norte da casa nobre, desenvolvendo-se para sul. Este oratório, de planta quadrangular, que se encontra em tremendo estado de conservação, tem ligação para o terreiro de entrada bem como para o interior da casa.

Entre a capela e a estrutura, referida anteriormente, ergue-se uma espécie de portal que faz a divisão entre o núcleo urbano da parte rural. Passando sob este portal, surge uma escadaria (Figura 22), descoberta pelas sondagens arqueológicas, que nos indicam que o terreno terá sido aterrado. Esta escadaria, em calcário, é fechada de um lado pelo aqueduto e de outro pelo muro de suporte do patamar seguinte.



Figura 22: Escadaria perto do portal, Quinta de Valflores © Autora, 2021

A partir deste local e aparentemente no mesmo eixo, avista-se um aqueduto, edificado paralelamente aos socalcos, com revestimento em cal e ornamentos na face poente com motivos geométricos alternados (Figura 23).



Figura 23: Ornamentos na face poente do aqueduto da Quinta de Valflores © Autora, 2021

Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria da Azóia, alerta para as semelhanças entre estes ornamentos e os ornamentos da abóboda do torreão principal do Castelo de Pirescoxe¹⁵³ (Figura 24), propriedade do século XV, próxima da Quinta de Valflores.



Figura 24: Motivos decorativos na abóboda de um torreão do Castelo de Pirescoxe (Fonte: facebook.com/QuintaDeValeDeFlores)

Este aqueduto de cima, incompleto, mas restaurado estruturalmente no contexto das obras de requalificação em 2019, alonga-se cerca de 53 metros para poente e 5 metros para sul, onde tem o seu início. A primeira coluna que suporta o primeiro arco encontra-se no patamar seguinte, de cota menor, assim como o poço que lhe fornecia a água. Fotografias dos anos 60, do século passado, revelam que as colunas que suportam os arcos estavam

¹⁵³«Quinta de Vale de Flores», acedido 4 de Agosto de 2021, <https://www.facebook.com/QuintaDeValeDeFlores/photos/a.198266963547632/210941712280157>.

muito mais descobertas do que agora se encontram. Contrariamente ao que se sucede agora, estavam inseridas no muro de suporte, o que significa que esta estrutura terá sido parcialmente aterrada (Figura 25 e 26).



Figura 25: Aqueduto de cima. Quinta de Valflores. Anos 60, do século XX © Miguel Ramalho (Fonte: facebook.com/QuintaDeValeDeFlores)



Figura 26: Aqueduto de cima. Quinta de Valflores © Autora, 2021

O Cadastro da Propriedade Rustica de 1951¹⁵⁴, também nos dá indicações sobre esse local, refere que o eixo este-oeste se prolonga para oeste com um caminho delimitado por muro e acompanhado pela estrutura do aqueduto elevado. Tendo em conta que originalmente existia um portão a poente da propriedade, possivelmente seria por aqui, paralelamente ao aqueduto, que se fazia o percurso até à casa. Cada coluna do aqueduto possui uma reentrância onde, muito possivelmente, encaixavam traves de madeira que constituíam uma latada, reforçando ainda mais esta ideia de que o aqueduto estruturava o caminho principal da entrada na propriedade.



Figura 27: Local de encaixe das traves no aqueduto, Quinta de Valflores © Autora, 2021

A norte do aqueduto e do núcleo urbano, desenvolve-se uma área com quase 2,6 hectares apenas com algumas árvores dispersas. Outrora, neste terreno agrícola, praticava-se o cultivo de culturas de sequeiro uma vez que o sistema hidráulico da quinta não abrangia esta área.

¹⁵⁴ «Cadastro da Propriedade Rustica de Santa Iria da Azóia», 1951.

Relativamente à área sul da propriedade, esta é modelada em cinco terraços e ainda apresenta uma estrutura murária preservada, excepto em determinados locais, em que o colapso de elementos, de forma natural ou com intervenção do homem, acabou por modificar a geometria dos patamares. As passagens entre os patamares são garantidas por escadas ou rampas. Uma escadaria a poente do palácio que não chegou aos dias de hoje, mas que é possível observar na ilustração feita por Anselmo Braancamp Freire da Quinta de Valflores, provavelmente inspirada por uma fotografia (anexo I), ligava o núcleo urbano ao terceiro patamar. No seu final existe um tanque, degradado, onde ainda é possível observar uma bica. Este seria abastecido através de um outro aqueduto, o aqueduto de baixo, existente na parte sul da propriedade, no patamar seguinte, mas do qual pouco resta, apenas um arco, próximo de um outro poço com engenho de elevação. No último patamar, observa-se um tanque edificado neste século ou no final do século anterior. O muro de suporte adjacente a este tanque ainda apresenta vestígios que testemunham a presença de latadas.



Figura 28: Muro adjacente ao tanque recente, Quinta de Valflores (Fonte: Arquivo ADPAC)



Figura 29: Vestígios da presença de latada, Quinta de Valflores (Fonte: Arquivo ADPAC)

A Quinta de Valflores estando enquadrada a nascente pela frente ribeirinha do Tejo, possui um enquadramento cénico único. Da quinta consegue-se vislumbrar o rio e os seus mochões e do ponto mais alto, ainda, a extensa planície da margem esquerda do rio.

Desconhece-se a existência de um programa decorativo geral, no que diz respeito a revestimentos cerâmicos azulares ou esculturas.

3.2. Levantamentos dos Elementos Existentes

3.2.1. Edificado

3.2.1.1. Casa

Localizada quase ao centro da propriedade e construída em meados do século XVI, possivelmente a partir de uma outra casa existente do século anterior, esta casa nobre, que

ocupa uma área de implantação de 340m², “é um exemplar raro da arquitectura civil do século XVI”¹⁵⁵ (Figura 30).



Figura 30: Casa de Valflores © Henrique José, 1978 (Fonte: facebook.com/QuintaDeValeFlores)

Adossadas às torres laterais desta casa, localizam-se as dependências da capela e da cozinha, respetivamente à esquerda e à direita do núcleo central.

As coberturas originais desta casa eram “diferenciadas e escalonadas, com telhados de duas, três e quatro águas, elementos que acentuam a volumetria do edifício.”¹⁵⁶

A entrada está localizada na fachada norte, onde o terreno tem uma cota de maior valor, fazendo com que esta fachada não apresente o piso térreo, acedido apenas lateralmente. Segundo o Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA) este edifício de planta quadrangular possui três pisos, o piso térreo reservado a lojas e os pisos superiores destinados a habitação, tal como era a concepção espacial da época.¹⁵⁷ Os primeiros dois pisos desenvolvem-se em toda a extensão da casa e o terceiro apenas está presente nos dois torreões, estes, de planta também quadrangular, delimitam o corpo central da casa.¹⁵⁸ Segundo a Direção-Geral do Património Cultural, “a compartimentação dos espaços habitacionais é feita de forma simétrica e regular, formando espaços de planta quadrada.”¹⁵⁹

No piso térreo composto por sete divisões, sabe-se que existiria:

- Lagar de vinho;

¹⁵⁵ Mateus in Pires, *A Villa Renascentista - Arquitectura, Jardins e Paisagem*. p.269

¹⁵⁶ «Monumentos», Palácio e Quinta de Valflores, acedido 27 de Março de 2022, http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6316.

¹⁵⁷ *Ibid.*

¹⁵⁸ «DGPC | Pesquisa Geral», Quinta de Valflores, acedido 27 de Março de 2022, <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73231>.

¹⁵⁹ *Ibid.*

- Adega: onde se armazenavam os vinhos produzidos na quinta. Sabe-se que durante o século XX este local foi armazém de fruta, também produzida nos terrenos da quinta e na primeira década do século XXI foi transformada em pocilga;

- Lagar de azeite: em meados do século XVIII, segundo o Livro da Décima, a produção de azeite da Quinta correspondia a 140 cântaros e rendia cento e quarenta mil réis.¹⁶⁰ Segundo o mesmo documento, o olival existente na quinta era composto por dezasseis courelas¹⁶¹ e originalmente situar-se-ia fora dos limites murados da propriedade da Quinta de Valflores;¹⁶²

- Casa de recolher azeites: até meados do século XX, existiam nesta divisão sete talhas enterradas, “eram enormes e caberia lá um homem dentro segundo o depoimento do antigo rendeiro”.¹⁶³

Na fachada sul existem duas aberturas ao nível do piso térreo, que parecem não ser originais, e ao nível do piso nobre uma ampla *loggia*, voltada para o Tejo, percorre toda a sua extensão. Esta era constituída por dez “arcos abatidos que assentam sobre colunelos toscanos, apoiados num peitoril e interrompidos nos dois arcos centrais”¹⁶⁴, que não chegou até aos dias de hoje.



Figura 31: Loggia destruída, início do século XXI, Quinta de Valflores (Fonte: adaloures.pt)

A consolidação estrutural que incluiu a reconstrução das abóbodas e a estabilização das paredes da casa foi concluída no ano passado e actualmente está em curso a recuperação das coberturas, fecho de vãos de portas e janelas assim como o restauro e protecção dos elementos arquitectónicos.¹⁶⁵

¹⁶⁰ «Quinta de Vale de Flores | Facebook», acedido 14 de Fevereiro de 2022, <https://www.facebook.com/QuintaDeValeDeFlores/photos/a.176614042379591/195976093776719/>.

¹⁶¹ Antiga unidade de medida agrária (A. Sampaio e Melo e J. Almeida Costa, *Dicionário da Língua Portuguesa*, 5.^a ed. (Porto: Porto Editora, 1977. p.387).

¹⁶² «Quinta de Vale de Flores | Facebook».

¹⁶³ «Quinta de Vale de Flores | Facebook», acedido 14 de Fevereiro de 2022, <https://www.facebook.com/QuintaDeValeDeFlores/photos/a.176614042379591/364696436904683/>.

¹⁶⁴ «Palácio e Quinta de Valflores», SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, acedido 15 de Junho de 2021, http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPARoute.aspx?id=6a6d9592-ba51-40e9-bd9b-4ed6bbb57aeb.

¹⁶⁵ Câmara Municipal de Loures, «Loures Município: Concluída a primeira fase da obra de consolidação do Palácio de Valflores», acedido 14 de Fevereiro de 2022, <https://www.cm-loures.pt/noticia.aspx?displayid=6892>.

Segundo o arquitecto José Aguiar a planta desta casa seguiu os princípios enunciados por Sebastiano Serlio¹⁶⁶. No sexto livro do seu tratado, *Delle Habitationi Fuori e Dentro delle Città* (Habitações Dentro e Fora das Cidades), é possível encontrar uma planta (Figura 32) muito semelhante à do piso nobre da Casa de Valflores (Figura 33).

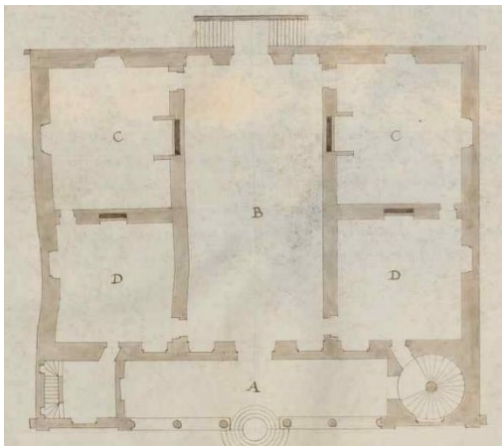


Figura 32: Planta de uma habitação projectada por Sebastiano Serlio (Fonte: Serlio, 1547-1550. p.14)

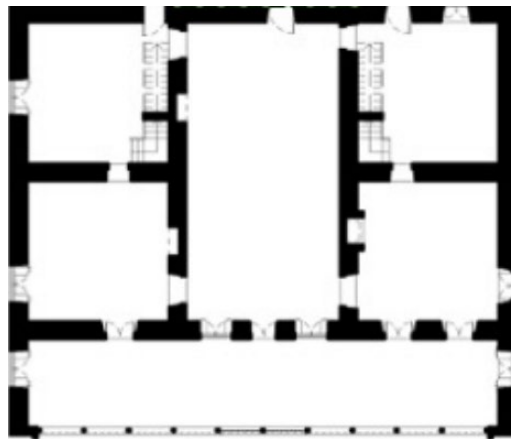


Figura 33: Planta da Casa de Valflores (Fonte: Pereira, 2020)

As cinco divisões principais têm a mesma disposição e as duas plantas apresentam uma *loggia* na fachada oposta à entrada, sendo que a *loggia* na planta de Serlio ocupa só parte da largura do edifício enquanto a da casa de Valflores abrange toda a largura do mesmo.

O castelo de Leiria, que resulta de quatro grandes períodos interventivos: o Românico do século XII, o Gótico dionísio, da primeira metade do século XIV, o Gótico joanino, de inícios do século XV, e as correntes restauradoras de finais do século XIX e primeira metade do século XX, também apresenta um *loggia*, esta de oito arcos de capitéis geminados.¹⁶⁷ Estas *loggias*, que já foram comparadas, têm em comum a fachada alta e imponente em que estão inseridas, o seu longo comprimento e estarem viradas completamente sobre a paisagem.



Figura 34: Castelo de Leiria (Fonte: regiaodeleiria.pt/)

¹⁶⁶ «O Milagre das Abóboras», Jornal SOL, 2020, <https://sol.sapo.pt/artigo/683738/o-milagre-das-aboboras>.

¹⁶⁷ «DGPC | Pesquisa Geral», Castelo de Leiria, acedido 27 de Março de 2022, <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70548>.

3.2.1.2. Capela

Adossada à casa senhorial e de pequenas dimensões, esta capela, com planta próxima de um quadrado, detinha carácter privado. Sabe-se que pelo menos desde os finais do século XVIII, que esta capela não está afeta ao culto.

Este oratório situa-se ao nível do piso nobre, contendo ligação tanto para o interior da casa como para o pátio de entrada. Possui uma cobertura em abóbada de nervuras (Figura 35) semelhante à cobertura existente na capela que Jorge de Barros mandou edificar na Igreja Matriz de Santa Iria da Azóia (Figura 36).



Figura 35: Abóbadas da capela da Quinta de Valflores (Fonte: Arquivo ADPAC, 2011)



Figura 36: Abóbodas da Capela dos Barros-Igreja de Santa Iria da Azóia © Autora, 2021

Apesar de quase já não serem visíveis, a Figura 37 exhibe os azulejos enxaquetados, verdes e brancos, do século XVI, que revestiam as paredes da capela, idênticos também aos azulejos presentes na sacristia da capela funerária, da Igreja Matriz de Santa Iria da Azóia, também fundada por Jorge de Barros (Figura 38).¹⁶⁸



Figura 37: Azulejos da capela da Quinta de Valflores (Fonte: facebook.com/QuintaDeValeDeFlores, 2012)



Figura 38: Painel de Azulejos na capela funerária da Igreja Matriz de Santa Iria da Azóia (Fonte: facebook.com/QuintaDeValeDeFlores, 2011)

¹⁶⁸ «Quinta de Vale de Flores | Facebook», acedido 14 de Fevereiro de 2022, <https://www.facebook.com/QuintaDeValeDeFlores/photos/a.176614042379591/258917797482548/>.

Na Quinta da Ribafria, assim como na Quinta da Bacalhoa, ambas do século XVI, é também possível encontrar estes azulejos dispostos em xadrez, verdes e brancos.

No que diz respeito a aberturas, são três as janelas que iluminam a capela e, no vão de uma delas, é visível um elemento decorativo associado ao estilo manuelino, a concha (Figura 39).



Figura 39: Vão da janela com uma concha (Fonte: facebook.com/QuintaDeValeDeFlores, 2011)

Em 2018, investigações ao nível da arqueologia da arquitectura revelaram que a capela e a casa têm construção distinta, estando desfasadas algumas décadas.

3.2.1.3. Outros elementos

Localizado no núcleo urbano, no terreiro de entrada, em frente à casa senhorial existe um outro edifício (Figura 40) que, no século XVI, serviria como dependência de apoio. Pelas sondagens já realizadas, pensa-se que seja uma construção que já existiria na propriedade antes da construção da casa senhorial.



Figura 40: Dependência de apoio da Quinta de Valflores © Autora, 2021

3.2.2. Pavimentos

Na quinta é possível encontrar três materiais que a pavimentam, sendo que a maior parte da sua área corresponde ao jardim, o material maioritário é terra, onde foi crescendo prado. As poucas áreas pavimentadas só são visíveis nas imediações da casa senhorial, e estas correspondem a um pequeno espaço com calçada de seixo rolado (Figura 41) e tijoleira (Figura 42).

A escadaria situada a nascente da cozinha é de pedra lioz cor-de-rosa, a escadaria que dá acesso ao terreiro de entrada de pedra lioz branca e os vestígios encontrados de uma escadaria, após o portal, indicam que também seriam deste último material.



Figura 41: Pavimento em calçada de seixo rolado, Quinta de Valflores © Autora, 2021

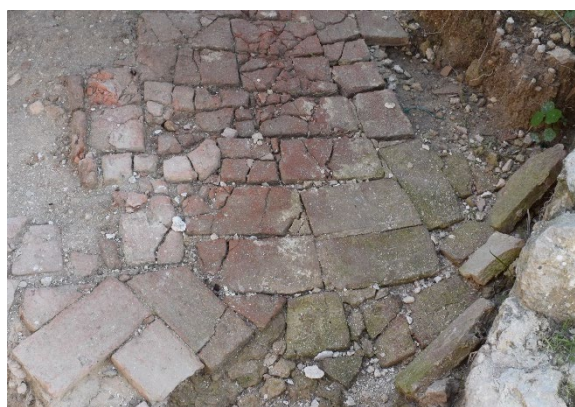
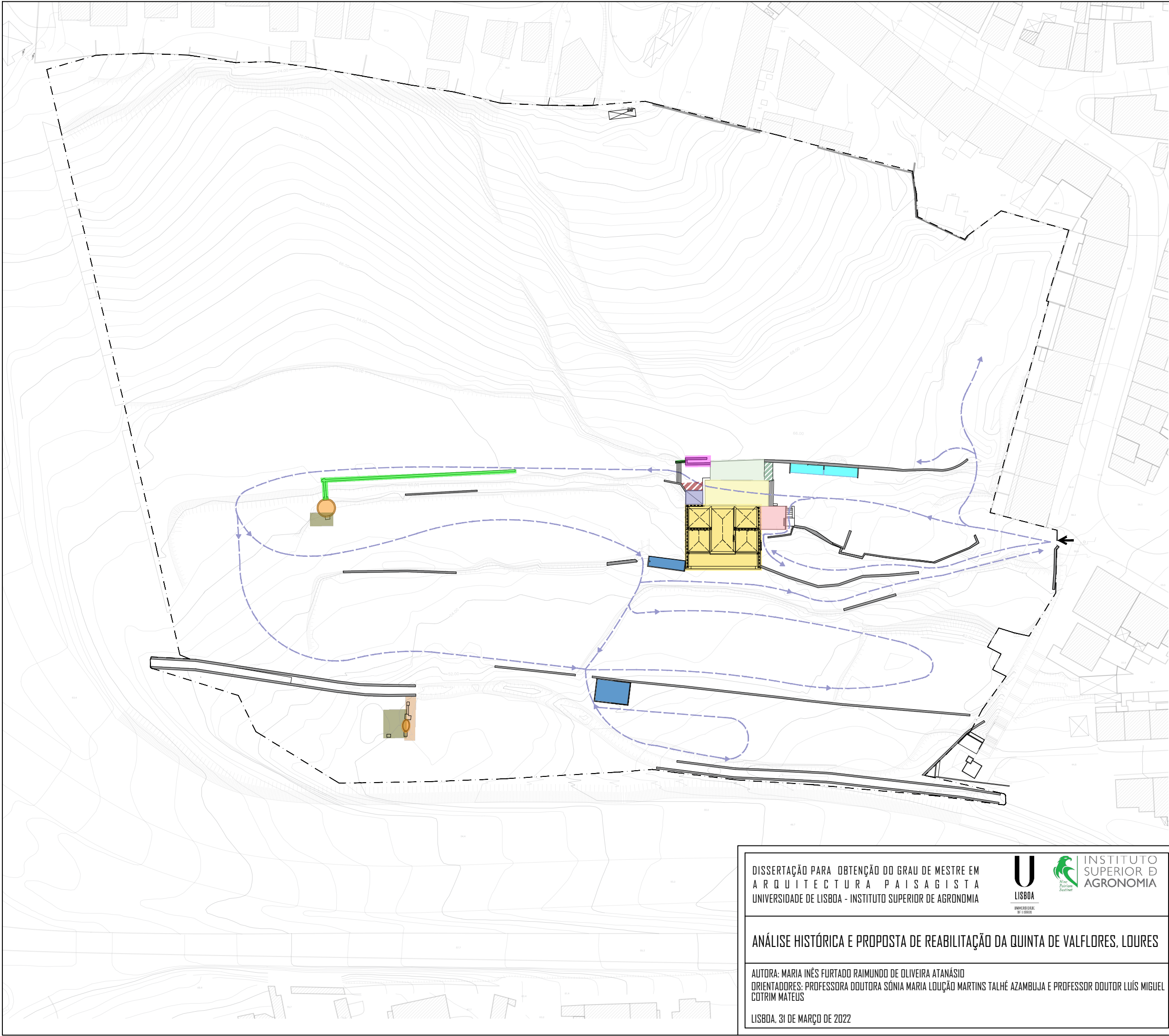


Figura 42: Pavimento em tijoleira, Quinta de Valflores © Autora, 2021



- LEGENDA
- LIMITE DA QUINTA
← ENTRADA
- PAVIMENTOS EXISTENTE:
- CALÇADA DE SEIXO ROLADO
 - TIJOLEIRA
- EDIFÍCIOS E ELEMENTOS CONSTRUÍDOS EXISTENTES:
- CASA
 - CAPELA
 - DEPENDÊNCIA
 - COZINHA
 - TERREIRO DE ENTRADA
 - VESTÍGIOS DE TANQUES
 - TANQUES
 - GALERIA
 - AQUEDUTO DE CIMA
 - RUÍNAS DO AQUEDUTO DE BAIXO
 - POÇOS
 - VESTÍGIOS DE NORAS
- MUROS E MURETES DE PEDRA
- CIRCULAÇÕES PREFERENCIAIS

Fontes: Levantamento topográfico, Câmara Municipal de Loures

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITECTURA PAISAGISTA UNIVERSIDADE DE LISBOA - INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA			LOCALIZAÇÃO	QUINTA DE VALFLORES, SANTA IRIA DA AZÓIA	
ANÁLISE HISTÓRICA E PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA QUINTA DE VALFLORES, LOURES			ESCALA	1:1000	PEÇA 03
AUTORA: MARIA INÊS FURTADO RAIMUNDO DE OLIVEIRA ATANÁSIO ORIENTADORES: PROFESSORA DOUTORA SÓNIA MARIA LOUÇÃO MARTINS TALHÉ AZAMBUJA E PROFESSOR DOUTOR LUÍS MIGUEL COTRIM MATEUS			PLANTA	ELEMENTOS CONSTRUÍDOS, PAVIMENTOS EXISTENTES E CIRCULAÇÕES PREFERENCIAIS	
LISBOA, 31 DE MARÇO DE 2022					

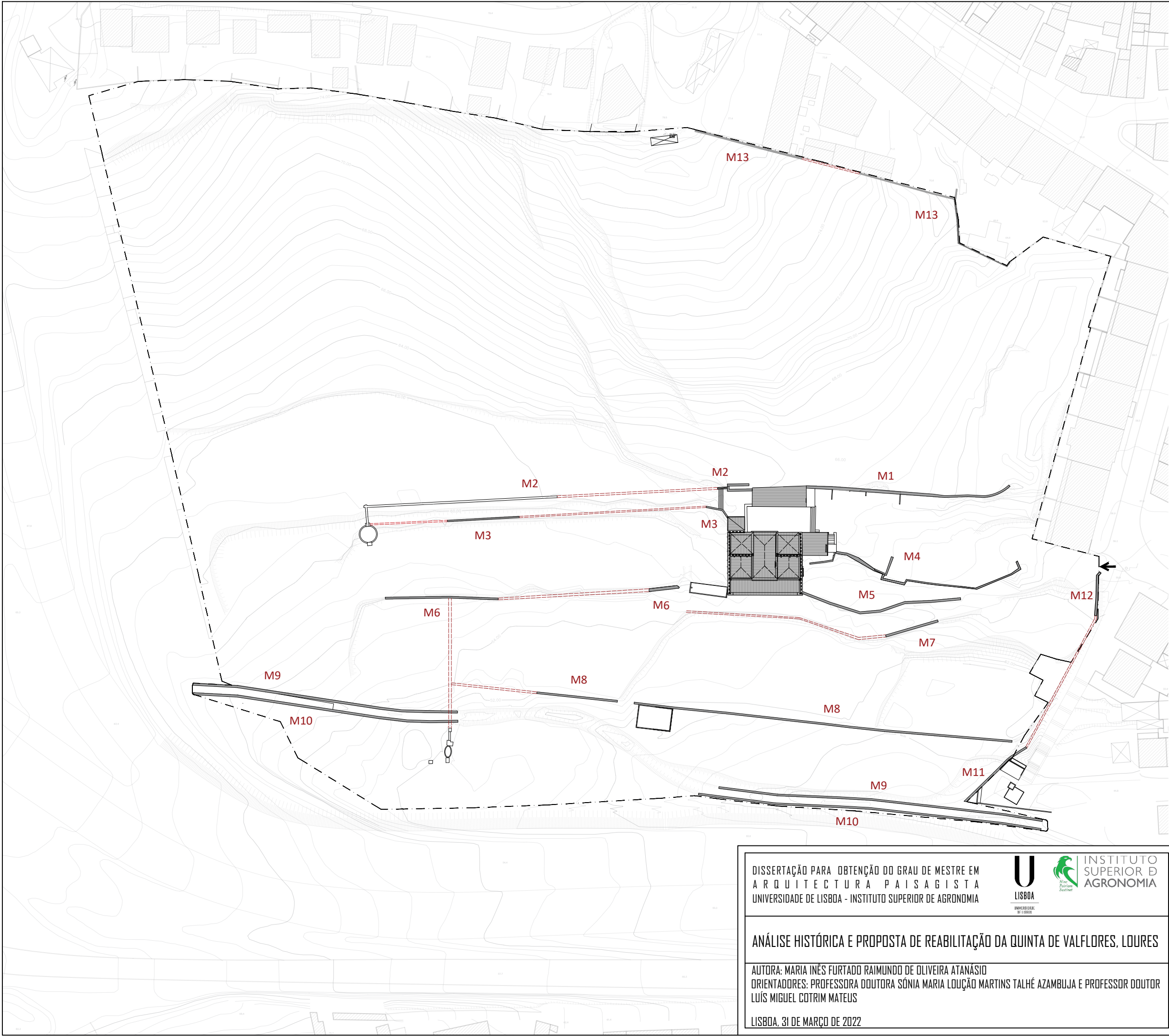
3.2.3. Sistema Murário

O Sistema Murário corresponde ao principal sistema construtivo, na medida em que permite a modelação de terreno em socalcos (parte sul), indispensáveis à prática da agricultura. Estão presentes dois tipos de muros: os muros de compartimentação, que correspondem aos muros que delimitam a quinta, e os muros de suporte.

Alguns dos muros existentes na quinta encontram-se degradados e outros simplesmente já desapareceram, segundo a interpretação feita da estrutura murária original. Segue-se o levantamento dos mesmos de modo a garantir uma intervenção correcta (Quadro 1).

Quadro 1: Levantamento dos muros existentes na Quinta de Valflores em 2021 (Fonte: Autora)

Muros	Tipo de Muro	Estado
M1	Muro de suporte	Parte do muro está a ruir
M2	Muro de suporte	Incompleto
M3	Muro de suporte	Incompleto
M4	Muro de suporte	Razoável
M5	Muro de suporte	Razoável
M6	Muro de suporte	Incompleto
M7	Muro de suporte	Incompleto
M8	Muro de suporte	Incompleto
M9	Muro de suporte	Bom
M10	Muro de suporte	Bom
M11	Muro de compartimentação	Incompleto
M12	Muro de compartimentação	Incompleto
M13	Muro de compartimentação	Incompleto



- LEGENDA
- LIMITE DA QUINTA
 - ← ENTRADA
 - ESTRUTURA MURÁRIA EXISTENTE
 - INTERPRETAÇÃO DA ESTRUTURA MURÁRIA ORIGINAL
 - M - MURO

Fonte: Levantamento topográfico, Câmara Municipal de Loures

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM
ARQUITECTURA PAISAGISTA
UNIVERSIDADE DE LISBOA - INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA



ANÁLISE HISTÓRICA E PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA QUINTA DE VALFLORES, LOURES

AUTORA: MARIA INÊS FURTADO RAIMUNDO DE OLIVEIRA ATANÁSIO
ORIENTADORES: PROFESSORA DOUTORA SÓNIA MARIA LOUÇÃO MARTINS TALHÉ AZAMBUJA E PROFESSOR DOUTOR
LUÍS MIGUEL COTRIM MATEUS
LISBOA, 31 DE MARÇO DE 2022

LOCALIZAÇÃO	QUINTA DE VALFLORES, SANTA IRIA DA AZÓIA	
ESCALA	1:1000	PEÇA 04
PLANTA	LEVANTAMENTO DA ESTRUTURA MURÁRIA E INTERPRETAÇÃO DA ESTRUTURA MURÁRIA ORIGINAL	

3.2.4. Sistema Hidráulico

Pela propriedade de Valflores corre um curso de água, a ribeira de Valflores, e existia ainda uma entrada de uma mina, desaparecida com as obras das estradas que lhe são adjacentes, permitindo-lhe, assim, “tirar partido do elemento que constitui classicamente o factor mais limitante da paisagem mediterrânica: a escassez de água.”¹⁶⁹

A ribeira, desviada devido às obras anteriormente referidas, levou a que a mesma fosse regularizada parcialmente através da construção de contenções laterais com sistema estrutural de confinamento celular, vulgarmente conhecidos como gabiões.¹⁷⁰

O outrora a quinta, que foi construída em socacos para permitir a distribuição da água por gravidade, usufruía de um complexo sistema hidráulico, que nos dias de hoje se encontra desativado, incompleto e bastante degradado. Deste sistema de captação, distribuição e armazenamento de água, apenas restam alguns elementos:

- Dois poços que embora inativos ainda contêm água, sendo que um deles ainda apresenta os pilares, restaurados, que suportavam uma nora e outro que mantém elementos, do engenho;
- Dois aquedutos incompletos: um a meio da propriedade, que se destaca pela sua extensão de aproximadamente 54 metros, e outro a sul, em ruína;
- Dois tanques de rega e vestígios de mais dois tanques, sendo que apenas três fazem parte do sistema hidráulico primitivo.

A captação da água do poço (P1) localizado mais perto da casa, era realizada com auxílio de uma nora, movida a tracção animal, sugerem-no as evidências estruturais no terreno. O engenho de origem árabe, trabalhava bastante acima do gado, de forma a elevar a água a um nível superior para o aqueduto (A1).



Figura 43: Poço (P1) e Aqueduto de Cima (A1), Quinta de Valflores © Autora, 2021

¹⁶⁹ Castel-Branco, *A Índia nos Jardins Portugueses*. p.14

¹⁷⁰ Pacheco, Aguiar, e Silva, «Levantamento e Documentação da Quinta de Vale de Flores».

Numa primeira parte este aqueduto corresponde a uma estrutura elevada, em arcos, mas ao aproximar-se do núcleo urbano, para onde se desloca para abastecer os tanques ali existentes (T1 e T2), passa a ser uma estrutura ao nível do solo e mais tarde subterrânea, devido à topografia que assim obriga.

Segundo Virgolino Jorge, estas estruturas, geralmente de traçado rectilíneo, seguem as curvas de nível dos locais por onde passam, de modo a vencerem o seu trajecto com um declive baixo e assim, “evitar velocidades de fluxo prejudiciais ao funcionamento hidráulico (...)”.¹⁷¹ Por vezes, quando existia “uma subida altimétrica do terreno era cavada uma vala em trincheira ou um túnel, a fim de manter o itinerário e a circulação gravitacional da água ao longo daquela passagem subterrânea.”¹⁷²

As sondagens arqueológicas realizadas puseram a descoberto uma galeria, com cerca de 36 metros de comprimento e um pé direito de 1,6 metros, altura que permitia a circulação e conseqüentemente a execução de algum tipo de intervenção que fosse necessária.

Esta galeria, com uma caleira central integrada no passadiço, numa primeira fase é abobadada a tijolo, dando a impressão que seria descoberta e numa última passa a ser subterrânea, abobadada por pedras grosseiras, que aguentam melhor a pressão exercida pela terra.



Figura 44: Último troço da galeria subterrânea, Quinta de Valflores © Autora, 2021

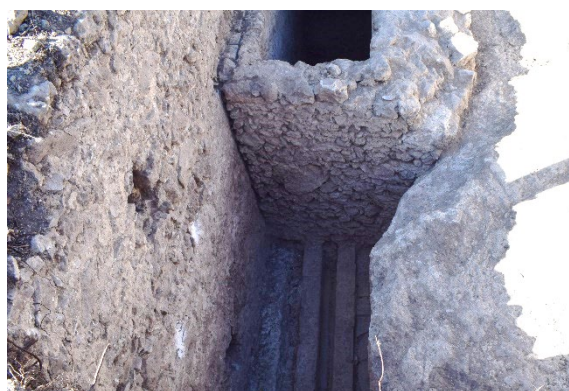


Figura 45: Caleira da galeria subterrânea, Quinta de Valflores © Autora, 2021

Os tanques abastecidos por esta galeria, que hoje correspondem apenas a vestígios, contíguos ao muro de suporte do patamar que lhes é adjacente, parecem ser de planta regular e armazenavam pelo menos cerca de 11550 litros de água cada um. O referido muro ainda apresenta uma bica, por onde era abastecido o tanque mais a poente, sendo o tanque

¹⁷¹ Virgolino Ferreira Jorge, «A Gestão da Água em Mosteiros e Conventos Medievais e Modernos em Portugal», acedido 12 de Janeiro de 2022,

https://www.researchgate.net/publication/350289989_A_gestao_da_agua_em_mosteiros_e_conventos_medievais_e_modernos_em_Portugal_Water_management_in_medieval_and_modern_monasteries_and_convents_in_Portugal. p.39

¹⁷² *Ibid.* P.40

seguinte provavelmente abastecido pela água excedente do anterior. Esta água abastecia o núcleo urbano, isto é, a casa nobre, as dependências e o que ali houvesse que necessitasse de rega.



Figura 46: Vestígios dos tanques (T1 e T2), Quinta de Valflores © Autora, 2021



Figura 47: Vestígios bica do tanque T1, Quinta de Valflores © Autora, 2021

Na metade sul da quinta, existem vestígios de um outro aqueduto. Junto à margem direita da ribeira de Valflores, um poço (P2) com nora (N2), ainda com elementos presentes e certamente movida a tracção animal, elevava a água que era encaminhada pelo aqueduto de baixo (A2) até o tanque (T3).



Figura 48: Aqueduto de Baixo (A2), Quinta de Valflores (Fonte: facebook.com/QuintaDeValeDeFlores/)

A arquitectura deste aqueduto só é parcialmente perceptível a partir dos primeiros dois apoios em arco e fotografias antigas, que nos indica a métrica do mesmo. O atravessamento da Ribeira, poderia corresponder a um arco de maior dimensão, apesar de não ser visível nem a implantação dos pilares do aqueduto, nem a posição da ribeira, que poderia ser aí canalizada para defesa da própria estrutura. No entanto, o percurso é compreensível, na medida em que temos conhecimento do ponto de arranque e do ponto de viragem deste aqueduto, ao atingir o alinhamento do tanque (T3), pois ainda são visíveis, num socalco, duas

bases, que julgamos terem pertencido a um arco. Contudo, só com recurso a sondagens arqueológicas é que poderemos assegurar o local exacto da sua implantação.

A partir deste tanque (T3), capaz de armazenar pelo menos 20.000 litros de água e onde ainda é possível observar uma bica, possivelmente a água seria distribuída, por gravidade, por um canal de rega, a céu aberto, para as áreas de cultivo, nomeadamente para hortas e pomares.



Figura 49: Tanque (T3), Quinta de Valflores
© Autora, 2021



Figura 50: Bica do Tanque (T3), Quinta de Valflores
© Autora, 2021

Os dois tanques destruídos na sequência das obras do IC2, estavam localizados na margem esquerda da ribeira, visíveis na Planta de Cadastro de 1951 (Anexo XII). Alimentados por uma mina de água, a água neles armazenada destinar-se-ia à rega do último patamar, mas também do patamar que o antecedia.

Segundo a investigação da ADPAC acerca deste assunto, junto a este grande tanque existia uma caleira de pedra (C1), em direcção a norte, até ao muro de suporte subsequente e uma caleira de escoamento da água excedente (C2) do tanque até à ribeira. Para além da função utilitária, a água do tanque com maior dimensão funcionava como espelho de água da casa.



Figura 51: Antigo tanque - espelho de água, Quinta de Valflores (Fonte: Arquivo ADPAC)

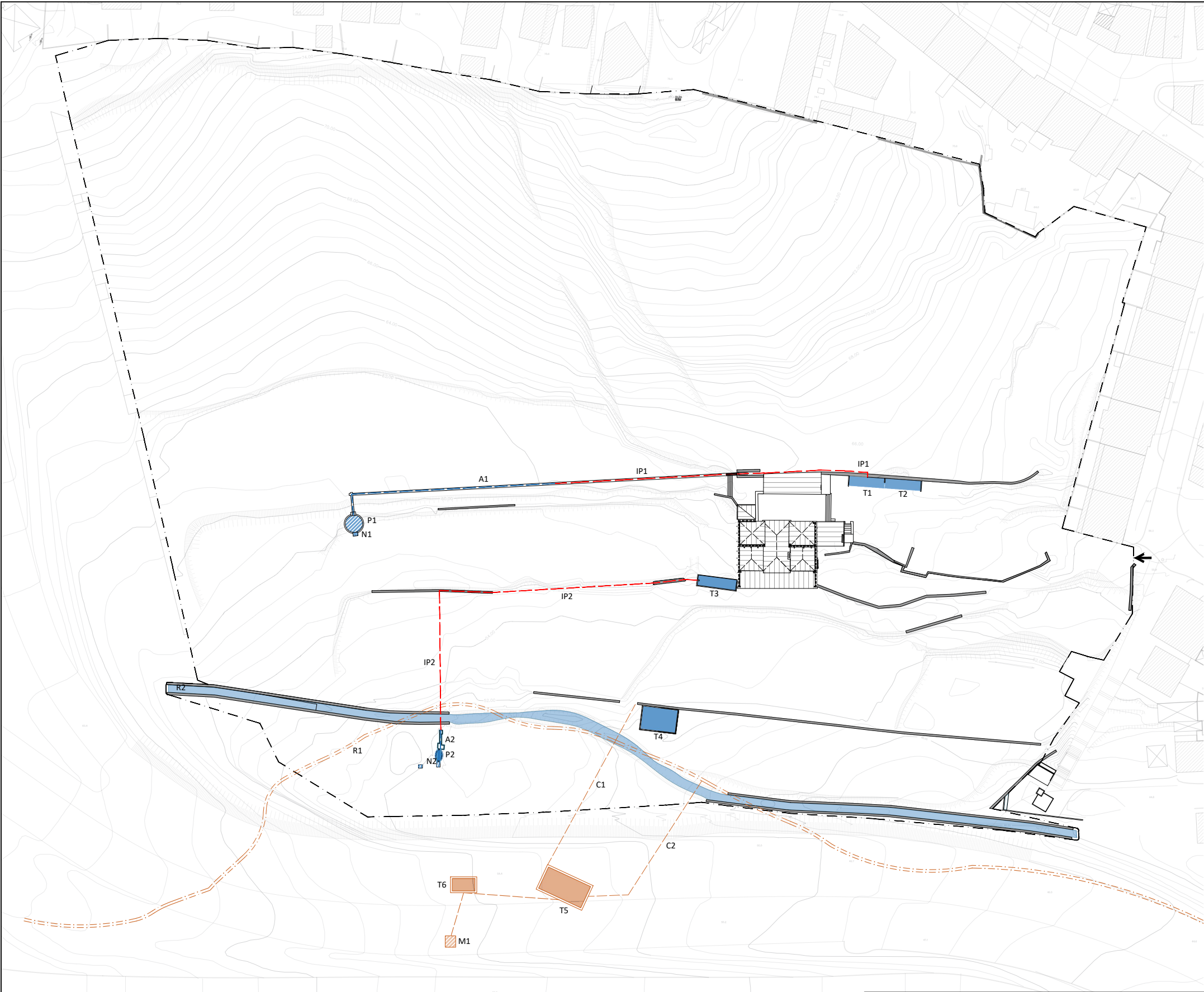


Figura 52: Bica do antigo tanque, Quinta de Valflores (Fonte: Arquivo ADPAC)

A quinta conta ainda com a presença de mais um tanque (T4), na margem direita da ribeira, de construção recente, pois não integra a Planta de Cadastro de 1951. Observando atentamente a planta actual e a do cadastro de 1951, parece que o tanque se localiza perto de onde terminava a caleira de pedra que vinha do antigo tanque grande.



Figura 53: Tanque recente (T4) © Autora, 2021



LEGENDA

--- LIMITE DA QUINTA DE VALFLORES
← ENTRADA DA QUINTA

/// SISTEMA DE CAPTAÇÃO EXISTENTE:

P1 POÇO DO AQUEDUTO DE CIMA

P2 POÇO DO AQUEDUTO DE BAIXO

N1 VESTÍGIOS NORA DO AQUEDUTO DE CIMA

N2 VESTÍGIOS NORA DO AQUEDUTO DE BAIXO

/// SISTEMA DE CAPTAÇÃO DESAPARECIDO:

M1 LOCAL DA ENTRADA DA MINA QUE ABASTECIA O ANTIGO TANQUE GRANDE (T5)

— SISTEMA DE DISTRIBUIÇÃO EXISTENTE:

A1 AQUEDUTO DE CIMA

A2 RUÍNAS DO AQUEDUTO DE BAIXO

— SISTEMA DE DISTRIBUIÇÃO HIPOTÉTICO:

IP1 INTERPRETAÇÃO DO PERCURSO DA ÁGUA QUE ABASTECIA OS TANQUES DO NÚCLEO URBANO (DE P1 ATÉ O T1/T2)

IP2 INTERPRETAÇÃO DO PERCURSO DA ÁGUA QUE ABASTECIA O TANQUE 3 (DE P2 ATÉ T3)

— SISTEMA DE DISTRIBUIÇÃO DESAPARECIDO:

C1 CALEIRA A CÉU ABERTO, QUE CONDUZIA A ÁGUA DO ANTIGO TANQUE (T5) PARA O PATAMAR ANTERIOR.

C2 CALEIRA DE ESCOAMENTO DO EXCEDENTE DE ÁGUA DO ANTIGO TANQUE (T5) ATÉ À RIBEIRA

■ SISTEMA DE ARMAZENAMENTO EXISTENTE:

T1 VESTÍGIOS TANQUE NO NÚCLEO URBANO

T2 VESTÍGIOS TANQUE NO NÚCLEO URBANO

T3 TANQUE SÉCULO XVI

T4 TANQUE SÉCULO XXI

■ SISTEMA DE ARMAZENAMENTO DESAPARECIDO:

T5 ANTIGO TANQUE GRANDE

T6 ANTIGO TANQUE PEQUENO

— R1 ANTIGO PERCURSO DA RIBEIRA DE VALFLORES

— R2 RIBEIRA DE VALFLORES

Fonte: Levantamento topográfico, Câmara Municipal de Loures

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM
ARQUITECTURA PAISAGISTA
UNIVERSIDADE DE LISBOA - INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA



INSTITUTO
SUPERIOR DE
AGRONOMIA

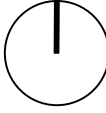
ANÁLISE HISTÓRICA E PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA QUINTA DE VALFLORES, LOURES

AUTORA: MARIA INÊS FURTADO RAIMUNDO DE OLIVEIRA ATANÁSIO
ORIENTADORES: PROFESSORA DOUTORA SÓNIA MARIA LOUÇÃO MARTINS TALHÉ AZAMBUJA E PROFESSOR DOUTOR LUÍS MIGUEL
COTRIM MATEUS

LISBOA, 31 DE MARÇO DE 2022

LOCALIZAÇÃO

QUINTA DE VALFLORES,
SANTA IRIA DA AZÓIA



ESCALA

1:1200

PEÇA

05

PLANTA

LEVANTAMENTO DO SISTEMA HIDRÁULICO E
INTERPRETAÇÃO DO SISTEMA HIDRÁULICO
ORIGINAL

3.2.5. Estrutura Verde

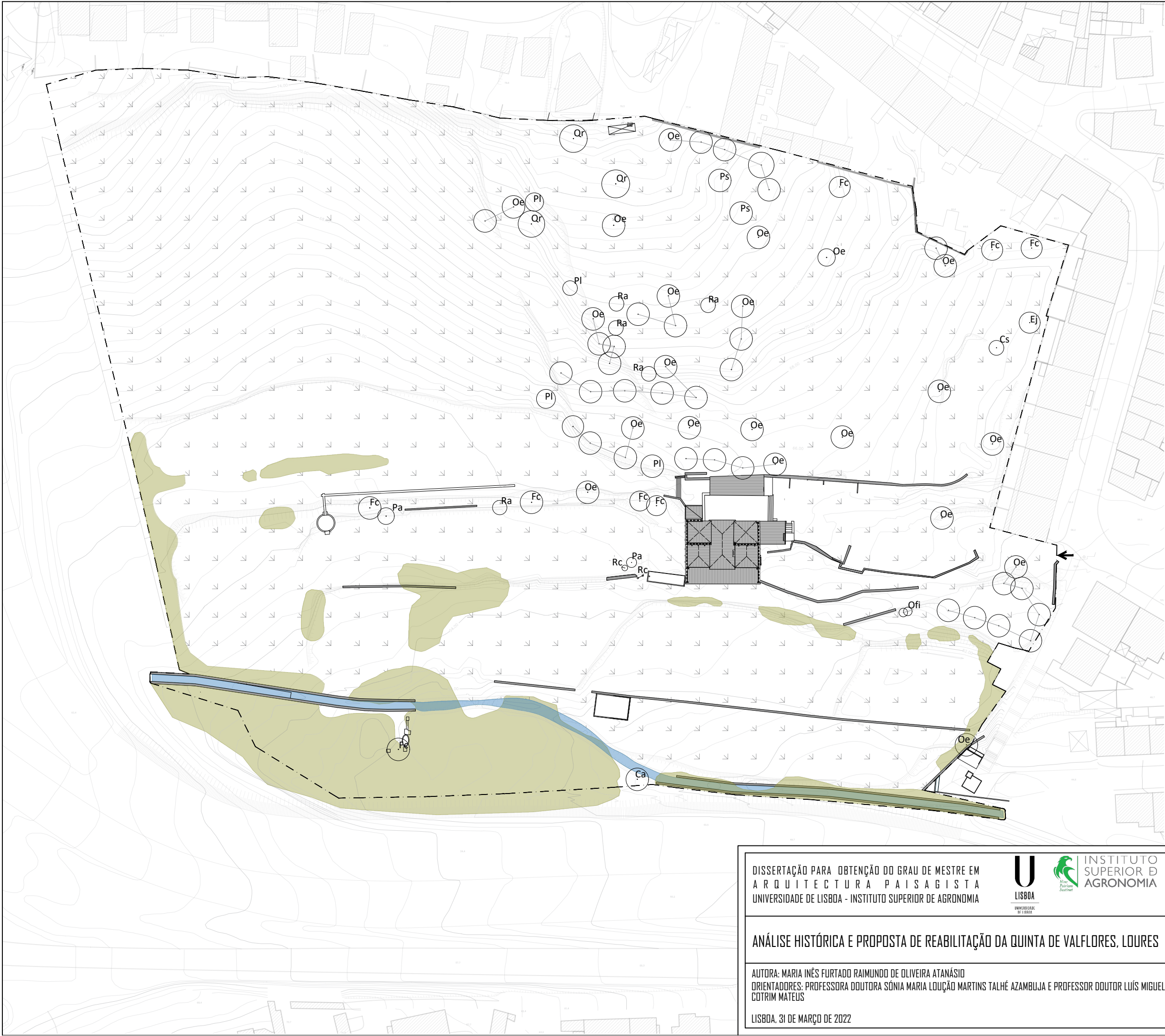
A vegetação presente na quinta é muito escassa, tanto a nível de biodiversidade como a nível de quantidade. Esta corresponde apenas a um revestimento de prado espontâneo, à propagação descontrolada de canavial em certas áreas e a algumas espécies arbóreas e arbustivas, que foram conseguindo subsistir.

Segue-se o Quadro 2, com o levantamento da vegetação mais significativa da Quinta de Valflores:

Quadro 2: Levantamento da Vegetação mais significativa da Quinta de Valflores em 2021 (Fonte: Autora)

Nome Científico	Nome comum	Família	Origem	Obs.
ÁRVORES				
<i>Celtis australis</i> L.	lódão-bastardo	Ulmaceae	Região Mediterrânica	
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	laranjeira	Rutaceae	China	
<i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindley	nespereira	Rosaceae	Originária do SE da China	
<i>Ficus carica</i> L.	figueira	Moraceae	Região Mediterrânica	
<i>Olea europaea</i> var. <i>europaea</i> L.	oliveira	Oleaceae	Região Mediterrânica	Espécie protegida por legislação específica - Decreto-Lei n.º 120/86, de 28 de Maio
<i>Phytolacca americana</i> L.	tintureira	Phytolaccaceae	América do Norte	INVASORA
<i>Quercus rotundifolia</i> Lam.	azinheira	Fagaceae	Sul da Península Ibérica e Norte de África	Espécie protegida por legislação específica – Decreto-Lei n.º 155/2004, de 30 de Junho
ARBUSTOS				
<i>Pistacia lentiscus</i> L.	aroeira	Anacardiaceae	Região Mediterrânica e Macaronésia	
<i>Prunus spinosa</i> L.	abrunheiro bravo	Pittosporaceae	Europa, W Sibéria, Cáucaso, SW Ásia e NW África	
<i>Rhamnus alaternos</i> L.	sanguinho-das-sebes	Rhamnaceae	Região Mediterrânica	
<i>Ricinus communis</i> L.	ricino	Euphorbiaceae	África tropical	INVASORA
HERBÁCEAS				
<i>Arundo donax</i> L.	cana	Poaceae	Europa oriental, Ásia temperada e tropical	INVASORA
CACTOS				
<i>Opuntia ficus-indica</i> (L.) Miller	figueira da Índia	Cactaceae	Parte tropical da América (desde México até Colômbia)	INVASORA

* Os nomes comuns a **negrito** correspondem a espécies autóctones.



- LEGENDA
- LIMITE DA QUINTA DE VALFLORES
← ENTRADA DA QUINTA
- VEGETAÇÃO EXISTENTE:
PORTE ARBÓREO:
- 1 Ca - *Celtis australis* L. | lódão-bastardo
 - 2 Cs - *Citrus sinensis* (L.) Osbeck | laranja
 - 1 Ej - *Eriobotrya japonica* (Thunb.) Lindley | nespereira
 - 8 Fc - *Ficus carica* L. | figueira
 - 52 Oe - *Olea europea* var. *europea* L. | oliveira
 - 2 Pa - *Phytolacca americana* L. | tintureira
 - 3 Qr - *Quercus rotundifolia* Lam. | azinheira
- PORTE ARBUSTIVO:
- 4 Pl - *Pistacia lentiscus* L. | aroeira
 - 2 Ps - *Prunus spinosa* L. | abrunheiro bravo
 - 5 Ra - *Rhamnus alaternus* L. | sanguinho-das-sebes
 - 3 Rc - *Ricinus communis* L. | ricino
- CACTO:
- 2 Ofi - *Opuntia ficus-indica* (L.) Miller | figueira da Índia

- Áreas ocupadas por *Arundo donax* L. (canas)
- Ribeira de Valflores ocupada por espécies invasora
como *Arundo donax* e *Ricinus communis*
- Prado de sequeiro espontâneo

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM
ARQUITECTURA PAISAGISTA
UNIVERSIDADE DE LISBOA - INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA

ANÁLISE HISTÓRICA E PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA QUINTA DE VALFLORES, LOURES

AUTORA: MARIA INÊS FURTADO RAIMUNDO DE OLIVEIRA ATANÁSIO
ORIENTADORES: PROFESSORA DOUTORA SÓNIA MARIA LOUÇÃO MARTINS TALHÉ AZAMBUJA E PROFESSOR DOUTOR LUÍS MIGUEL COTRIM MATEUS

LISBOA, 31 DE MARÇO DE 2022



LOCALIZAÇÃO	QUINTA DE VALFLORES, SANTA IRIA DA AZÓIA	
ESCALA	1:1000	PEÇA 06
PLANTA	LEVANTAMENTO BOTÂNICO EXISTENTE	

Contudo sabemos que nem sempre foi assim e que outrora, os patamares desta quinta já encheram de pomares e hortas. Em 1798, o auto de vistoria¹⁷³ menciona a existência de vinhas, pomar de espinho, que poderá corresponder a um laranjal e/ou limoeiros, pomar de frutas de caroço como ginjaes, pessegueiros, ameixeiras e pomar com frutas de pevide, que poderiam ser macieiras, pereiras, marmeleiros.

Tendo por base a organização das quintas de recreio da época e posteriormente à análise realizada, é possível fazer algumas deduções de como a estrutura verde seria constituída no século XVI e de como evoluiu:

- Área Norte: Ocupa as cotas de maior altitude da propriedade e se seguisse a estrutura das quintas de recreio, esta área corresponderia à mata, no entanto não há evidências que provem a sua existência. No século XVIII sabe-se que se cultivavam vinhas, depois foram substituídas por terras de sementeira e mais tarde por olival, que chegou até aos dias de hoje muito pobre. Esta área não dispõe de água.

- Área Sul: Beneficia de água e terá tido hortas e pomares de espinho, pevide e caroço. O pomar de espinho, nomeadamente laranjal, poderia localizar-se ou entre o aqueduto e o patamar abaixo seguinte, não só devido ao importante percurso que por ali se fazia, mas também pela exigência hídrica que a produção de laranjas requer, ou no patamar seguinte à casa, de forma a ser admirado através da *loggia*. Quanto ao pomar de caroço, assim como ao de pevide, também é difícil saber ao certo a sua localização.

- Área Central: Do horto de recreio, que por aqui se situaria seguindo a estrutura típica das quintas de recreio, não existe qualquer testemunho. Para ter existido seria nesta área, próxima da casa e também necessitaria de dispor de um tanque nas suas proximidades. Nesta área existem vestígios de dois tanques contíguos, que pelos adornos, se bem que simples, não aparentam ter apenas uma função utilitária. O muro do tanque mais a nascente acaba na mesma direcção que um muro alto, já em ruínas, no lado oposto, seria aquele um espaço fechado onde se desenvolvia o horto de recreio? Neste local, perto da escadaria para o terreiro de entrada, ainda existe uma coluna, junto à fachada norte da casa, que poderá revelar que este espaço seria mais magistral. Seria impossível, com esta localização, o horto de recreio ser observado a partir da casa pela ampla *loggia*, no entanto encontrar-se-ia próximo da casa, num espaço íntimo e beneficiando da água armazenada nos tanques, já que a *loggia* beneficia de vistas extraordinárias para o rio. No entanto apenas sondagens arqueológicas poderão comprová-lo e não estão previstas sondagens para este local.

¹⁷³ «Arquivo Nacional da Torre do Tombo - DigitArq».

Segue-se o diagrama interpretativo da estrutura verde da Quinta de Valflores ao longo do tempo:

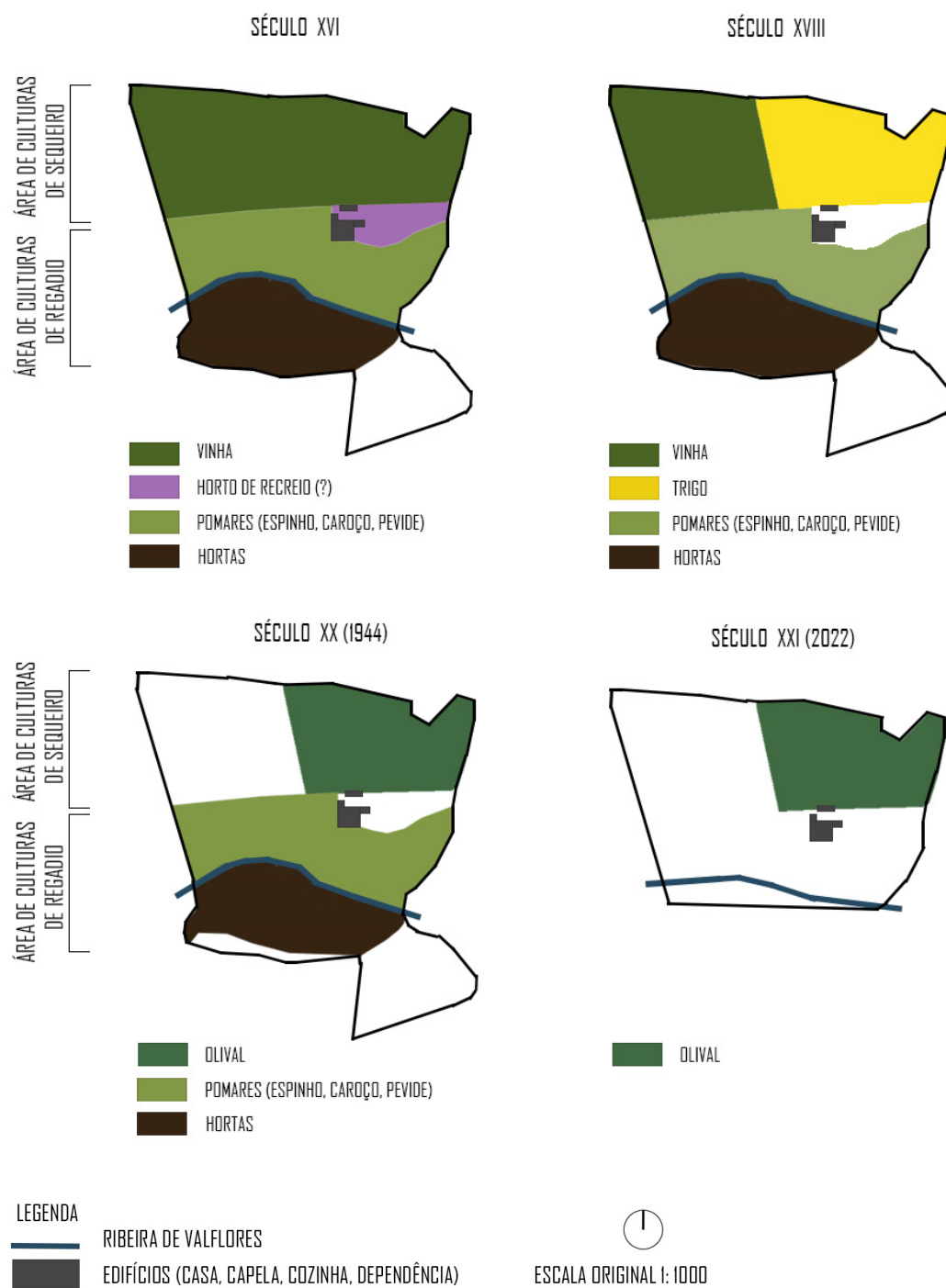


Figura 54: Diagrama interpretativo da estrutura verde da Quinta de Valflores ao longo do tempo
(Fonte: Autora, 2022)

4. Análise e Diagnóstico

Segundo o Artigo 26 da Carta de Burra para “dar início às obras de recuperação e restauro, é necessário haver um estudo prévio que compreenda o sítio, o qual deve incluir a análise das evidências físicas, documentais, orais e outras, baseada nos apropriados conhecimentos, competências e disciplinas.”¹⁷⁴ Assim sendo surge a necessidade de se fazer um diagnóstico e análise SWOT, acrónimo de *Strenghts, Weaknesses, Opportunities e Threats*, baseada na análise de documentos antigos e no levantamento já efectuado.

A elaboração desta análise teve como objectivo a avaliação do ambiente interno e externo, através da identificação dos pontos fortes e fracos da Quinta de Valflores, assim como as potencialidades e ameaças que se verificam na sua envolvente.

Quadro 3: Análise SWOT da Quinta de Valflores em 2021 (Fonte: Autora)

	Positivos	Negativos
Internos	Pontos fortes	Pontos fracos
	- Quinta de Recreio com Sistema hidráulico do século XVI, com poços, aqueduto e tanques - Presença de água nos poços existentes - Sistema murário - Presença, embora suavizada, da estrutura de socacos - Presença de olival centenário - Vistas para o rio Tejo e povoação de Santa Iria da Azóia - A casa é um dos melhores exemplares da arquitetura residencial renascentista em Portugal	- Falta de vegetação devido ao abandono das áreas produtivas da quinta - Vegetação invasora que ocupa grandes áreas - Condução artificial da linha de água - Fragmentação imposta pela linha de água - Aterro de parte do aqueduto - Sistema hidráulico inativo por se encontrar incompleto - Escadaria desaparecida a poente do palácio - Presença de prédios habitacionais sobrepostos ao perímetro da quinta - Muros degradados - Ausência de caminhos para circulação - A propriedade já não corresponde ao original devido ao desenvolvimento da povoação de Santa Iria da Azóia e das obras do IC2
Externos	Oportunidades	Ameaças
	- Localização na AML - Proximidade com a frente ribeirinha - Potencial para espaço cultural e conhecimento - Potencial como estruturante de corredor verde	- Ruído devido à proximidade com a IC2, N150 e A1 - Má qualidade do ar provocada pelo tráfego rodoviário - Pressão urbanística envolvente

¹⁷⁴ Austrália ICOMOS, «Carta de Burra». Artigo 26

No que diz respeito aos pontos fortes, são evidentes as qualidades relativamente à localização onde a quinta se insere. Apesar de se encontrar actualmente inserida na estrutura urbana que a envolveu, continua a usufruir de amplas vistas para as lezírias e para o rio Tejo, assim como para a povoação de Santa Iria da Azóia.

A presença do antigo sistema hidráulico e ainda a existência de água nos seus poços também constitui um ponto forte deste espaço, não só pela importância da rega nas áreas agrícolas e de jardim, como também pelo seu forte carácter que marca o local.

O sistema murário da quinta detém uma grande importância, uma vez que os muros são estruturas essenciais neste tipo de terreno. Através dos muros de suportes foi possível a criação destes patamares ainda que alguns já não se encontrem completos é possível compreender e fazer a leitura integral do espaço.

É ainda relevante referir a permanência de alguns exemplares do antigo olival, que constituem o testemunho vivo mais antigo ali presente.

Relativamente aos pontos fracos, verifica-se a escassez de vegetação devido ao abandono das áreas produtivas da quinta. Para além da existência pontual de algumas espécies arbóreas e arbustivas, maioritariamente na parte norte, a quinta conta apenas com prado espontâneo que ali germinou e com espécies invasoras que se apoderaram daquele local abandonado durante tantos anos. Referimo-nos, maioritariamente, às espécies:

- *Arundo donax* (cana), que cresce maioritariamente perto da ribeira de Valflores, mas também em solos bastantes húmidos, particularmente nas áreas junto aos pontos de água (poços), ocupando extensas áreas e impedindo o desenvolvimento de vegetação nativa de zonas ribeirinhas;

- *Ricinus communis* (rícinio) e *Phytolacca americana* (tintureira) que se encontra espalhadas maioritariamente pela parte sul da quinta;

- *Opuntia ficus-indica* (figueira da Índia), apenas dois exemplares, visíveis perto da entrada.

Desde a última amputação que a quinta sofreu, que a linha de água foi desviada e consequentemente realizada uma condução artificial do seu curso. Apesar da técnica utilizada com recurso a gabiões permitir a estabilidade das margens, torna-a pouco apelativa e acaba por ter impacto na paisagem. A linha de água encontra-se repleta de plantas invasoras, que dificultam a passagem de água.

Ainda em relação à linha de água outro ponto negativo é a fragmentação que este curso impõe no espaço, restando apenas uma pequena área na outra margem da ribeira, local onde se localizam as ruínas do antigo aqueduto de baixo.

Se por um lado o sistema hidráulico integra os pontos fortes, pelo que ainda resta dele e por ter sido determinante para a subsistência da agricultura e vida na quinta, por outro também é identificado como um problema, já que está inactivo tanto pela falta de elementos

que auxiliavam a elevação da água dos poços, como pela destruição dos aquedutos e caleiras, que encaminhavam e distribuíam a água, e dos tanques que a armazenavam.

O mesmo acontece com o sistema murário, determinante para a organização estrutural da quinta, no entanto existem muros de suporte que necessitam de uma intervenção, assim como os muros delimitantes da quinta. Muitos encontram-se caídos e outros desapareceram, sobretudo no limite norte da propriedade, o que levou a que muitas pessoas se apropriassem do espaço para a implantação de hortas.

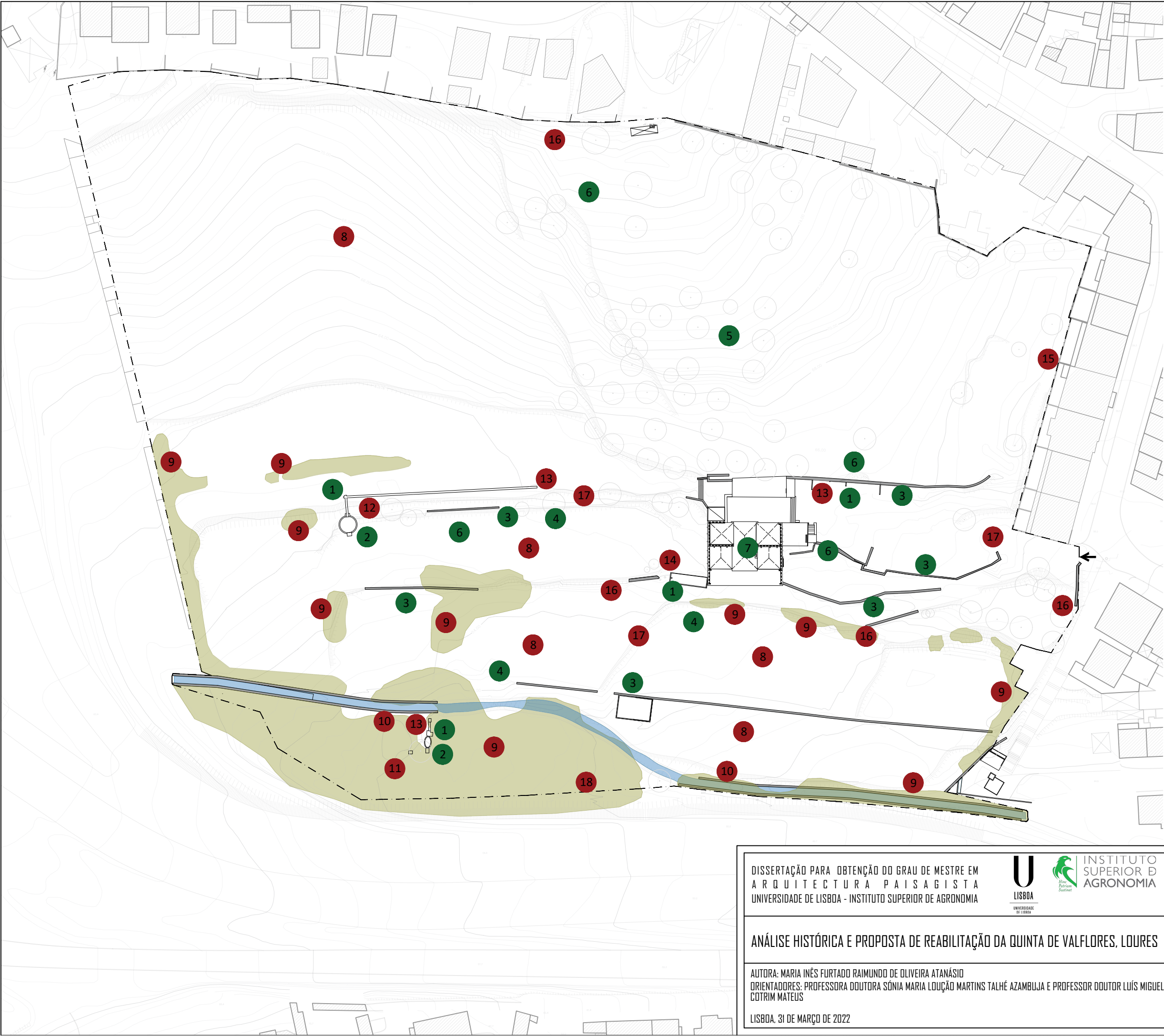
Outro ponto negativo diz respeito a parte do aqueduto de cima ter sido aterrado, causando a perda do percurso, possivelmente sombreado por uma latada de vinha, que se iniciava na entrada poente e se estendia ao longo do aqueduto de cima até à casa.

A falta de caminhos de circulação, assim como a escadaria que antigamente existia a poente da casa, facilitando a transição entre patamares, também correspondem a um problema.

Com excepção à relação visual com o rio Tejo, que ainda permanece aberta, todo o espaço envolvente, está agora urbanizado, pela presença da autoestrada e IC2, a poente e sul, mas principalmente pelos prédios habitacionais, a norte e nascente que foram estrangulando a propriedade de Valflores, alterando por completo o carácter rural em que se enquadrava.

Em termos de oportunidade trata-se de uma quinta localizada na área metropolitana de Lisboa, com boas acessibilidades e próxima da frente ribeirinha. Com potencial para espaço cultural e de conhecimento, a área de intervenção representa um importante corredor ecológico, sendo que o curso de água que a atravessa integra a Estrutura Ecológica Municipal.

As ameaças presentes dizem respeito ao ruído devido à proximidade com a IC2, N150 e a autoestrada A2, à má qualidade do ar provocada pelo tráfego rodoviário e à pressão urbanística a que está sujeita.



LEGENDA

- LIMITE DA QUINTA DE VALFLORES
- ← ENTRADA DA QUINTA
- CANAVIAL (*Arundo donax* L.)
- RIBEIRA DE VALFLORES
- VEGETAÇÃO EXISTENTE

PONTOS FORTES (FACTORES INTERNOS):

- 1 - QUINTA DE RECREIO COM SISTEMA HIDRÁULICO DO SÉCULO XVI, COM POÇOS, AQUEDUTO E TANQUES
- 2 - PRESENÇA DE ÁGUA NOS POÇOS EXISTENTES
- 3 - SISTEMA MURÁRIO
- 4 - PRESENÇA, EMBORA SUAVIZADA, DA ESTRUTURA DE SOCALÇOS
- 5 - PRESENÇA DE OLIVAL CENTENÁRIO
- 6 - VISTAS PARA O RIO TEJO E POVOAÇÃO DE SANTA IRIA DA AZÓIA
- 7 - A CASA É UM DOS MELHORES EXEMPLARES DA ARQUITECTURA RESIDENCIAL RENASCENTISTA EM PORTUGAL

PONTOS FRACOS (FACTORES INTERNOS):

- 8 - FALTA DE VEGETAÇÃO DEVIDO AO ABANDONO DAS ÁREAS PRODUTIVAS DA QUINTA
- 9 - VEGETAÇÃO INVASORA QUE OCUPA GRANDES ÁREAS
- 10 - CONDUÇÃO ARTIFICIAL DA LINHA DE ÁGUA
- 11 - FRAGMENTAÇÃO IMPOSTA PELA LINHA DE ÁGUA
- 12 - ATERRO DE PARTE DO AQUEDUTO
- 13 - SISTEMA HIDRÁULICO INACTIVO POR SE ENCONTRAR INCOMPLETO
- 14 - ESCADARIA DESAPARECIDA A POENTE DO PALÁCIO
- 15 - PRESENÇA DE PRÉDIOS HABITACIONAIS EM CIMA DO LIMITE DA QUINTA
- 16 - MUROS DEGRADADOS
- 17 - AUSÊNCIA DE CAMINHOS PARA CIRCULAÇÃO
- 18 - A PROPRIEDADE JÁ NÃO CORRESPONDE AO ORIGINAL DEVIDO AO DESENVOLVIMENTO DA POVOAÇÃO E DAS OBRAS DO IC2

OPORTUNIDADES (FACTORES EXTERNOS):

- LOCALIZAÇÃO NA AML (ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA)
- PROXIMIDADE COM A FRENTE RIBEIRINHA
- POTENCIAL PARA ESPAÇO CULTURAL E DE CONHECIMENTO
- POTENCIAL COMO ESTRUTURANTE DE CORREDOR VERDE

AMEAÇAS (FACTORES EXTERNOS):

- RUÍDO DEVIDO À PROXIMIDADE COM A IC2, N150 E A2
- MÁ QUALIDADE DO AR PROVOCA DA PELO TRÁFEGO RODOVIÁRIO
- PRESSÃO URBANÍSTICA ENVOLVENTE

Fonte: Levantamento topográfico, Câmara Municipal de Loures

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM
ARQUITECTURA PAISAGISTA
UNIVERSIDADE DE LISBOA - INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA



INSTITUTO
SUPERIOR DE
AGRONOMIA

ANÁLISE HISTÓRICA E PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA QUINTA DE VALFLORES, LOURES

AUTORA: MARIA INÊS FURTADO RAIMUNDO DE OLIVEIRA ATANÁSIO
ORIENTADORES: PROFESSORA DOUTORA SÓNIA MARIA LOUÇÃO MARTINS TALHÉ AZAMBUJA E PROFESSOR DOUTOR LUÍS MIGUEL COTRIM MATEUS

LISBOA, 31 DE MARÇO DE 2022

LOCALIZAÇÃO	QUINTA DE VALFLORES, SANTA IRIA DA AZÓIA	
ESCALA	1:1000	PEÇA 07
PLANTA	PLANO DIAGNÓSTICO E ANÁLISE SWOT	

5. Proposta

5.1. Objectivos e Estratégias

Sendo a Quinta de Valflores uma quinta de recreio que remota ao século XVI, com uma casa nobre que constitui um dos melhores exemplares da arquitectura residencial desse século, no distrito de Lisboa, é essencial promover e valorizar este local de interesse patrimonial. É também importante atribuir um novo uso compatível com o espaço, que não altere a sua essência e promova o uso do público.

A Câmara Municipal de Loures já definiu quatro possíveis eixos estratégicos de intervenção, nomeadamente ao nível agroalimentar, da saúde, formação e ambiente, tendo sempre em vista a possibilidade de visita deste espaço pela população. Como ainda não foi tomada a decisão final, a proposta que se segue é flexível de modo a receber o que venha a ser o programa final da Quinta de Valflores.

O objetivo principal desta dissertação consiste em elaborar um Plano Director de Reabilitação que, com base em toda a análise realizada e seguindo como orientação as Cartas de Convenções Internacionais sobre património paisagístico (Carta de Florença - ICOMOS, Carta de Burra - ICOMOS - Austrália e Documento de Nara - ICOMOS) bem como a Metodologia de Carmen Añón¹⁷⁵, pretende melhorar e potenciar a Quinta de Valflores.

O estudo feito através de diversas fontes que nos revelaram como terá sido esta quinta nos seus primórdios e a fotografia aérea mais antiga que nos foi possível obter, de 1944, são a base deste plano, que visa recuperar o traçado e a autenticidade que este lugar foi perdendo ao longo dos anos. Complementarmente foi utilizada uma nuvem de pontos do terreno da Quinta de Valflores¹⁷⁶, cedida pelo professor Luís Mateus da Faculdade de Arquitectura de Lisboa, de forma que fosse possível fazer o modelo 3D em SketchUp, posteriormente trabalhado em Lumion.

As estratégias gerais de intervenção são as seguintes:

1. Recuperação da Paisagem / Sistemas ecológicos:

- Recuperação da linha de água / leito de cheia;
- Limpeza da vegetação e eliminação das espécies invasoras;
- Plantação de galeria ripícola.

2. Acessibilidade:

- Entradas/acessos – ligação e enquadramento com a envolvente;

¹⁷⁵ Carmen Añón, «El Jardín Histórico: Notas para una Metodología Previa al Proyecto de Recuperación».

¹⁷⁶ Luís Mateus et al., «The Role of 3D Documentation for Restoration Interventions. The Case Study of Valflores in Loures, Portugal».

- Restauro da rede de caminhos interna (robustez, estrutura, operacionalidade).

3. Imagem/estrutura/leitura/desenho do todo:

- Reconstrução e restauro de muros de compartimentação e de suporte;
- Leitura e operacionalidade do sistema de água;;
- Divisão da propriedade em áreas distintas em carácter.

5.2. Plano Director de Reabilitação da Quinta de Valflores

Tendo em conta que toda a quinta sofreu várias transformações ao longo dos tempos, por ter sido vinculada a outros usos que não os originais, o Plano Director de Reabilitação procura intervir sobre todas as áreas desta propriedade.

Com base na divisão da propriedade, descrita através do auto de vistoria de 1798, foram delimitadas três áreas (área norte, área central e área sul) que permitirão estruturar as propostas de reabilitação da Quinta de Valflores.

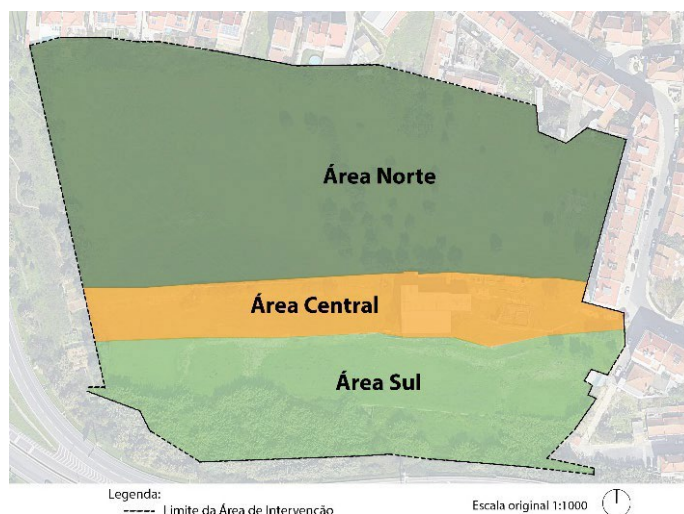


Figura 55: Delimitação das áreas de intervenção (Fonte: Autora, 2022)

Área Central - Tendo em conta que a quinta não possui nenhum portão de entrada, é proposta a colocação de um portão de ferro, devido à segurança como também para assinalar a entrada nesta quinta. Pretende-se reforçar o caminho de entrada, que terá 3 metros de largura e será pavimentado com saibro estabilizado com cal, de forma a não desvirtualizar este espaço. Propõe-se o aproveitamento da antiga construção, existente no terreiro de entrada, em cafetaria.

A existência de um horto de recreio na quinta não foi confirmada, no entanto sendo este um elemento integrante das quintas de recreio e sendo esta propriedade a cabeça de morgadio de um dos homens mais ricos do reino, parece-nos inexplicável a sua inexistência.

Dado que o local mais provável da sua localização fosse antes do terreiro de acesso à casa, é proposta a criação de quatro canteiros rectangulares de plantas medicinais usadas no Renascimento (rosmaninho, salvia, alecrim, malmequer) bordejados com murta, na medida em que poderá “ser apropriado como parte de um uso ou de uma prática que retenha o significado cultural de um sítio.” (artigo 20 da Carta de Burra). Segundo a pesquisa histórica realizada, Jorge de Barros sendo proprietário de uma botica, numa das ruas mais importantes de Lisboa no século XVI, muito provavelmente cultivava plantas medicinais na quinta que elegeu para residir.

Pretende-se recuperar o sistema hidráulico, um dos elementos mais importantes das quintas de recreio. Desta forma propõe-se:

- Limpeza do poço;
- Adição de uma bomba que captará a água do poço e a encaminhará para o aqueduto;
- Reconstrução do aqueduto de cima;
- Recuperação da galeria que distribui a água para os dois tanques do núcleo urbano;
- Reconstrução dos tanques do núcleo urbano, dos quais só restam vestígios.

Os elementos reconstruídos “devem integrar-se harmoniosamente no conjunto, distinguindo-se sempre as partes originais (...)”.¹⁷⁷

É proposta do presente trabalho a pavimentação do terreiro de entrada em pedra lioz branca, o mesmo material da escadaria que lhe dá acesso e em tijoleira rústica artesanal a área subsequente ao portal, por corresponder ao material que ali existiria de acordo os vestígios encontrados. Pretende-se instalar de uma escadaria, em ferro, junto à galeria, sobre o aqueduto, de modo a se aceder à área norte da quinta, sem ser pelas extremidades. Propõe-se a recuperação do antigo percurso junto ao aqueduto de cima. Assim, é necessário proceder-se à escavação do terreno, que foi aterrado, de modo a nivelá-lo até à escadaria que dá acesso ao portal, e que necessita também de ser também recuperada. Pretende-se que este percurso se faça sob a sombra de uma latada de vinha, suportada por colunas de pedra, como outrora, de forma a “revelar o valor estético e histórico deste sítio”.¹⁷⁸ Com o mesmo intuito propõe-se a recuperação da escadaria desaparecida a poente da casa, permitindo a transição entre patamares. Esta escadaria será, tal como todas as outras, de pedra lioz.

No patamar adjacente ao aqueduto, é proposta a plantação de pomares de frutas de espinho, isto é, laranjeiras e limoeiros, restaurando os pomares que ali existiram, de forma a recuperar o carácter agrícola da quinta. Estes elementos, inseridos na tipologia de quintas de recreio e que constam no auto de vistoria do século XVIII, são essenciais para a valorização da quinta, para que uma das suas funções primordiais não seja esquecida. Para além disso será uma forma da quinta obter rendimentos, através da venda das frutas, por exemplo.

¹⁷⁷ ICOMOS «Carta de Veneza». Artigo 12º

¹⁷⁸ ICOMOS «Carta de Veneza». Artigo 9º

Área Sul - Pretende-se reforçar a rede de caminhos, em saibro estabilizado com cal, com base na fotografia aérea de 1944 e colocar bancos de pedras ao longo dessa mesma rede.

Recuperar também o carácter agrícola da quinta, através da criação de pomares e hortas, ao longo dos patamares. Os pomares serão constituídos por frutas de caroço, ginja (*Prunus cerasus*), de pevide, macieiras (*Malus domestica*) e ainda de figueiras (*Ficus carica*), uma vez que a quinta ainda apresenta alguns exemplares antigos desta espécie.

No patamar mais perto da ribeira, a nascente, é proposta a criação de zonas de hortas, em que cada talhão terá a dimensão de 20m² e será bordejado por plantas aromáticas. Estes poderão ser adquiridos e cultivados pela população local. A atribuição de talhões poderá ficar a cargo da Junta de Freguesia de Santa Iria da Azóia e poderá candidatar-se qualquer pessoa que resida na freguesia e que não seja possuidora de exploração agrícola. Desta forma, não só é recuperado um dos usos primordiais da quinta, como também se envolve a comunidade, podendo-se proporcionar uma proximidade com o ambiente visando a sua defesa ao promover actividades para as famílias na área da educação e sensibilização ambiental, promover o aproveitamento eficiente de terrenos municipais ou evitar a apropriação de terrenos para estes fins.

Parte do percurso junto à ribeira e o percurso junto ao muro adjacente às hortas será reforçado por uma latada de vinha, aproveitando as pedras de suporte, da antiga latada que ali existiu, ainda presentes no muro. Sob as latadas pretende-se instalar bancos de pedra, para descanso e deleite dos visitantes.

Para que seja possível a existência de pomares e hortas será necessário a reactivação do sistema hidráulico da parte sul da quinta. São propostas as seguintes acções:

- Limpeza do poço;
- Adição de uma bomba que captará a água do poço e a encaminhará para o aqueduto;
- Reconstrução do aqueduto;
- Restauro do tanque adjacente à casa.

A reconstrução do aqueduto “deve ser identificável por observação próxima ou através de interpretação adicional.”¹⁷⁹ Por não existirem quaisquer caleiras na quinta ou vestígios, é proposto que a rega seja automática, utilizando a água armazenada pelos tanques.

Sobre a ribeira, pretende-se construir uma pequena ponte, que irá permitir a passagem, de um lado para o outro, de forma que este espaço “sobrante” volte a ser usado e que se possa visitar o arranque do aqueduto que aqui se encontra. Propõem-se, que a área a sul da ribeira possua uma zona de estadia, com bancos de pedra, onde os visitantes poderão usufruir da frescura da água, como também das vistas para toda a extensão da quinta.

¹⁷⁹ Austrália ICOMOS, «Carta de Burra». Artigo 20.2

A linha de água, deverá ser renaturalizada com vegetação ripícola, de modo que a última intervenção aqui realizada, com recurso a gabiões, seja o menos perceptível possível. Deste modo, propõe-se a técnica de gabiões vivos, que consiste em inserir estacas vivas, neste caso de freixos e salgueiros, no interior dos gabiões, de modo a melhorar a sua integração na paisagem sem retirar a sua função, de defesa e suporte.

É proposta ainda uma cortina de vegetação, com vegetação ripícola, no limite sul da quinta, com o intuito de ocultar a autoestrada, e desta forma melhorar as vistas.

Área Norte - Beneficiando da existência do que resta do olival, a nascente, pretende-se intensificá-lo. Pretende-se ainda, a poente, estabelecer uma vinha, cultura outrora ali praticada, segundo o auto de vistoria de 1798.¹⁸⁰

A proposta contempla também uma sebe em redor da vedação existente a nascente, assim como uma orla arbórea, pelo enquadramento visual que oferece, transportando os visitantes para a pequena povoação de carácter rural, que foi Santa Iria da Azóia.

Entre o aqueduto e as vinhas, é proposta uma ampla zona multiusos, com cerca de 1200m², de forma a permitir que a quinta receba concertos, feiras, mercados.

Pretende-se que a circulação nesta área a norte, seja feita em solo natural, por áreas mais abertas e com inclinações mais confortáveis.

Propõe-se a colocação de bancos de pedra, dispersos, em alguns consegue-se alcançar o Tejo.

Os muros de compartimentação existentes em redor da quinta, foram, na sua maioria, absorvidos pelas construções periféricas e os restantes ruindo por falta de conservação, levando à apropriação, por parte de alguns habitantes, de terreno pertencente à quinta. Por esse motivo e por se pretender devolver a esta quinta uma das suas características primordiais, ser uma quinta murada, propõem-se que os muros que restam sejam preservados e os restantes reconstruídos. Os muros de suporte que definem os patamares deverão também ser recuperados e os troços em falta reconstruídos. Segundo o Artigo 20.2 da Carta de Burra, a “reconstrução deve ser identificável por observação próxima ou através de interpretação adicional”. Toda a vegetação da quinta deverá limpa e deverão ser erradicadas todas as espécies invasoras existentes.

A manutenção é tão importante como a intervenção. O trabalho de toda a intervenção só valerá a pena se for realizada uma manutenção contínua. A manutenção da Quinta de Valflores deverá ser assegurada pela Câmara Municipal de Loures e também por voluntariado. Poderá ser iniciado um projecto de voluntariado que vise promover e conservar o património cultural do município e por outro lado incentive ao sentido cívico e entreajuda da comunidade. Tanto

¹⁸⁰ «Arquivo Nacional da Torre do Tombo - DigitArq».

os pomares com a vinha proposta, têm espaçamento suficiente para a passagem de um pequeno trator, que facilitará a manutenção e o processo de colheita da fruta.

Segundo Sónia Talhé Azambuja, “A identificação das espécies botânicas nas pinturas do século XV-XVI poderá ter muito interesse para o restauro de jardins históricos, uma vez que se podem obter listas de flora habitualmente cultivada em jardins e hortos desse período, que poderão ser incluídas em projectos de restauro em que não haja dados suficientes sobre a composição de plantas desse jardim histórico, o que frequentemente acontece em Portugal e no resto da Europa.”¹⁸¹ Neste sentido, a escolha da vegetação, na presente proposta, não se baseou-se apenas no levantamento botânico existente e na análise histórica realizada, por estas informações não serem suficientes, mas também na listagem de espécies botânicas presentes nas pinturas do século XV e XVI, enunciadas no livro *Plantas, Animais e Paisagem – Da iconografia à iconologia na pintura dos séculos XV e XVI em Portugal* de Sónia Talhé Azambuja.

O Plano Director de Reabilitação teve em conta três dos quatro traços característicos do jardim português, enunciados por Cristina Castel-Branco¹⁸²: foram propostas árvores e arbustos de flor, tirou-se partido da localização privilegiada da quinta sobre o rio Tejo, através de um percurso que conduz o visitante pelos locais de maior qualidade visual e o sistema hidráulico foi restaurado de modo que a água voltasse a circular e os tanques se voltassem a encher de água fresca.

¹⁸¹ Sónia Talhé Azambuja, *Plantas, Animais e Paisagem - Da Iconografia à Iconologia na Pintura dos Séculos XV e XVI em Portugal*. p.446

¹⁸² Cristina Castel-Branco, *A Água nos Jardins Portugueses*. pp.7-8

5.2.1. Percursos Interpretativos

De modo que os visitantes percorram os pontos mais interessantes desta quinta e conheçam a sua história, é proposta a criação de dois percursos, acompanhados de painéis informativos:

1- Percurso “A Hidráulica de Valflores” (distância: 0.8km | tempo: 1h) – Terá início na entrada actual e irá incluir a passagem por todos os elementos hidráulicos existentes, nomeadamente pelos poços, aquedutos, tanques e pela ribeira de Valflores.

2- Percurso “Os caminhos renascentistas” (distância: 1.6 km | tempo: 1h40 min) – Este percurso prolongar-se-á ao longo da Quinta de Valflores pelos caminhos que seriam os percorridos no século XVI. Passará pela casa senhorial, por todos os elementos hidráulicos, pelos pomares, hortas e olival.

Tendo em conta a forte ligação que existe entre a Quinta de Valflores e a frente ribeirinha e de modo a integrar a quinta no seu território é, ainda, proposto um terceiro percurso, que visa atrair novos visitantes e dinamizar a região:

Percurso “Parque Urbano de Santa Iria da Azóia – Quinta de Valflores – Frente Ribeirinha” (distância 4.5km | tempo: 3h20 min) – Pretende-se que este percurso se inicie no Parque Urbano de Santa Iria da Azóia e que siga até à Quinta de Valflores. Depois de percorrido “Os caminhos renascentistas” a saída é feita pela Rua das Escadinhas da Fonte e o percurso dirige-se para nascente, seguindo a linha de água, sempre que possível, terminando na frente ribeirinha, mais precisamente onde se inicia o Percurso Pedonal Póvoa de Santa Iria – Alverca do Ribatejo. Desta forma o percurso terá continuidade para o concelho vizinho, por um percurso ribeirinho com cerca de 17,5 km, pedonal e ciclável. Este elemento agregador promove a valorização da Quinta de Valflores como também o conhecimento da Reserva Natural do Estuário do Tejo.

Deixo como sugestão, para uma futura intervenção, a requalificação da frente ribeirinha, uma zona com imenso potencial, que poderá atrair população tanto do concelho como dos concelhos confinantes, captar novos visitantes da área metropolitana de Lisboa e turistas. Existem inúmeras actividades que poderão ajudar nesta dinamização, dando vida a esta frente ribeirinha, tal como: passeios de bicicleta, caminhadas, actividades ao ar livre, passeios de barco até aos mouchões do Estuário do Tejo ou até Lisboa.



LEGENDA

— LIMITE DA QUINTA DE VALFLORES ← ENTRADA EXISTENTE — BANCOS PROPOSTOS

PROPOSTA:

A - Área Central

A 1 - Colocação de um portão na entrada da quinta
A 2- Reforçar o caminho da entrada até ao terreiro da Casa, com saibro estabilizado
A 3- Plantação de nova vegetação
A 4- Reconstrução dos tanques
A 5- Recuperação da galeria
A 6- Criação de canteiros de plantas medicinais usadas no Renascimento bordejados com murta
A 7- Colocação de pedra lioz branca no terreiro de entrada
A 8- Adaptação da construção primitiva da propriedade em cafetaria
A 9- Colocação de tijoleira na área subsequente ao portal
A 10- Reabilitação da escadaria e implementação de uma escadaria de ferro sobre o aqueduto
A 11- Reconstrução do aqueduto de cima
A 12- Restauo do percurso junto ao aqueduto
A 13- Criação de uma latada de vinha ao longo do percurso junto ao aqueduto
A 14- Eliminação de espécies invasoras
A 15- Limpeza do poço
A 16- Adição de bomba de água para captação da água do poço, de modo a reativar o sistema hidráulico
A 17- Recuperar o carácter agrícola da quinta através da plantação de pomares
A 18- Reconstrução da escadaria a poente da Casa
A 19- Restauo do tanque adjacente à Casa

B- Área Sul

B 1- Recuperar e reconstruir muros de suporte dos patamares e os muros delimitantes desaparecidos
B 2- Recuperar o carácter agrícola da quinta através da plantação de pomares
B 3- Reforçar caminhos, em saibro, baseados na fotografia aérea de 1944
B 4- Criação de latadas ao longo do percurso, junto aos muros
B 5- Criação de uma área de hortas comunitárias com anexo de apoio. Cada talhão terá a área de 20m² e será bordejado com plantas aromáticas.
B 6- Criação de uma nova entrada na quinta
B 7- Plantação de nova vegetação
B 8- Limpeza da vegetação e eliminação de espécies invasoras
B 9- Reconstrução do aqueduto de baixo
B 10- Limpeza do poço
B 11- Adição de uma bomba de água no poço, de modo a reactivar o sistema hidráulico
B 12- Estabelecimento de galeria ripícola que funcionará também como cortina verde
B 13- Transformação dos gabiões existentes em gabiões vivos
B 14- Criação de uma ponte, de modo a permitir o atravessamento da ribeira
B 15- Criação de espaço de estadia

C- Área Norte

C 1- Limpeza da vegetação e eliminação de espécies invasoras
C 2- Intensificação do olival
C 3- Estabelecimento de vinha, produção existente outrora na quinta
C 4- Plantação de sebe em redor da vedação existente a nascente da propriedade
C 5- Plantação de nova vegetação de modo a criar uma cortina verde nas extremidades da propriedade
C 6- Demarcação de caminhos preferenciais
C 7- Criação de área multiusos para a realização de feiras, mercados, concertos

Vegetação:

Vegetação existente

Vegetação proposta:

- Árvores
- Pomares
- Arbustos
- Arbustos aromáticos e medicinais
- Herbáceas
- Vinha
- Vinha (latada)

Pavimentos e coberturas de solo:

- Saibro estabilizado
- Tijoleira rústica artesanal
- Prado de Sequeiro
- Pedra Lioz branca
- Pedra Lioz rosa
- Prado Florido

Elementos construídos existentes:

- 1. Casa de Valflores
- 2. Capela
- 3. Antiga construção
- 4. Muros de pedra

Elementos de água existentes:

- 5. Poços
- 6. Vestígios de tanques
- 7. Tanques
- 8. Aquedutos

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM
ARQUITECTURA PAISAGISTA
UNIVERSIDADE DE LISBOA - INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA



ANÁLISE HISTÓRICA E PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA QUINTA DE VALFLORES, LOURES

AUTORA: MARIA INÊS FURTADO RAIMUNDO DE OLIVEIRA ATANÁSIO
ORIENTADORES: PROFESSORA DOUTORA SÓNIA MARIA LOUÇÃO MARTINS TALHÉ AZAMBUJA E PROFESSOR DOUTOR LUÍS MIGUEL COTRIM MATEUS
LISBOA, 31 DE MARÇO DE 2022

LOCALIZAÇÃO	QUINTA DE VALFLORES, SANTA IRIA DA AZÓIA	
ESCALA	1:1000	PEÇA 08
PLANTA	PLANO DIRECTOR DE REABILITAÇÃO DA QUINTA DE VALFLORES	



LEGENDA

— LIMITE DA QUINTA DE VALFLORES

← ENTRADA EXISTENTE ← ENTRADA PROPOSTA

Vegetação:

Vegetação existente

Vegetação proposta:

- Árvores
- Pomares
- Arbustos
- Arbustos aromáticos e medicinais
- Herbáceas
- Vinha
- Vinha (latada)

— Bancos de pedra propostos

Pavimentos e coberturas de solo:

- Saibro estabilizado
- Tijoleira rústica artesanal
- Prado de Sequeiro
- Pedra Lioz branca
- Pedra Lioz rosa
- Prado Florido

Elementos construídos existentes:

- 1. Casa de Valflores
- 2. Capela
- 3. Antiga construção
- 4. Muros de pedra

Elementos de água existentes:

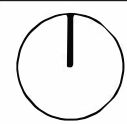
- 5. Poços
- 6. Vestígios de tanques
- 7. Tanques
- 8. Aquedutos

Pontos de Interesse

- i Casa de Valflores e Capela
- ii Galeria
- iii Aqueduto de cima
- iv Vista para a povoação de Santa Iria da Azóia
- v Vista para o aqueduto de cima
- vi Arranque do aqueduto de baixo
- vii Vista para o rio Tejo
- viii Tanque do século XVI

Percursos propostos

- Percurso "A Hidráulica de Valflores" | 0.8km | 1h
- Percurso "Os Caminhos do Renascimento" | 1.6km | 1h 40 min

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITECTURA PAISAGISTA UNIVERSIDADE DE LISBOA - INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA	 	LOCALIZAÇÃO	QUINTA DE VALFLORES, SANTA IRIA DA AZÓIA	
		ESCALA	1:1000	PEÇA 09
		PLANTA		PLANO DE PERCURSOS DA QUINTA DE VALFLORES

AUTORA: MARIA INÊS FURTADO RAIMUNDO DE OLIVEIRA ATANÁSIO
ORIENTADORES: PROFESSORA DOUTORA SÓNIA MARIA LOUÇÃO MARTINS TALHÉ AZAMBUJA E PROFESSOR DOUTOR LUÍS MIGUEL COTRIM MATEUS

LISBOA, 31 DE MARÇO DE 2022



LEGENDA

- PERCURSO PARQUE URBANO DE SANTA IRIA DA AZOIA - QUINTA DE VALFLORES - FRENTE RIBEIRINHA 4,5km | 3h 20 min
- PONTE PEDONAL

Google Earth

Fonte: Fotografia aérea, Google Earth, 2022

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITECTURA PAISAGISTA UNIVERSIDADE DE LISBOA - INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA		LOCALIZAÇÃO	
ANÁLISE HISTÓRICA E PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA QUINTA DE VALFLORES, LOURES		QUINTA DE VALFLORES, SANTA IRIA DA AZOIA	
AUTORA: MARIA INÊS FURTADO RAIMUNDO DE OLIVEIRA ATANÁSIO ORIENTADORES: PROFESSORA DOUTORA SÓNIA MARIA LOUÇÃO MARTINS TALHÉ AZAMBUJA E PROFESSOR DOUTOR LUÍS MIGUEL CO TRIMMATEUS		ESCALA	
LISBOA, 19 DE JANEIRO DE 2023		1:1000	
		PEÇA	
		10	
		PLANTA	
		PLANO DE PERCURSO PARQUE URBANO DE SANTA IRIA DA AZOIA - QUINTA DE VALFLORES - FRENTE RIBEIRINHA	

Conclusões

A Quinta de Valflores é uma das muitas quinta de recreio construída nos arredores de Lisboa no século XVI e, ao contrário de muitas chegou até aos nossos dias. Nos seus quatro séculos de história presenciou diferentes períodos e intervenções que a modificaram até ao presente, sobretudo nos anos sessenta do século passado em que deixou de ter o seu uso residencial e de recreio. Contudo, a casa, o sistema hidráulico e o terreno em socacos, apesar de muito degradados, têm-se mantido desde os primórdios da sua existência.

Consideramos que um dos principais contributos da presente dissertação corresponde à compilação de toda a informação disponível relativamente à Quinta de Valflores, complementando-a com o seu enquadramento geográfico, análise biofísica e com a descrição, tão pormenorizada quanto possível, do seu estado actual, permitindo uma melhor compreensão da quinta e desta forma obter o maior conhecimento possível para o desenvolvimento da proposta de reabilitação da Quinta de Valflores.

O Plano Diretor de Reabilitação elaborado pretende, deixar ideias, para uma futura intervenção, com o intuito de reabilitar um espaço que ficou esquecido durante tanto tempo, sempre numa perspetiva de valorizar a mesma. As propostas procuraram realçar os pontos fortes da quinta e solucionar os pontos francos que advêm sobretudo do abandono e da crescente evolução da povoação, devolvendo a esta quinta a sua essência, o ambiente de recreio e produção.

Esta dissertação pretende também alertar para o valor deste património paisagístico, tantas vezes esquecido e desprezado. Até há um passado recente, eram poucos os que reconheciam as potencialidades de locais com História e histórias para contar e muitos deles foram simplesmente votados ao abandono. Felizmente que estamos a viver uma mudança de paradigma e, cada vez mais, assistimos a uma procura daquilo que é genuíno, que ostenta marcas de pertença a uma época, a um lugar, a uma família. Tradição, identidade, veracidade são características cada vez mais valorizadas. É nesta linha que esta dissertação se insere, salientando a preocupação com a preservação de locais como este, através de intervenções, orientadas pelos princípios das convenções e cartas de restauro de jardins históricos, que mantenham as características únicas destes lugares que são parte fundamental da nossa História, da nossa cultura e, portanto, da nossa identidade.

Esperamos que num futuro próximo este património paisagístico, histórico e arquitectónico ímpar seja reabilitado, preservando a sua herança cultural, e aberto ao público, para que todos possam descobrir os saberes antigos, as tradições e as memórias guardadas nesta quinta de recreio renascentista.

Referências Bibliográficas

- Academia Real das Sciencias de Lisboa. *Memorias de Litteratura Portugueza*. Vol. V. Lisboa, 1793.
- Añón, Carmen. «El Jardín Histórico: Notas para una Metodología Previa al Proyecto de Recuperación». In *ICOMOS. Madrid: Journal Scientifique*, 1993, 312–24.
- Araújo, Ilídio Alves de. *Arte paisagista e Arte dos Jardins em Portugal*. Vol. I. Ministério das Obras Públicas, 1962.
- Araújo, Ilídio Alves de. *Quintas de Recreio (Breve introdução ao seu estudo, com especial consideração das que em Portugal foram ordenadas durante o século XVIII)*. Braga, 1974.
- «Arquivo Nacional da Torre do Tombo - DigitArq». Processo de Joana Inácia. Acedido 27 de Março de 2022. <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4168710>.
- Austrália ICOMOS. «Carta de Burra», 1999.
<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf>.
- Azambuja, Sónia Talhé. *Plantas, Animais e Paisagem - Da Iconografia à Iconologia na Pintura dos Séculos XV e XVI em Portugal*. Lisboa: Scribe, 2021.
- Azevedo, Carlos de. *Solares Portugueses*. 2º. Mem-Martins: Livros Horizonte, 1988.
- Baptista, João Maria. *Chorographia Moderna do Reino de Portugal*. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1876.
<http://archive.org/details/chorographiamod02baptgoog>.
- Biblioteca Digital Mundial. «Sexto Livro sobre Arquitetura: Sobre as habitações dentro e fora das cidades». Acedido 5 de Outubro de 2021. <https://www.wdl.org/pt/item/8968/>.
- Cabral, Francisco Caldeira. *Fundamentos da Architectura Paisagista*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza, 1993.
- «Cadastro da Propriedade Rustica de Santa Iria da Azóia», 1951.
- Câmara Municipal de Loures. «Cartografia Humidade - Período de 1931-1960». Acedido 10 de Junho de 2021. <https://www.cm-loures.pt/media/atlas/pdf/PDF20170719174604480.pdf>.
- Câmara Municipal de Loures. «Cartografia Insolação - Período de 1931-1960». Acedido 10 de Junho de 2021. <https://www.cm-loures.pt/media/atlas/pdf/PDF20170719174108277.pdf>.
- Câmara Municipal de Loures. «Cartografia Radiação Solar - Período de 1931-1960». Acedido 10 de Junho de 2021. <https://www.cm-loures.pt/media/atlas/pdf/PDF20170719174108320.pdf>.
- Câmara Municipal de Loures. «Em Loures o Passado tem Futuro». Acedido 26 de Outubro de 2021. <https://indd.adobe.com/view/4e0c71df-c28e-4bf3-b9fc-e6427d9c18a7>.
- Câmara Municipal de Loures. «Loures Município: Concluída a primeira fase da obra de consolidação do Palácio de Valflores». Acedido 14 de Fevereiro de 2022. <https://www.cm-loures.pt/noticia.aspx?displayid=6892>.
- Câmara Municipal de Loures. «Programa - Quinta e Palácio de Valflores», 2020.
- Carapinha, Aurora. «Da Essência do Jardim Português Vol.I». Dissertação para a obtenção do grau de Doutor em Artes e Técnicas da Paisagem, Universidade de Évora, 1995.

- Cardoso, Marianna Gomes Pimentel. «Da Preservação à Restauração: Políticas e Métodos Aplicados aos Jardins Históricos». *Paisagem e Ambiente*, n. 38 (2016): 147–63. <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i38p147-163>.
- Carita, Hélder. *Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal ou da Originalidade e Desaires Desta Arte*. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1990.
- Castel-Branco, Cristina. *A Água nos Jardins Portugueses*. Lisboa: Scribe, 2010.
- Castel-Branco, Cristina. *A Índia nos Jardins Portugueses*. Lisboa: Babel, 2017.
- Castel-Branco, Cristina. *Jardins com História - Poesia atrás de muros*. Lisboa: Edições Inapa, 2002.
- Castel-Branco, Cristina. *Jardins de Portugal*. S.l.: CTT Correios de Portugal, 2014.
- Centre, UNESCO World Heritage. «Medici Villas and Gardens in Tuscany». UNESCO World Heritage Centre. Acedido 2 de Outubro de 2021. <http://whc.unesco.org/en/list/175/>.
- Centre, UNESCO World Heritage. «Villa d'Este, Tivoli». UNESCO World Heritage Centre. Acedido 2 de Outubro de 2021. <http://whc.unesco.org/en/list/1025/>.
- «C.M.Loures: Arquivo Municipal». Acedido 27 de Março de 2022. <https://app.cm-loures.pt/portalarquivo/agenda.aspx?displayid=791>.
- Arquivo Municipal de Loures | Santa Iria de Azoia - Indústria. «C.M.Loures: Arquivo Municipal». Acedido 27 de Março de 2022. <https://app.cm-loures.pt/portalarquivo/agenda.aspx?displayid=795>.
- Costa, Everaldo Batista da. «Patrimônio e território urbano em cartas patrimoniais do século XX». *Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia*, n. 93 (2012): 5–28.
- Custódio, Delmira. «Relações artísticas entre Portugal e a Flandres através dos livros de horas existentes em Portugal». Tese de Doutoramento em História da Arte Medieval, 2017.
- Diário da República Eletrónico. «Despacho 7829/2001 (2.ª série)». Acedido 9 de Agosto de 2021. <https://dre.pt/home/-/dre/2633416/details/maximized>.
- «DGPC | Pesquisa Geral». Quinta de Valflres. Acedido 27 de Março de 2022. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73231>.
- «DGPC | Pesquisa Geral». Castelo de Leiria. Acedido 27 de Março de 2022. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70548>.
- «Discovering the Medici Villas: UNESCO sites | Visit Tuscany». Acedido 2 de Outubro de 2021. <https://www.visittuscany.com/en/ideas/discovering-the-medici-villas-unesco-sites/>.
- Dreija, Kristīne. «Historic Gardens and Parks: Challenges of Development in the Context of Relevant Regulations, Definitions and Terminology». *Mokslas - Lietuvos ateitis* 4 (2012): 167–75. <https://doi.org/10.3846/mla.2012.30>.
- Encyclopedia Britannica. «Sebastiano Serlio | Biography, Architecture, & Facts». Acedido 5 de Outubro de 2021. <https://www.britannica.com/biography/Sebastiano-Serlio>.
- Europa Nostra. 14 European heritage sites shortlisted for «The 7 Most Endangered» programme 2016, 10 de Dezembro de 2015. <https://www.europanostra.org/14-european-heritage-sites-shortlisted-7-endangered-programme-2016/>.
- Ferreira Jorge, Virgolino. «A Gestão da Água em Mosteiros e Conventos Medievais e Modernos em Portugal». Acedido 12 de Janeiro de 2022.

- https://www.researchgate.net/publication/350289989_A_gestao_da_agua_em_mosteiros_e_conventos_medievais_e_modernos_em_Portugal_Water_management_in_medieval_and_modern_monasteries_and_convents_in_Portugal.
- Freire, Anselmo Braamcamp. *Brasões da sala de Sintra*. 2ª edição. Vol. 1º. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921.
- Góis, Damião de. *O livro de Eclesiastes: reprodução em fac-símile da edição de Stevão Sabio (Veneza, 1538)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação e Bolsas, 2002.
- Gomes, Rita. «Directrizes fundamentais para processos de adaptação em jardins históricos. Proposta para a Quinta de São Lourenço». Relatório do Trabalho de Fim de Curso da Licenciatura em Arquitetura Paisagista, Universidade de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, 1997.
- ICOMOS. «Carta de Atenas», 1931.
<https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/3%20Carta%20de%20Atenas%20restauro%20monumentos%201931.pdf>
- ICOMOS. «Carta de Florença», 1982.
<https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/25%20Carta%20Floren%C3%A7a%20jardins%20hist%C3%B3ricos%20-%20ICOMOS%201981.pdf>
- ICOMOS. «Carta de Veneza», 1964.
<https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/11%20Carta%20de%20Veneza%20-%20ICOMOS%201964.pdf>
- ICOMOS - Portugal. «História». Acedido 27 de Março de 2022. <https://www.icomos.pt/o-que-e-o-icomos/historia>.
- Jellicoe, Geoffrey, e Susan Jellicoe. *The Landscape of Man: Shaping the Environment from Prehistory to the Present Day*. New York: Viking Press, 1975.
- Lepierre, Charles. *Inquérito: A Indústria do Sal em Portugal*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 1935. <https://almamater.uc.pt/romulo/item/86001>.
- Magalhães, Cristiane Maria. «O Desenho da História no Traço da Paisagem: Património Paisagístico e Jardins Históricos no Brasil - Memória, Inventário e Salvaguarda». Tese para obtenção do Grau de Doutora em História, na área de concentração Política, Memória e Cidades, Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), 2015.
- Maia da Silva, Nuno. «Claustros Serlianos em Portugal». Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2012.
- Mateus, L., V. Ferreira, J. Aguiar, P. Pacheco, J. Ferreira, C. Mendes, e A. Silva. «The Role of 3D Documentation for Restoration Interventions. The Case Study of Valflores in Loures, Portugal». *The International Archives of the Photogrammetry, Remote Sensing and Spatial Information Sciences XLIV-M-1-2020* (2020): 381–88. <https://doi.org/10.5194/isprs-archives-XLIV-M-1-2020-381-2020>.
- Medeiros, Vasco Nuno Figueiro de. «A Ciência Pictórica na Europa: 1430 – 1530. Iconopoiese e Ensino, Confluência e Singularidade. Vol. I». Tese para obtenção do Grau de Doutor no ramo de História, na especialidade de História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2020.
- Melo, A. Sampaio e, e J. Almeida Costa. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 5.ª ed. Porto: Porto Editora, 1977.

- Mendes, Cristina. «Cronologia de Valflores». Rascunho não editado ADPAC, 2009.
- Mesquita, Marieta Dá. «História e Arquitectura. Uma proposta de investigação. O palácio dos Marqueses de Fronteira como situação exemplar da arquitectura residencial erudita em Portugal». Tese de Doutoramento, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 1992.
- Micael, Cristina. «O Sal no Estuário do Tejo. Plataformas de Transporte e Estrutura Comercial (séculos XIV-XVI)». Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em História Marítima, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011.
- «Monumentos» Palácio e Quinta de Valflores. Acedido 27 de Março de 2022. http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6316.
- Museu Nacional de Arqueologia. «Azulejos Datados - A igreja de Santa Iria». *O Archeologo Português*, 1915.
- Jornal SOL. «O Milagre das Abóboras», 2020. <https://sol.sapo.pt/artigo/683738/o-milagre-das-aboboras>.
- Pacheco, Pedro, José Aguiar, e José Gomes da Silva. «Levantamento e Documentação da Quinta de Vale de Flores». Câmara Municipal de Loures, 2020.
- «Quinta de Vale de Flores | Facebook». Acedido 14 de Fevereiro de 2022. <https://www.facebook.com/QuintaDeValeDeFlores/photos/a.176614042379591/258917797482548/>.
- «Quinta de Vale de Flores | Facebook». Acedido 14 de Fevereiro de 2022. <https://www.facebook.com/QuintaDeValeDeFlores/photos/a.176614042379591/195976093776719/>.
- «Quinta de Vale de Flores | Facebook». Acedido 14 de Fevereiro de 2022. <https://www.facebook.com/QuintaDeValeDeFlores/photos/a.176614042379591/364696436904683/>.
- SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. «Palácio e Quinta de Valflores». Acedido 15 de Junho de 2021. http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPARoute.aspx?id=6a6d9592-ba51-40e9-bd9b-4ed6bbb57aeb.
- Pessoa, Ana, Douglas Fasolato, e Rubens de Andrade. *Jardins Históricos - Gestão e Preservação do Património Paisagístico*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015.
- Pimenta, João (Coord.). «CIRA Arqueologia - Atas mesa redonda de Olisipo a Ierabriga», n. 1 (2012). https://www.academia.edu/12289890/PIMENTA_J_Coord_2012_Atas_mesa_redonda_de_Olisipo_a_Ierabriga_CIRA_Arqueologia_N_o_1_Museu_Municipal_de_Vila_Franca_de_Xira.
- Pires, Amílcar Gil. *A Quinta de Recreio em Portugal. Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*. Caleidoscópio, 2013.
- Pires, Amílcar Gil. *A Villa Renascentista - Arquitectura, Jardins e Paisagem*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2016.
- Pires, Amílcar Gil. «O Lugar da Quinta de Recreio na Periferia de Lisboa». *Tritão - Revista de História, Arte e Património de Sintra* n. 1, Dezembro de 2012.
- Pires Fernandes, Inês. «A Quinta de Recreio no Concelho de Vila Franca de Xira». Arcos de Valdevez, 2014. <https://doi.org/10.13140/RG.2.1.3754.4400>.

- Raimundo, Orlando. «Marco da VI Légua». *Vila Franca de Xira - Saber Mais Sobre ... Património de Castanheira do Ribatejo e Vila Franca de Xira*, 2011. <https://www.cmvfxira.pt/cmvfxira/uploads/document/file/771/6.pdf>.
- Ribeiro, Luís Paulo Almeida Faria. «Quintas do Concelho de Lisboa, Inventário, Caracterização e Salvaguarda.» Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Universidade de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, 1992.
- Ribeiro, Luís Paulo Almeida Faria. «Sistemas de Água em Composição Paisagística». Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Universidade de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, 1992.
- Sales, John. «Conserving Historic Gardens». *Journal of Architectural Conservation* 6, n. 2 (2000): 72–84. <https://doi.org/10.1080/13556207.2000.10785271>.
- Silva, Luiz Augusto Rebello da. *Corpo Diplomático Português contendo os Actos e Relações Políticas e Diplomáticas de Portugal*. Vol. 4. Academia das Ciências de Lisboa, 1862. <http://archive.org/details/corpodiplomtico11lisbgoog>.
- Sousa, Ana. «As quintas de recreio do século XVI em Portugal: a relação entre arquitectura, espaços verdes e recursos hídricos». Dissertação de Mestrado, Universidade Lusíada de Lisboa, 2015.
- Sousa Matos, Rute. «Recuperação de Jardins Históricos em Portugal - Algumas Reflexões». Universidade de Évora, 1999.
- Stumpp, Monika. «A Simetria Modular e as Villas de Andrea Palladio». Tese para obtenção do Grau de Doutor em Arquitectura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Faculdade de Arquitectura e Urbanismo, 2013.
- Taquenho, Maria das Mercês de Carvalho Daun e Lorena. «Pintura flamenga em Portugal. Os retábulos de Metsys, Morrison e Ancede; estudo técnico e material». Tese para obtenção do Grau de Doutor em História de Arte Especialidade: Pintura, Universidade de Évora, 2013.
- Zbyszewski et all. – Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50000. Notícia Explicativa da folha 34-B Loures. Lisboa: Direção-Geral de Minas e Serviços Geológicos, 2011



Quinta de Valflores, início do século XX. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
Fonte: Cristina Mendes

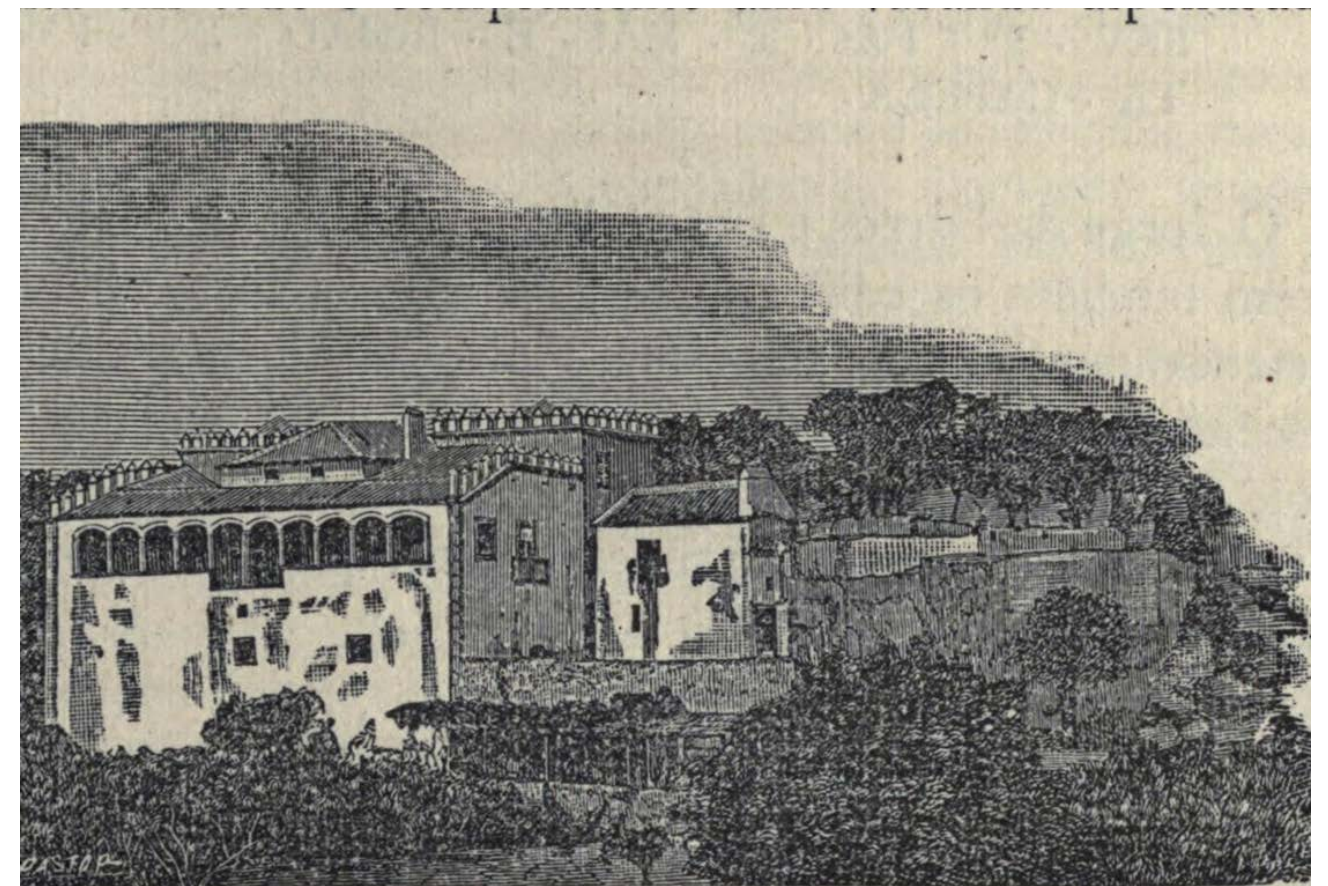
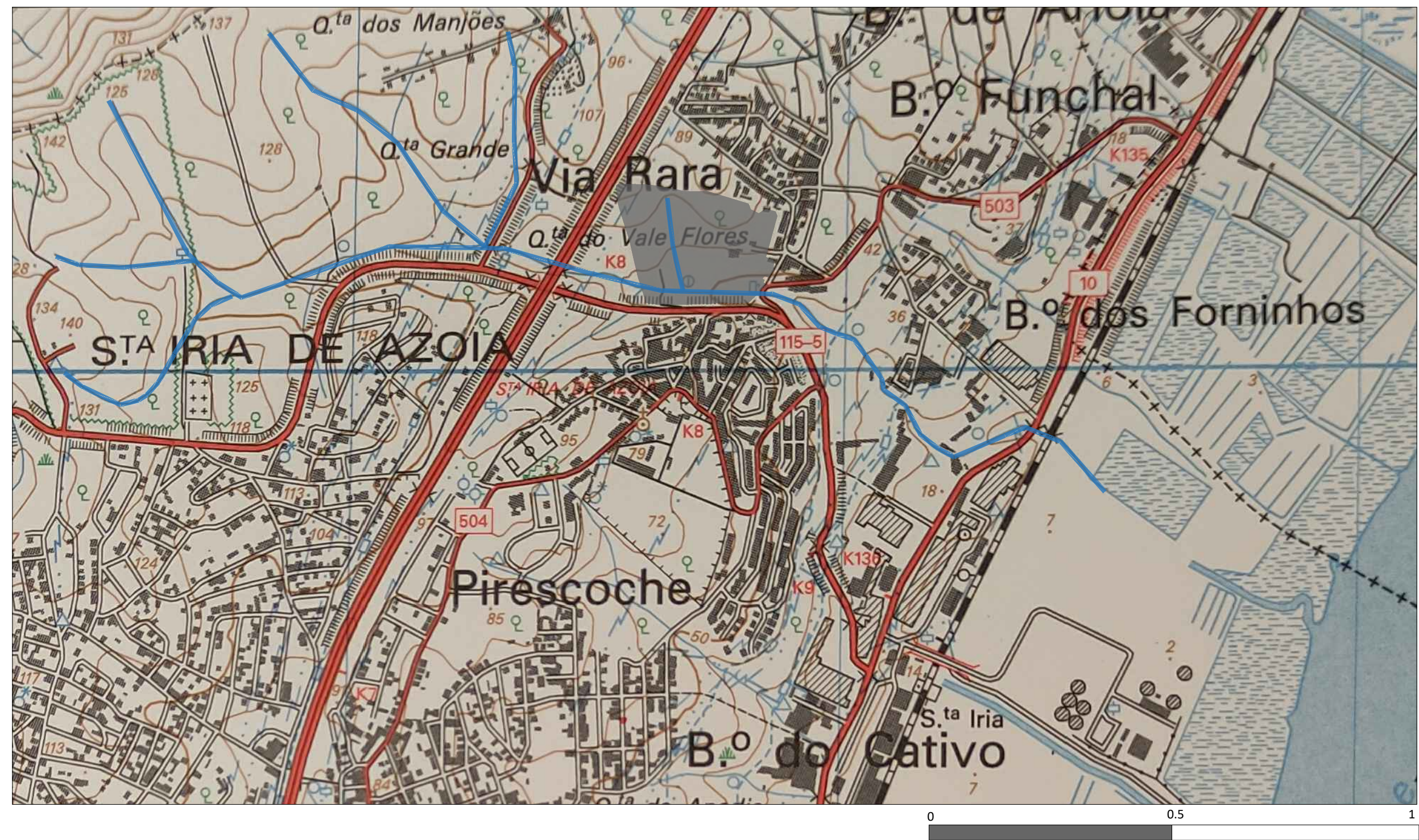


Ilustração da Quinta de Valflores. Anselmo Freire Braamcamp ,1921, vol.1, p.393



LEGENDA

- ÁREA DA QUINTA DE VALFLORES
- LINHAS DE ÁGUA
- LINHA DE ÁGUA QUE ATRAVASSA A QUINTA DE VALFLORES

- Fonte: Carta Militar de Portugal, Extracto 1965

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM
ARQUITECTURA PAISAGISTA
UNIVERSIDADE DE LISBOA - INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA



INSTITUTO
SUPERIOR DE
AGRONOMIA

ANÁLISE HISTÓRICA E PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA QUINTA DE VALFLORES, LOURES

AUTORA: MARIA INÊS FURTADO RAIMUNDO DE OLIVEIRA ATANÁSIO
ORIENTADORES: PROFESSORA DOUTORA SÓNIA MARIA LOUÇÃO MARTINS TALHÉ AZAMBUJA E PROFESSOR DOUTOR
LUÍS MIGUEL COTRIM MATEUS

LISBOA, 31 DE MARÇO DE 2022

LOCALIZAÇÃO	QUINTA DE VALFLORES, SANTA IRIA DA AZÓIA	
ESCALA	-	PEÇA 11
PLANTA	HIDROGRAFIA NA ÁREA ENVOLVENTE DA QUINTA DE VALFLORES	



LEGENDA

--- LIMITE DA QUINTA DE VALFLORES

← ENTRADA

CANAVIAL (*Arundo donax* L.)

RIBEIRA DE VALFLORES



- Fonte: Levantamento topográfico, Câmara Municipal de Loures | Fotografias © Autora, 2021

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM
ARQUITECTURA PAISAGISTA
UNIVERSIDADE DE LISBOA - INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA

U
LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA

INSTITUTO
SUPERIOR DE
AGRONOMIA

INSTITUTO
SUPERIOR DE
AGRONOMIA

ANÁLISE HISTÓRICA E PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA QUINTA DE VALFLORES, LOURES

AUTORA: MARIA INÊS FURTADO RAIMUNDO DE OLIVEIRA ATANÁSIO
ORIENTADORES: PROFESSORA DOUTORA SÓNIA MARIA LOUÇÃO MARTINS TALHÉ AZAMBUJA E PROFESSOR DOUTOR LUÍS MIGUEL COTRIM MATEUS

LISBOA, 31 DE MARÇO DE 2022

LOCALIZAÇÃO

QUINTA DE VALFLORES,
SANTA IRIA DA AZÓIA

ESCALA

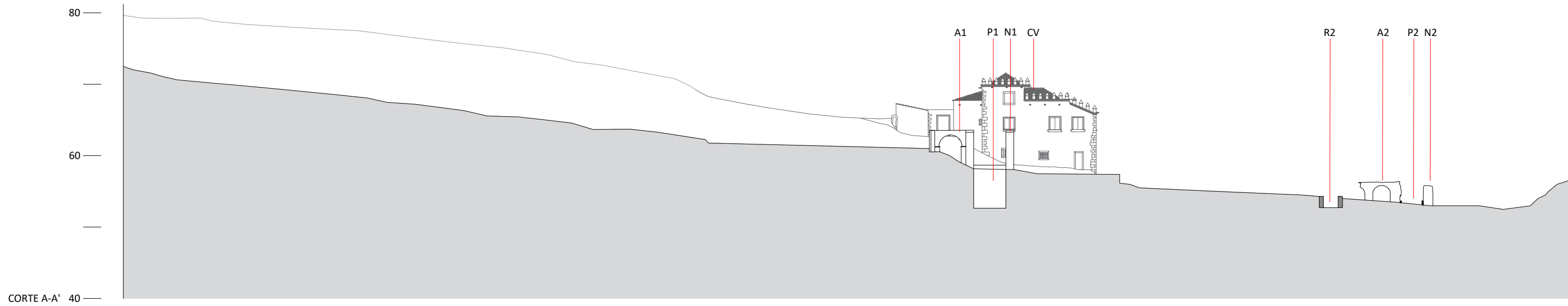
1:1700

PLANTA

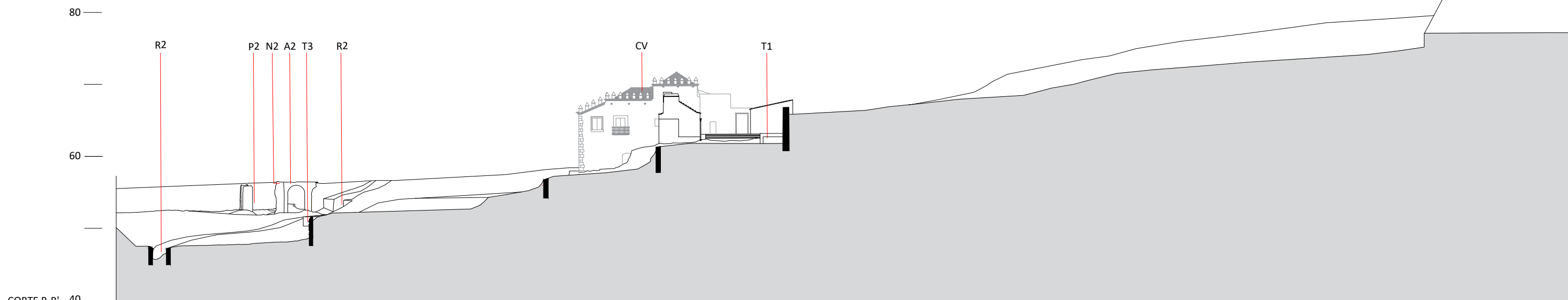
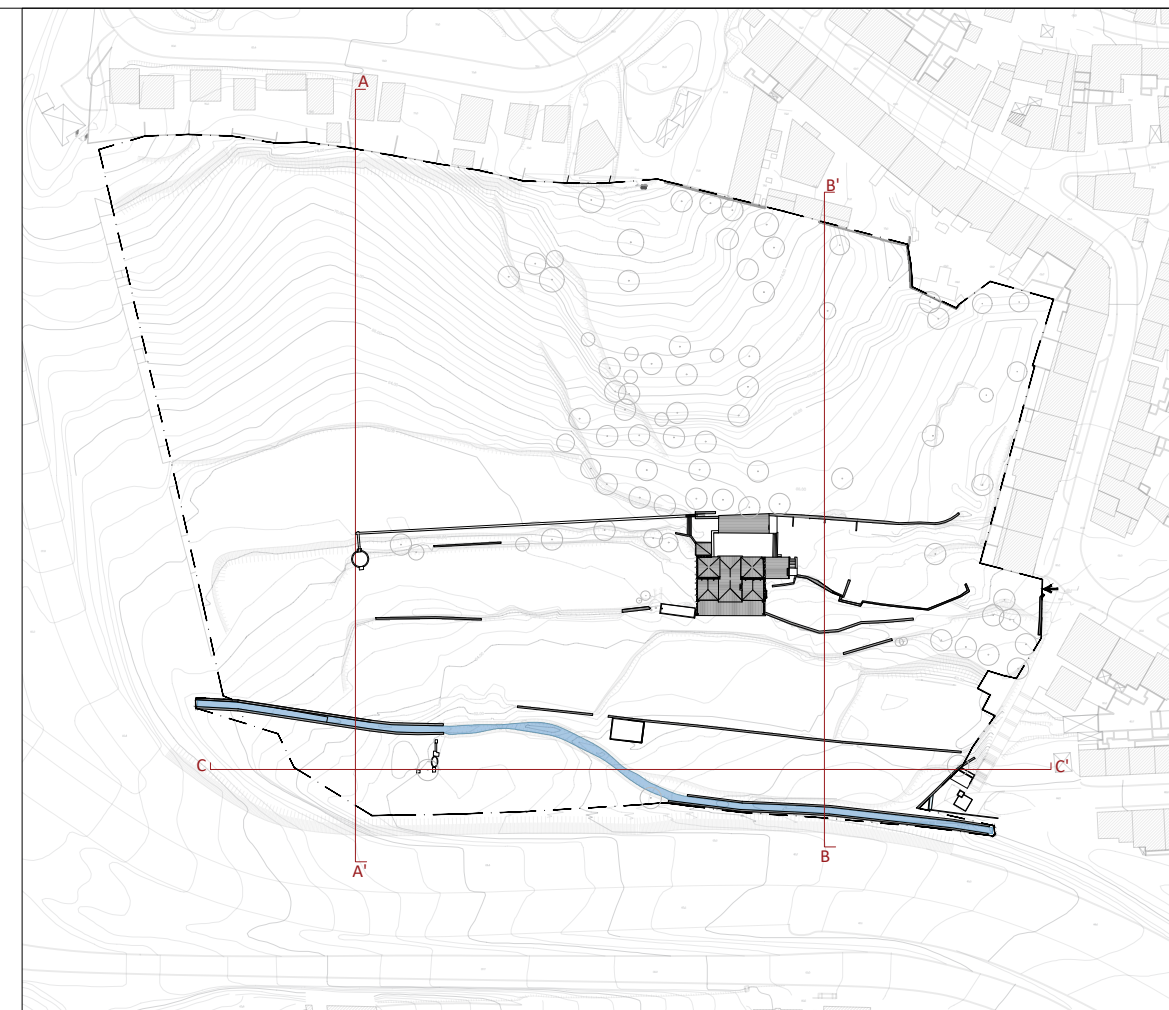
SISTEMA DE VISTAS

1

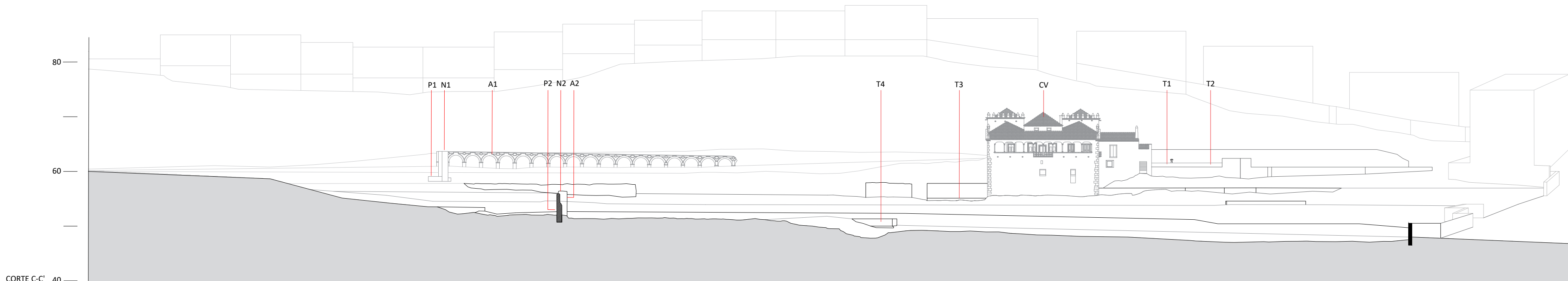
PEÇA 12



CORTE A-A'



CORTE B-B'



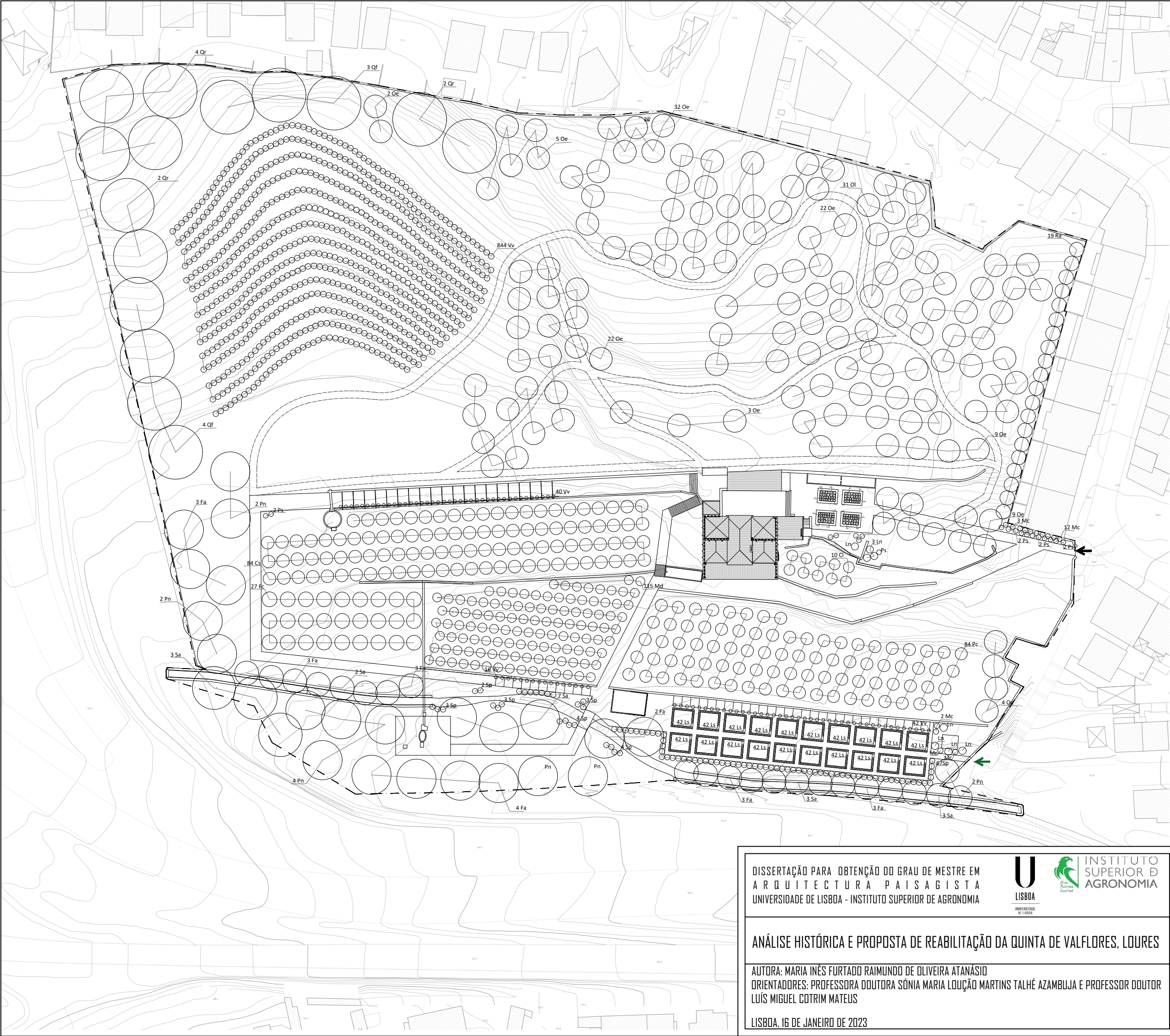
CORTE C-C'

LEGENDA

- CV- CASA DE VALFLORES
- A1- AQUEDUTO DE CIMA
- A2- AQUEDUTO DE BAIXO
- P1- POÇO DE CIMA
- P2- POÇO DE BAIXO
- N1- VESTÍGIOS DE NORA DO AQUEDUTO DE CIMA
- N2- VESTÍGIOS DE NORA DO AQUEDUTO DE BAIXO
- T1 E T2 - VESTÍGIOS DE TANQUES NO NÚCLEO URBANO
- T3- TANQUE SÉCULO XVI
- T4- TANQUE SÉCULO XX
- R2- RIBEIRA DE VALFLORES

Extraído e adaptado de Pacheco, P., Aguiar J., Silva G. *Levantamento e Documentação da Quinta de Valflores*, 2020.

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITECTURA PAISAGISTA UNIVERSIDADE DE LISBOA - INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA		 LISBOA UNIVERSIDADE DE LISBOA	 INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA	LOCALIZAÇÃO	QUINTA DE VALFLORES, SANTA IRIA DA AZÓIA	
ANÁLISE HISTÓRICA E PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA QUINTA DE VALFLORES				ESCALA	1:500	PEÇA 13
AUTORA: MARIA INÊS FURTADO RAIMUNDO DE OLIVEIRA ATANÁSIO ORIENTADORES: PROFESSORA DOUTORA SÓNIA MARIA LOUÇÃO MARTINS TALHÉ AZAMBUJA E PROFESSOR DOUTOR LUÍS MIGUEL COTRIM MATEUS				PLANTA	CORTES DO EXISTENTE	
LISBOA, 31 DE MARÇO DE 2022						



- LEGENDA

 - LIMITE DA QUINTA
 - ← ENTRADA EXISTENTE
 - ENTRADA PROPOSTA
- VEGETAÇÃO ARBÓREA PROPOSTA

 - 10 Cl - *Citrus limon* (L.) Burm. f. | limoeiro
 - 84 Cs - *Citrus sinensis* (L.) Osbeck | laranja
 - 21 Fa - *Fraxinus angustifolia* Vahl. | freixo
 - 27 Fc - *Ficus carica* L. | figueira
 - 6 Ln - *Laurus nobilis* L. | loureiro
 - 115 Md - *Malus domestica* Borkh | macieira
 - 140 Oe - *Olea europaea* var. *europaea* L. | oliveira
 - 84 Pc - *Prunus cerasus* L. | ginja, cereja ácida
 - 12 Pn - *Populus nigra* L. | choupo
 - 7 Qf - *Quercus faginea* Lam. | carvalho-português
 - 8 Qr - *Quercus rotundifolia* Lam. | azinheira
 - 14 Sa - *Salix alba* L. | salgueiro
- VEGETAÇÃO ARBUSTIVA PROPOSTA

 - 840 Ls - *Lavandula stoechas* L. | rosmaninho
 - 142 Mc - *Myrtus communis* L. | murta
 - 11 Ps - *Prunus spinosa* L. | abrunheiro bravo
 - 19 Ra - *Rhamnus alaternus* L. | sanguinho das sebes
 - 93 Sp - *Salix purpurea* L. | salgueiro-de-casca-roxa
 - 941 Vv - *Vitis vinifera* L. | videira

- Fonte: Levantamento topográfico, Câmara Municipal de Loures

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM
ARQUITECTURA PAISAGISTA
UNIVERSIDADE DE LISBOA - INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA

ANÁLISE HISTÓRICA E PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA QUINTA DE VALFLORES, LOURES

AUTORA: MARIA INÊS FURTADO RAIMUNDO DE OLIVEIRA ATANÁSIO
ORIENTADORES: PROFESSORA DOUTORA SÓNIA MARIA LOUÇÃO MARTINS TALHÉ AZAMBUJA E PROFESSOR DOUTOR LUÍS MIGUEL COTRIM MATEUS

LISBOA, 16 DE JANEIRO DE 2023

U

LISBOA

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA

LOCALIZAÇÃO

QUINTA DE VALFLORES, SANTA IRIA DA AZÓIA

ESCALA

1:1000

PEÇA

14

PLANTA

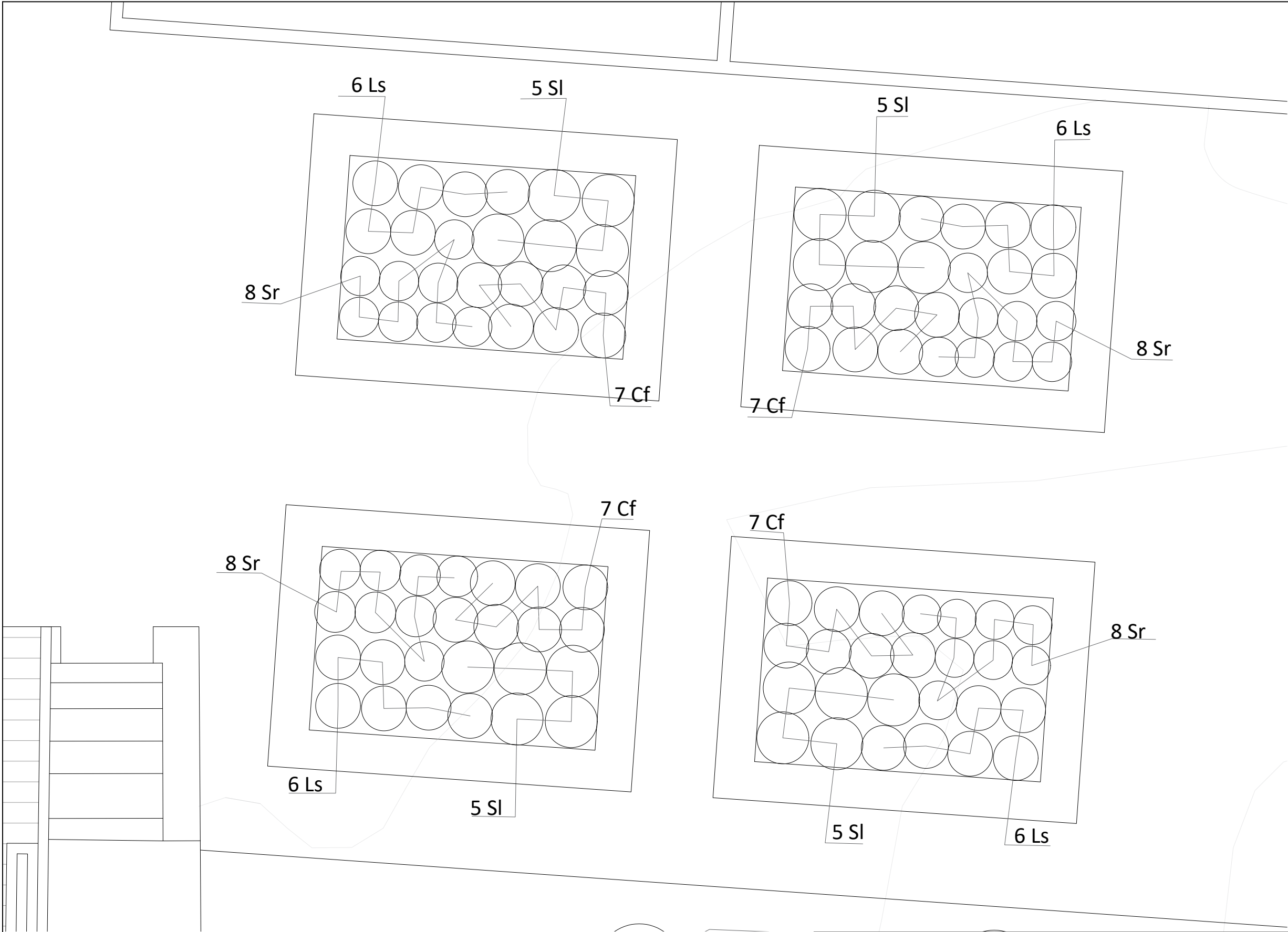
PLANO DE PLANTAÇÃO DE ÁRVORES E ARBUSTOS

LEGENDA

VEGETAÇÃO ARBUSTIVA PROPOSTA

- 28 Cf - *Chrysanthemum frutescens* (L.) Sch.Bip. | malmequer
24 Ls - *Lavandula stoechas* L. | rosmaninho
32 Sr - *Salvia rosmarinus* L. | alecrim
20 SI - *Salvia leucantha* L. | sálvia-bicolor

Época de Floração	Espécies Propostas			
	Cf	Ls	Sr	SI
Jan				
Fev				
Mar				
Abr				
Mai				
Jun				
Jul				
Ago				
Set				
Out				
Nov				
Dez				



DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM
ARQUITECTURA PAISAGISTA
UNIVERSIDADE DE LISBOA - INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA



INSTITUTO
SUPERIOR DE
AGRONOMIA

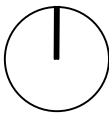
ANÁLISE HISTÓRICA E PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA QUINTA DE VALFLORES, LOURES

AUTORA: MARIA INÊS FURTADO RAIMUNDO DE OLIVEIRA ATANÁSIO
ORIENTADORES: PROFESSORA DOUTORA SÓNIA MARIA LOUÇÃO MARTINS TALHÉ AZAMBUJA E PROFESSOR DOUTOR
LUÍS MIGUEL COTRIM MATEUS

LISBOA, 16 DE JANEIRO DE 2023

LOCALIZAÇÃO

QUINTA DE VALFLORES,
SANTA IRIA DA AZÓIA



ESCALA

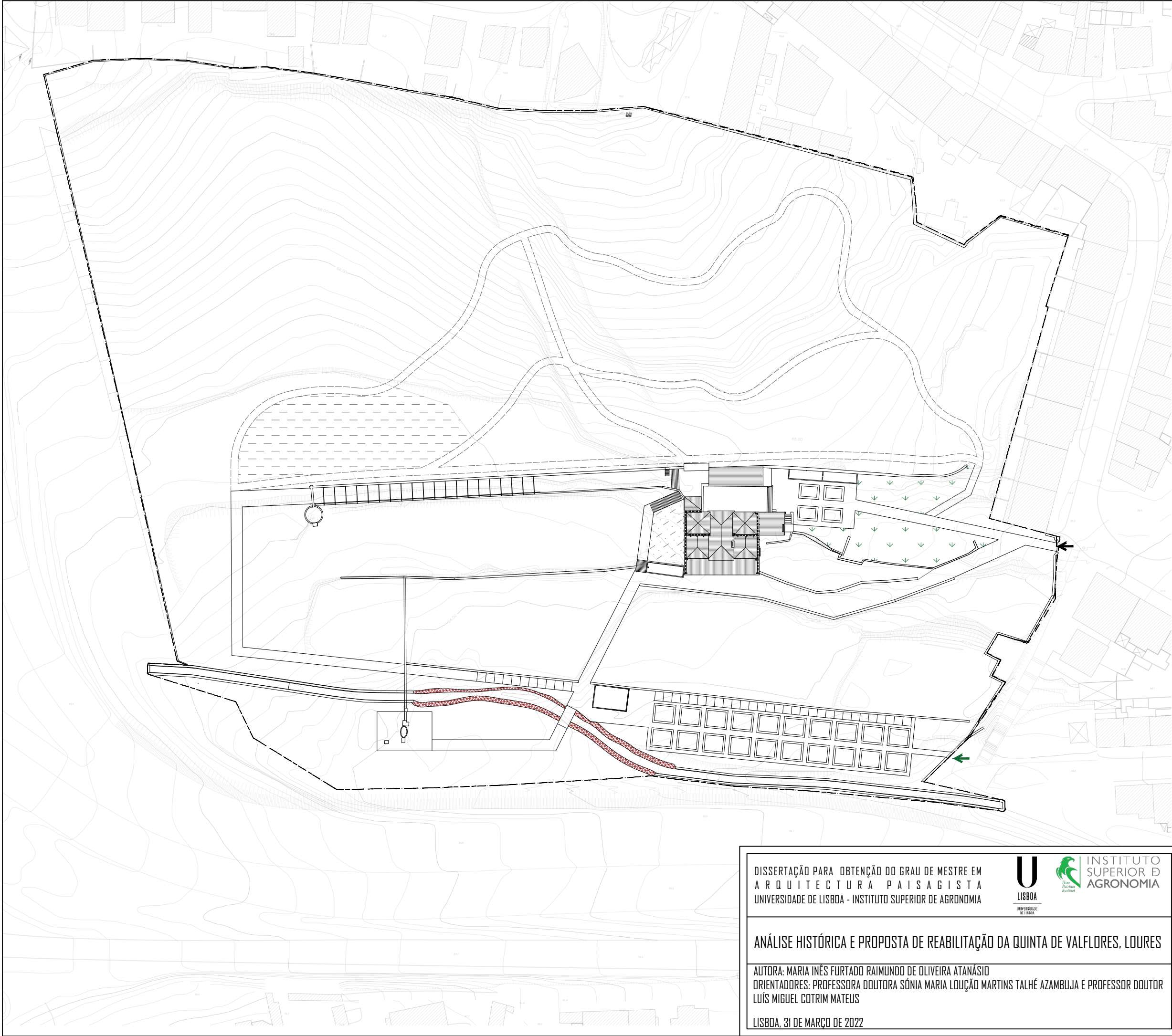
1:50

PEÇA

14b

PLANTA

PLANO DE PLANTAÇÃO DE ARBUSTOS
(CANTEIROS)



LEGENDA

LIMITE DA QUINTA

ENTRADA EXISTENTE

ENTRADA PROPOSTA

Prado florido baixo* (área = 700 m²)

Gramíneas (80%): *Brachypodium distachyon*, *Bromus* ssp., *Festuca arundinacea*, *Festuca ovina*, *Festuca rubra*, *Poa pratensis*

Flores (20%): *Allium roseum*, *Anagalis arvensis*, *Anthemis arvensis*, *Bartsia trixago*, *Bellis perennis*, *Calendula officinalis*, *Centaurea cyanus*, *Centaureum erythraea*, *Convolvulus tricolor*, *Gladiolus italicus*, *Gynandris sisyrinchium*, *Jasione montana*, *Leucanthemum sylvaticum*, *Lobularia maritima*, *Lotus corniculatus*, *Linum*, *bienne*, *Matricaria chamomila*, *Mentha pullegium*, *Nigella damascena*, *Prunella vulgaris*, *Sanguisorba minor*, *Silene scabriflora*, *Taraxacum officinalis*, *Tolpis barbata*, *Trifolium repens*

Prado florido médio* (área= 145 m²)

Gramíneas (80%): *Agropyrum* ssp., *Brachypodium phoenicoides*, *Brisa Maxima*, *Dactylis glomerata*, *Festuca arundinacea*, *Phleum pratense*, *Stipa gigantea*

Flores (20%): *Achillea ageratum*, *Agrimonia eupatoria*, *Allium ampeloprasum*, *Anthyllis vulneraria*, *Asphodelus fistulosus*, *Borago officinalis*, *Cistus salvifolius*, *Dipsacus comosus*, *Foeniculum vulgare*, *Gladiolus italicus*, *Hypericum perforatum*, *Iris xiphium xiphium*, *Linum perenne*, *Lupinus luteus*, *Marrubium vulgare*, *Matricaria chamomilla*, *Muscari comosum*, *Nepeta tuberosa*, *Nigella damascena*, *Ornithogalum narbonense*, *Plantago lanceolata*, *Ruta chalepensis*, *Salvia sclareaoides*, *Scabiosa atropurpurea*, *Thymus vulgaris*, *Urginea maritima*, *Verbascum thapsus*

*Mistura de sementes tipo prado florido baixo e médio da Sementes de Portugal

Prado de Sequeiro (área= 1221 m²)

Mistura (13g/m²): *Trifolium repens* (3g/m²) e *Lolium perenne* (10g/m²)

Herbáceas ripícolas (área = 165 m²)

Iris pseudacorus L. | lírio

Myosotis sp. L. | não-me-esqueças

Nasturtium officinalis R. Br. | agrião-de-água

Thypha latifolia L. | tábua larga

- Fonte: Levantamento topográfico, Câmara Municipal de Loures

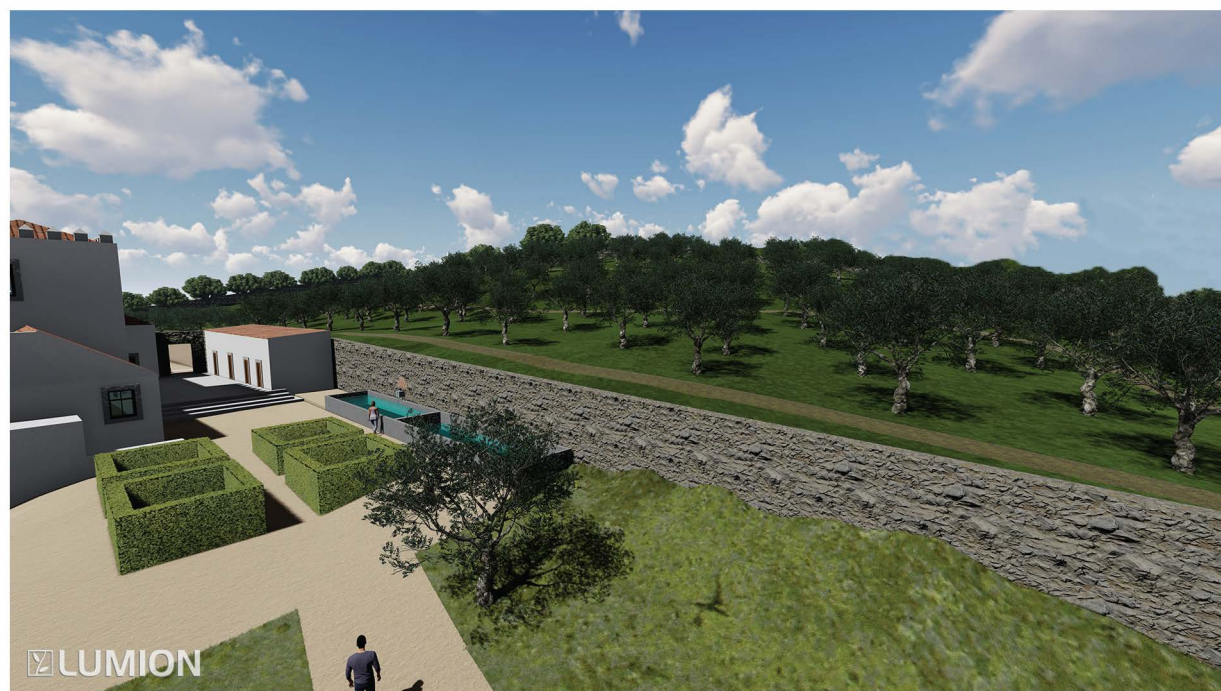
DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITECTURA PAISAGISTA UNIVERSIDADE DE LISBOA - INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA			INSTITUTO SUPERIOR D AGRONOMIA	
ANÁLISE HISTÓRICA E PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA QUINTA DE VALFLORES, LOURES			LOCALIZAÇÃO	
AUTORA: MARIA INÊS FURTADO RAIMUNDO DE OLIVEIRA ATANÁSIO ORIENTADORES: PROFESSORA DOUTORA SÓNIA MARIA LOUÇÃO MARTINS TALHÉ AZAMBUJA E PROFESSOR DOUTOR LUÍS MIGUEL COTRIM MATEUS LISBOA, 31 DE MARÇO DE 2022			QUINTA DE VALFLORES, SANTA IRIA DA AZÓIA	
			ESCALA	PEÇA
			1:1000	15
			PLANTA	
			PLANO DE PLANTAÇÃO DE HERBÁCEAS E SEMEITEIRAS	

Anexo VIII- Vegetação Proposta

Vegetação Arbórea Proposta						
Nome científico	Nome comum	Porte	Folha	Flor	Época de floração	Fruto
<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. fil.	limoeiro	até 6 m	perene	branca	Março - Abril	limão
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	laranjeira	até 10 m	perene	branca	Março - Abril	laranja
<i>Ficus carica</i> L.	figueira	até 8 m	caduca	verde-castanha-preta	Agosto - Setembro	infrutescência
<i>Fraxinus angustifolia</i> Vahl	freixo	até 25 m	caduca	amarela esverdeada	Janeiro - Março	sâmara
<i>Laurus nobilis</i> L.	loureiro	até 12 m	perene	Branca amarelada	Fevereiro - Abril	baga
<i>Malus domestica</i> (Borkh.) Borkh.	macieira	até 10 m	caduca	branca com margens rosadas	Abril - Maio	maçã
<i>Olea europae</i> var. <i>europae</i> L.	oliveira	até 15 m	perene	branca	Abril - Maio	azeitona
<i>Populus nigra</i> L.	choupo-negro	até 30 m	caduca	amarela avermelhada	Fevereiro - Abril	cápsula
<i>Prunus cerasus</i> L.	ginjeira	até 8 m	caduca	branca	Março - Maio	ginja
<i>Quercus faginea</i> Lam.	carvalho-cerquinho	até 25 m	marcescente	amarela	Abril - Maio	bolota
<i>Quercus rotundifolia</i> Lam.	azinheira	até 20 m	perene	amarela	Fevereiro - Maio	bolota
<i>Salix alba</i> L.	salgueiro-branco	até 25 m	caduca	amarela esverdeada	Março - Abril	cápsula

Vegetação Arbustiva Proposta						
Nome científico	Nome comum	Porte	Folha	Flor	Época de floração	Fruto
<i>Chrysanthemum frutescens</i> (L.) Sch.Bip	malmequer	até 1 m	perene	branca	Todo o ano	aquénio
<i>Lavandula stoechas</i> L.	rosmaninho	até 1 m	perene	azul-arroxeadas	Maio - Novembro	esquizocarpo
<i>Myrtus communis</i> L.	murta	até 5 m	perene	branca	Maio - Julho	baga
<i>Prunus spinosa</i> L.	abrunheiro-bravo	até 6 m	caduca	branca	Março -Abril	drupa
<i>Rhamnus alaternus</i> L.	sanguinho-das-sebes	até 5 m	perene	branca	Março - Maio	drupa
<i>Salix purpurea</i> L.	salgueiro de casca-roxa	até 6 m	caduca	verde	Abril	cápsula
<i>Salvia leucantha</i> Cav.	salvia bicolor	até 1 m	caduca	roxa e branca	Maio - Outubro	aquénio
<i>Salvia rosmarinus</i> L.	alecrim	até 1,8 m	perene	violácea, azulada ou branca	Janeiro - Maio	aquénio
<i>Vitis vinifera</i> L.	videira	até 3 m	caduca	verde	Maio - Junho	uvas

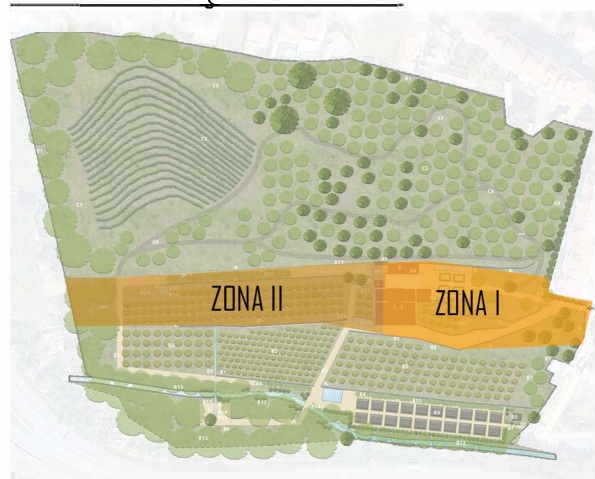
ÁREA CENTRAL - ZONA I



ÁREA CENTRAL - ZONA II



DELIMITAÇÃO DE ZONAS



DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITECTURA PAISAGISTA UNIVERSIDADE DE LISBOA - INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA		 LISBOA UNIVERSIDADE DE LISBOA	 INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA	LOCALIZAÇÃO QUINTA DE VALFLORES, SANTA IRIA DA AZÓIA	
ANÁLISE HISTÓRICA E PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA QUINTA DE VALFLORES, LOURES				ESCALA SEM ESCALA	PEÇA 16
AUTORA: MARIA INÊS FURTADO RAIMUNDO DE OLIVEIRA ATANÁSIO ORIENTADORES: PROFESSORA DOUTORA SÓNIA MARIA LOUÇÃO MARTINS TALHÉ AZAMBUJA E PROFESSOR DOUTOR LUÍS MIGUEL COTRIM MATEUS LISBOA, 31 DE MARÇO DE 2022				PLANTA SIMULAÇÕES I	

ÁREA SUL - ZONA III



ÁREA SUL - ZONA IV



DELIMITAÇÃO DE ZONAS

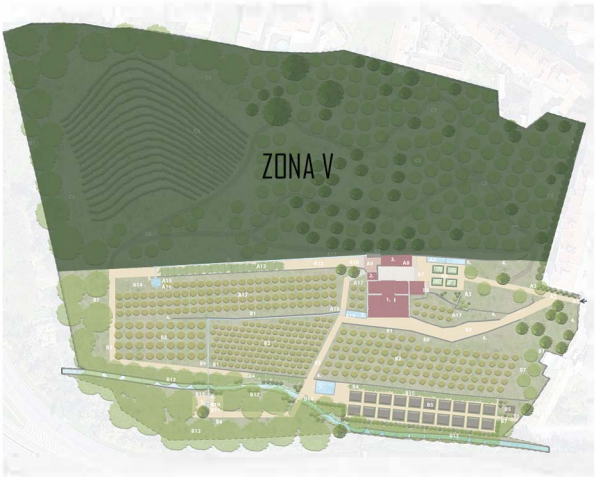


DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITECTURA PAISAGISTA UNIVERSIDADE DE LISBOA - INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA		LOCALIZAÇÃO QUINTA DE VALFLORES, SANTA IRIA DA AZÓIA	
ANÁLISE HISTÓRICA E PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA QUINTA DE VALFLORES, LOURES		ESCALA SEM ESCALA	PEÇA 17
AUTORA: MARIA INÊS FURTADO RAIMUNDO DE OLIVEIRA ATANÁSIO ORIENTADORES: PROFESSORA DOUTORA SÓNIA MARIA LOUÇÃO MARTINS TALHÉ AZAMBUJA E PROFESSOR DOUTOR LUÍS MIGUEL CDTRIM MATEUS		PLANTA SIMULAÇÕES II	
LISBOA, 31 DE MARÇO DE 2022			

ÁREA NORTE - ZONA V



DELIMITAÇÃO DE ZONAS



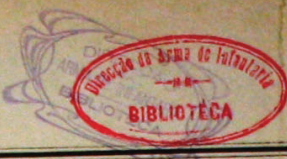
DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITECTURA PAISAGISTA UNIVERSIDADE DE LISBOA - INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA U LISBOA UNIVERSIDADE DE LISBOA INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA			LOCALIZAÇÃO	QUINTA DE VALFLORES, SANTA IRIA DA AZÓIA	1
ANÁLISE HISTÓRICA E PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA QUINTA DE VALFLORES, LOURES			ESCALA	SEM ESCALA	PEÇA 18
AUTORA: MARIA INÊS FURTADO RAIMUNDO DE OLIVEIRA ATANÁSIO ORIENTADORES: PROFESSORA DOUTORA SÓNIA MARIA LOUÇÃO MARTINS TALHÉ AZAMBUJA E PROFESSOR DOUTOR LUÍS MIGUEL CDTRIM MATEUS LISBOA, 31 DE MARÇO DE 2022			PLANTA	SIMULAÇÕES III	



Planta de Casdastro de Santa Iria da Azóia, 1951 (Fonte: Arquivo ADPAC)

25
18 17 16
11

CORPO DO ESTADO MAIOR



CARTA DOS ARREDORES DE LISBOA

17



Reduzida em 1911

de Lisboa - Sintra

Escala 1:20.000
Sinaes Convencionaes

Água	Linhas férreas	Caminho de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro
Barro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro
Arvore	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro
Arvore	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro
Arvore	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro
Arvore	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro
Arvore	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro
Arvore	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro
Arvore	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro	Estação de ferro

Carta dos Arredores de Lisboa, Corpo do Estado Maior , nº 17, 1903. (Escala 1:20 000)

Anexo XIII – Fotografias Antigas



Quinta de Valflores, anos 60, séc. XX Arquivo IHRU (SIPA) Foto nº 529471 (Fonte: facebook.com/QuintaDeValeDeFlores)



Quinta de Valflores, anos 80-90 © Carlos Pacheco (Fonte: facebook.com/QuintaDeValeDeFlores)



Quinta de Valflores, anos 80, séc XX, durante as cheias © Luís Soldados (Fonte: facebook.com/QuintaDeValeDeFlores)



Quinta de Valflores, anos 90 © Victor Alves (Fonte: facebook.com/QuintaDeValeDeFlores)